



Universidade Federal de Campina Grande

Centro de Humanidades

Programa de Pós-Graduação em História

**TEMP(L)OS DE CURA: as metáforas de cura na construção
das identidades da Assembléia de Deus no Brasil**

Roseane Alves Britto

CAMPINA GRANDE - PB
AGOSTO DE 2009

Roseane Alves Britto

TEMP(L)OS DE CURA:

**As metáforas de cura na construção das identidades da
Assembléia de Deus no Brasil**

Roseane Alves Britto

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em História, Área de Concentração em Cultura, Identidade e Poder, em Campina Grande, 2009.

Orientador: Dr. Iranilson Buriti de Oliveira

CAMPINA GRANDE - PB

AGOSTO DE 2009



B794t Britto, Roseane Alves
Temp(1)os de cura As metáforas de cura na construção das
identidades da Assembleia de Deus no Brasil / Roseane Alves
Brito. - Campina Grande, 2009.
159 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

1. Religião e Sociedade - Brasil 2. Religião - Cura 3.
Igreja Assembleia de Deus 4. Identidade - Construção -
História 5. Cultura - Identidade - Poder 6. Dissertação I.
Oliveira, Iranilson Buriti de, Dr. II. Universidade Federal
de Campina Grande - Campina Grande(PB) III. Título

CDU 2-67(81)(043)

Roseane Alves Britto

TEMP(L)OS DE CURA:

As metáforas de cura na construção das identidades da Assembléia de
Deus no Brasil

Avaliado em: _____ / _____ / 2009

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira – PPGH/UFCG
Orientador

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino – PROLING/UFPB
Examinador Externo

Profª. Dra. Regina Coelli Nascimento – PPGH/UFCG
Examinadora Interna

Profª. Dra. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega – UAL/UFCG
Suplente Externo

CAMPINA GRANDE - PB

AGOSTO DE 2009

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Yavé dedico minha total gratidão pela presença constante, principalmente nas madrugadas quando o sono me fugia aflorando o medo e a insegurança de não saber como conduzir esta pesquisa.

Ao amado Jesus que me resgatou a auto-estima de continuar meus estudos e alcançar esta vitória que devolverei ao seu inteiro dispor.

Ao Espírito Santo, fiel ajudador que me deu excelentes *insights* que inspiraram muitos parágrafos desta dissertação.

A meu esposo Lúcio Flávio e filhos queridos, Flavianne, André e Flávia, fortes colaboradores. Minha profunda gratidão, amo vocês!

Meus agradecimentos são intensamente afetuosos a cada uma das pessoas que contribuíram para a construção deste trabalho: Apóstolas Valnice Milhomens, Rivanda Alves, professores e estudantes da Escola de Formação, pelas orações, palavras de incentivo e coleta de dados para esta pesquisa.

Destaco entre os amigos, Josélia Rocha, que sempre acreditou que eu conseguiria concluir este mestrado se mantendo sempre presente com seu companheirismo.

Ao meu orientador e amigo, Iranilson Buriti de Oliveira que, com sabedoria, simplicidade e, acima de tudo, competência, me ensinou que escrever é uma arte que brota não apenas do conhecimento acadêmico, mas da troca de experiências e esforço de tentar acertar.

À banca de qualificação que me outorgou excelentes contribuições e me deu a honra de tê-los mais uma vez na defesa final.

E, é claro, à Igreja Assembléia de Deus, pelas contribuições oferecidas direta e indiretamente em documentos e relatos que possibilitaram este estudo.

Assembléia de Deus

*Em Belém do Pará onde começou,
a doutrina dos dons, Deus enviou,
o batismo de fogo para os fiéis
era mil novecentos e dez.*

*Assembléia de Deus no Brasil chegou,
cuidando das doutrinas e também dos dons
porta que abriu, nunca mais fechou
Deus mutiplicou o seu rebanho.*

*Os líderes da Assembléia que formada estão
Daniel Berg e Gunar Vingre seu irmão
e os outros pioneiros ainda estão lutando
e Cristo lá do céu abençoando.*

*Assembléia de Deus no Brasil chegou,
cuidando das doutrinas e também dos dons
porta que abriu, nunca mais fechou
Deus mutiplicou o seu rebanho.*

*Muitos ministérios a Assembléia tem
mas um só espírito apascentando vem
seu número é como as águas de muitos rios
foi a grande multidão que João viu.*

*Em cada cidade de nosso céu
Assembléia de Deus estendeu seu véu
em cada cidade tem uma igreja
o diabo já perdeu essa peleja.*

Maria Helena

RESUMO

O presente estudo objetiva analisar as práticas discursivas e não discursivas voltadas para o discurso de cura no espaço da Igreja Assembléia de Deus. Para tanto, abordaremos o estilo de vida e os hábitos construídos e desenvolvidos pelos líderes das Assembléias de Deus no Brasil e transmitidos aos seus membros ao longo dos anos. Serão analisados os chamados usos e costumes que foram criados e introduzidos na comunidade para “separá-la do mundo” e ajudar o fiel assembleiano no processo de santificação, purificação e manutenção da higiene espiritual. Analisaremos as metáforas de cura que exercem um papel preponderante nas práticas deste segmento religioso e que contribuem para a submissão ao padrão moral e ético da AD. O anseio pela saúde espiritual, emocional e física do sujeito desencadeia um cuidado de si que constrói identidade(s) no lócus da Assembléia de Deus. O corpo “santo” neste trabalho é apresentado como cabide e âncora dessas identidades que são construídas, moldadas e escolarizadas. Para a pesquisa do tema proposto, adotam-se como principais fontes depoimentos de líderes e fiéis, literaturas da AD, letras de músicas e documentos da instituição.

Palavras-chave: Cura, Corpo, Assembléia de Deus, Identidades.

ABSTRACT

This dissertation aims at investigating the discursive and non-discursive practices within the discourse on healing in the Assembly of God (AG) church. In order to achieve such goal, it will be examined the lifestyle and habits developed by the leaders of the Assemblies of God in Brazil which have been transmitted to its members throughout the years. It will be analyzed their costumes which were created and introduced in their community in order to “separate them from the world” and help them in the process of sanctification, purification and maintenance of spiritual hygiene. It will also be studied the metaphors about healing which have an outstanding role in the practices of this religious group and that contribute to their submission to the moral and ethic pattern of AG. The longing for spiritual, emotional and physical health promotes a desire for self-care that builds identities in the Assembly of God locus. The “holy” body is presented here as the hanger and anchor of such identities which are built, molded and taught. The main sources of this research are the testimonies of the leaders and members of AG, as well as their literature, song lyrics and documents.

Key-words: healing, body, Assembly of God, identities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- AD de Campina Grande/PB -----	32
Figura 02 - Congregação no bairro de Santo Antônio em Campina Grande/PB -----	32
Figura 03 - Disposição das cadeiras: Centralizada de frente para os membros ficam os pastores, nas duas laterais em destaque os grupos de louvor, Igreja Assembléia de Deus Central de Campina Grande-PB -----	34
Figura 04 - Pioneiro Daniel Berg-----	35
Figura 05 - Pioneiro Gunnar Vingren-----	35
Figura 06 - Missionários Suecos Daniel e Vingren -----	36
Figura 07 - Senhoras da AD com seus cabelos presos num congresso de mulheres paraibanas.-----	71
Figura 08 - Mulheres assembléias e suas vestes decentes no aniversário de 90 anos da AD em João Pessoa.-----	72
Figura 09 - Congresso de Mulheres da AD – Caetité – Ba-----	76
Figura 10: Aniversário do Círculo de Oração – Abreu e Lima(PE) -----	78
Figura 11- Mãe e filha assembleianas -----	87
Figura 12 – Batismo em açude – Belém do Pará-----	108
Figura 13: Batismo – Assembléia de Deus - Ministério de Cubatão/SP -----	112
Figura 14 - Numeroso batismo na AD em Natal – RN -----	116
Figura 15 -Tanque batismal da Assembleia de Deus – BH -----	117
Figura 16: Batismo no açude de Boqueirão/PB -----	118
Figura 17: Assembléia de Deus – BH (Galeria de Fotos – 1ª Ceia de 2009 -----	120
Figura 18:Assembléia de Deus – BH (Galeria de Fotos – 1ª Ceia de 2009 -----	121
Figura 19 - Brasão N° 01 -----	130
Figura 20 – Brasão da Assembléia de Deus – Itararé (SP)-----	130
Figura 21 – Brasão da Assembléia de Deus – Minas Gerais-----	131
Figura 22 – Brasão da Assembléia de Picuí – Paraíba-----	132
Figura 23 - Assembléia de Guarabira- Paraíba -----	132

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Revistas trimestrais dos anos de 1987 a 2008-----	106
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ----- 11

CAPÍTULO I. Berg e Vingren: Numa jornada além mar ----- 18

1.1 Nas Ondas do Espírito: A Assembléia de Deus e a construção de um espaço pentecostal no Brasil ----- 26

1.1.1 *Práticas Criadoras da Identidade Assembleiana: um “corpo santo”* ----- 28

1.2 A doença: metáfora da morte ou do milagre? ----- 37

CAPÍTULO II. “Tu levas já no teu corpo a minha assinatura”: as identidades da Assembléia de Deus através de seus usos e costumes ----- 51

2.1. Caminhadas pelo culto: desfile dos corpos, relatos de vidas ----- 51

2.2. Cabelos em lugar de véu ----- 70

2.2.1. *Jezabel não morreu?* ----- 74

2.3. “Nossos costumes são saudáveis”: os usos e costumes como marcas de santidade --- 78

2.4. Identidades contestadas: territórios conquistados ----- 88

Capítulo 3. “Dá-me o teu copo e eu te darei sentido, dou-te um nome e te faço uma palavra de meu discurso”: as identidades em revista --- 94

3.1. “Mortos para o mundo estão”: o batismo como a água que higieniza a alma ----- 108

3.2. “Preparas uma mesa perante mim”: A Santa Ceia como um momento de alegria e tristeza. ----- 120

Considerações Finais----- 127

Referências----- 130

Anexos ----- 140

INTRODUÇÃO

“Corria o ano de 1997, fazia 3 anos que eu tinha casado e estava com um filho de 4 meses. Tudo corria bem, até que uma situação muito difícil na empresa de meu esposo nos levou a uma profunda crise. Tudo parecia cair ao nosso redor, momentos de dor e desespero marcaram os meus dias, até que, sem suportar a terrível situação, entrei em uma profunda depressão e tive uma crise nervosa que marcaria minha vida durante os anos seguintes. Minha família vivia e era parte deste sofrimento que eu sentia e transmitia. E da noite para o dia, minha vida se encheu de medos e temores.

Como consequência destes problemas, minha saúde foi caindo, perdi peso, tive uma gastrite nervosa, assim como dores muito fortes em todo meu corpo. Em 2004 estive por seis vezes internada em um hospital, pois meu estado de saúde era lamentável. Planejei me matar, sumir, sair da terra. Tentei suicídio duas vezes sozinha e uma terceira, junto a minha família; para terminar de vez, com meu sofrimento. Estava desesperada e não via solução para a minha vida.

Durante minha estadia no hospital, um médico me disse que eles não poderiam me ajudar mais do que estavam fazendo. Olhou para mim e, com compaixão, me recomendou duas coisas: buscar ajuda em Jesus Cristo ou com um psiquiatra. Naquela hora, Deus estava me falando através deste médico que queria me ajudar, mas que sabia que meu problema era muito mais profundo que apenas um problema físico.

Poucos dias depois encontrei uma amiga cristã, e lhe contei o que estava acontecendo, revelando-me como alguém que já não tinha mais esperança e luz na vida, sentia que não havia saída no caminho que tinha escolhido. Minha amiga então, me convidou para ir a uma igreja Cristã, na qual fui com toda minha família, foi a primeira vez que meu esposo visitou uma igreja cristã em sua vida.

Deus fez algo neste culto e nós sentimos a tremenda presença do Senhor que limpava e curava nosso coração. Depois deste dia, comecei a constatar que eu estava sendo curada tanto física quanto espiritualmente, sem medicamentos nem terapias. Quando o psiquiatra me viu, não pôde acreditar, pois o meu estado tinha se transformado completamente. Deus havia

feito o milagre em minha vida e a única coisa que o médico me disse era que eu não precisava mais voltar ao consultório porque Deus havia feito a obra.

O desespero ficou para trás e hoje posso ver a vida de uma forma muito diferente, tenho desejo de viver. Hoje, podemos testemunhar que encontramos a paz e a tranquilidade que tanto havíamos procurado em outras coisas. Realmente posso dizer que não há outro caminho. Somente através de Jesus Cristo e da Palavra de Deus encontramos o alento que necessitamos para guiar nossa vida. Jesus nos sarou, restaurou nossa família, nos deu de seu amor. Obrigada Senhor!”(LEAL, 2007)

O relato acima repete uma temática recorrente em grande parte do discurso pentecostal, qual seja, testemunhos de cura e a apropriação de metáforas¹ médicas para narrarem a relação tanto com a dor e o sofrimento quanto com a libertação de tais males. No relato de Vanuza Leal², podemos perceber as marcas textuais que apontam para a cura: Jesus nos sarou, restaurou nossa família. A constatação por parte do psiquiatra de que ela estava sendo curada e a crença da mesma nesse discurso sinaliza um pouco do que iremos estudar nesta dissertação de mestrado. Nosso objetivo é verificar como a identidade da Assembléia de Deus (AD) vai sendo construída no Brasil no século XX, sendo as metáforas de cura um dos meios pelos quais tais identidades são tecidas, elaboradas, narradas, pensadas. A questão da identidade é um conceito fundamental que pode nos ajudar a problematizar o momento histórico em que vivemos e a sua relação com o movimento pentecostal.

O pentecostalismo³ como uma vertente inserida num contexto sócio-histórico tem promovido vários estudos acadêmicos, problematizando as redes socioculturais, as identidades e identificações dos grupos históricos, dando visibilidade à geografia desses “grupos ocultos” na historiografia, no dizer de Certeau (2000), estudando traços e pontos de ressurgência das idéias religiosas.

¹ Neste trabalho, empregaremos o conceito de metáfora como “signos cristalizados pelo uso habitual, a ponto de não causarem ‘efeito surpresa’ nos interpretantes”. Configuram-se assim como ícones incorporados à experiência cotidiana. Apesar de muitos estudos sobre metáfora, preferimos dialogar com Aristóteles, para quem a “metáfora é definida como o recurso a um nome de outro tipo, ou então como a transferência para um objeto de um nome próprio de um outro, operação que pode se dar por (...) analogia” (ARISTÓTELES, 2003)

² Durante todo o trabalho, iremos utilizar pseudônimos para as pessoas entrevistadas. Para pastores, cantores e pregadores, conservaremos o nome.

³ O pentecostalismo no Brasil é um evento religioso que tem seu nascimento nos primeiros anos do século XX. Em seu início, o movimento pentecostal brasileiro possuía uma forte ligação com seu similar norte-americano, devido ao fato que os primeiros missionários que aqui aportaram, apesar da nacionalidade européia, eram imigrantes naquele país. Ambos pentecostalismos se tornaram independentes um do outro, guardando suas próprias especificidades. Porém, é claro que houve influências provenientes dos primeiros missionários suecos que chegaram ao Brasil e que possuíam uma cosmovisão forjada no meio pentecostal de Chicago, EUA. Confira GUIMARÃES, 2006.

Campos (1997), em seu livro “Teatro, templo e mercado”, fruto de uma de suas pesquisas no campo das Ciências das Religiões, assinala o trabalho de Paul Freston que se empenhou em analisar as transformações evidenciadas no cotidiano político dos protestantes brasileiros; como também a ênfase que Ricardo Mariano deu às mudanças que o próprio pentecostalismo tem experimentado, sem deixar de mencionar os escritos de André Corten que focaliza o crescimento do pentecostalismo e do movimento carismático em relação ao esvaziamento da “teologia da libertação”; e as formulações de Cecília Mariz e Maria das Dores Machado no que diz respeito à relação entre o pentecostalismo e a questão da pobreza, feminismo e exclusão social.

Dessa forma, a academia tem se voltado, nas duas últimas décadas, a visitar o pentecostalismo como objeto de pesquisa. Embora muitos historiadores ainda estejam indiferentes ao assunto, cercados por preconceitos temáticos⁴, o que se percebe é que antropólogos, sociólogos, psicólogos, comunicólogos e cientistas da religião tentam mergulhar nesse cenário.

Certeau (2000), estudando a relação entre história e teologia, enfatiza que o estudo da religião e das religiosidades foi posto, pelos Iluministas, sob o signo das superstições, “*um folklore abandonado na rota do progresso estranho aos cortes intelectuais ou sociais*” (2000, p.35). É dessa forma que, para Certeau, quando o estudo sobre o mundo religioso é posto tão somente no reino da “mística” ou do “folklore”, assume “*a imagem do marginal e do atemporal*”. (2000, p. 35)

Rompendo com essa concepção, vários estudiosos surgem, no Brasil, analisando e problematizando esse campo temático, especificamente os movimentos ligados ao protestantismo, dentre os quais citamos os trabalhos de: Magali do Nascimento Cunha (*Vinho Novo em Odres Velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil*)⁵, Márcia Leitão Pinheiro (*Na ‘Pista’ da Fé: música, festa e outros encontros culturais entre os evangélicos do Rio de Janeiro*)⁶, Carlos Tadeu Siepieski (“*De bem com a Vida*”: o sagrado num mundo em transformação. Um estudo sobre a Igreja

⁴ Sobre os preconceitos dos historiadores e de outros intelectuais em relação a realidades religiosas, verifique CERTEAU, 2000. Nesta obra, Certeau faz uma crítica sutil a Michel Foucault sobre a ausência de referência à literatura religiosa na interpretação que este filósofo faz da *episteme clássica*.

⁵ CUNHA, Magali. Tese de Doutorado em Comunicação – ECA – USP, 2004.

⁶ PINHEIRO, Márcia Leitão. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

<<http://dedalus.usp.br:4500/ALEPH/POR/USP/USP/TES/FULL/1215779>>

Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea)⁷, Luiz Cândido (*O culto como representação, exercício e atualização da memória religiosa*)⁸, Fábio Henrique Pereira (*O Novo Canto da Terra. Estudo sobre sua contribuição à renovação litúrgico-musical das igrejas Evangélicas*)⁹, dentre outros. Apresentamos aqui os títulos dos trabalhos a fim de facilitar a compreensão do leitor acerca do campo temático que justifica nossa afirmação sobre pesquisas ligadas ao cenário protestante.

Além desses pesquisadores, Campos (1997) afirma ter realizado pesquisas juntamente com Alberto Antoniazzi e Benjamin Gutierrez, o que resultou na produção de coletâneas e artigos incluindo a publicação em português de uma obra coletiva, que reúne textos de quinze pesquisadores latino-americanos, na qual foram analisadas as reações do protestantismo histórico continental diante do “fenômeno” pentecostal.

No tempo presente, muitos intelectuais têm se voltado para essa problemática, levando em consideração as práticas culturais, porque estas “*representam uma realidade social*”. (CERTEAU, 2000, p.37)

Mediante essas novas possibilidades de leituras e interpretações historiográficas, este trabalho visa iniciar uma reflexão tendo como enfoque as metáforas de cura presentes no discurso dos pentecostais, mais precisamente na Igreja Assembléia de Deus. A semelhança, recepção e apropriação de palavras e expressões do vocabulário médico neste ambiente através dos sermões, padrões de comportamento, literatura, símbolos e canções, despertam a curiosidade desta análise. Adotamos a hipótese de que o processo receptivo do discurso de cura pelos fiéis assembleianos tende a enriquecer a nossa problemática de pesquisa se levarmos em consideração os paradigmas dos Estudos Culturais, principalmente o conceito de *recepção* formulado por Stuart Hall nos idos dos anos 70, quando procurou estudar a questão da *Codificação/decodificação do discurso*. Tomar o conceito de *recepção* ou *ato receptivo* a partir dos pressupostos conceituais dos estudos culturais pode contribuir para problematizarmos melhor o nosso objeto de pesquisa.

Outro conceito presente neste trabalho é o de *identidades*, o qual será utilizado sempre no plural, pois consideramos que a identidade não é fechada em si mesma e que os pentecostais mesmo que, “inconscientemente”, ressignificam esse conceito em seu cotidiano.

⁷ SIEPIESKI, Carlos Tadeu. Tese de Doutorado em Antropologia – USP, 2001.

⁸ Mestrado em Ciências da Religião – UMESP, 2001.

⁹ Doutorado em Ciências da Religião – UMESP, 2001.

De acordo com Hall (2003, p.13), “*o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente*”.

As mudanças ocorridas na rota ministerial dos pioneiros da Assembléia de Deus retratam essa insolidéz da identidade. As novas experiências dos suecos Vingren e Berg resultaram numa mudança de hábitos que originou o surgimento de um novo grupo protestante – Os Pentecostais. O falar novas línguas (glossolalia), o cuidado com a apresentação do corpo e a crença nas manifestações de cura parecem abrir novas possibilidades de contato entre Deus e o homem, o limpo e o sujo, o puro e o profano, uma busca intensa em alcançar qualidade de vida aqui na terra e moradia certa no céu. Mas quem garante que por esses meios é possível conseguir o milagre da vida feliz na terra e no porvir?

É, portanto, mediante a ênfase na cura, santidade, regras de comportamento para agradar a Deus, que podem emergir idéias sobre “deve” e “não deve”, “certo” e “errado”, “pode” e “não pode”. Uma “dieta” espiritual é muitas vezes prescrita. Um diagnóstico é elaborado para os fiéis alcançarem saúde no corpo e na alma. Pode-se argumentar que esse processo que vai do ritual à práxis, que identifica o que é importante para o “dever” ser, representa a entrada da religião na medicina e da medicina na religião. Na verdade, é um reencontro da religião com as artes de curar, já que, na Antiguidade, o responsável pela cura das pessoas era o sacerdote.

Diante dessas considerações iniciais, iremos apresentar, agora, um desenho da nossa dissertação. Para a composição deste trabalho serão realizadas pesquisas bibliográficas e documentais (Estatuto, Regimento Interno da AD), a fim de identificar metáforas de cura na apresentação das normas de conduta da igreja. Recortaremos como fontes as entrevistas com membros que permanecem na denominação e outros que trocaram de igreja migrando para outro segmento chamado de neopentecostalismo¹⁰. E, ainda, analisaremos outras fontes, tais como algumas revistas da (EBD - Escola Bíblica Dominical), alguns exemplares do jornal Mensageiro da Paz produzido pela AD, letras de músicas e de sermões proferidos por pregadores da citada denominação. A partir desse *corpus* documental, iremos problematizar o quanto a linguagem metafórica do campo médico no seio pentecostal possivelmente favorece a construção de identidades na Assembléia de Deus no Brasil.

¹⁰ A terceira onda ou neopentecostalismo teve seu início no final dos anos de 1970. A maior representante deste grupo, conforme o consenso da maioria dos pesquisadores do fenômeno pentecostal, é a igreja Universal do Reino de Deus. Além desta, a terceira onda é composta por outras grandes e expressivas igrejas como Internacional da Graça de Deus, Cristo Vive, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Comunidade da Graça, Renascer em Cristo e inúmeras outras espalhadas pelo Brasil (OLIVEIRA, 2006)

Feita essa discussão teórico-metodológica, gostaríamos de justificar o recorte temporal desta pesquisa. Temporalmente, demarcamos esta dissertação em 1910, com a chegada dos missionários suecos ao Brasil. Depois fugindo da história linear, enfatizaremos o período de 1980 a 2008, pois neste contexto emergem novas práticas no seio da AD, como a popularização do mercado fonográfico. Escolhemos trabalhar com o tempo subjetivo e não linear até por que seria impossível uma pesquisa desse porte. Nossa intenção é proporcionar ao leitor uma visão geral do surgimento do movimento pentecostal no Brasil e suas principais práticas que demarcam o jeito ser assembleiano.

No primeiro capítulo, colocaremos em cena a emergência da doutrina pentecostal com a criação da Assembléia de Deus e as constantes referências aos dons de curar. Tanto a música quanto a pregação e os testemunhos serão fontes privilegiadas pelo historiador para analisar como se produziu um espaço marcado pela apropriação do discurso de cura. Estudar a década de 1910 é uma maneira de situar o leitor sobre o momento fundante do movimento pentecostal do Brasil.

Estudar as práticas religiosas discursivas e não-discursivas da Assembléia de Deus parece ser um marco importante porque, antes dela, as igrejas históricas não enfatizavam com veemência os dons do Espírito Santo e sua relação com a prática da cura. Como diz Certeau (2000), essas “maneiras” de crer, de fazer, de se comportar constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas práticas, discursos e pela produção sociocultural. Esses modos de proceder, de agir, de pensar, de crer e de pregar desses consumidores do discurso pentecostal compõem os fios que tecem os capítulos desta dissertação.

Começamos o texto fazendo um rápido relato da chegada dos pioneiros da Assembléia de Deus, Daniel Berg e Gunnar Vingren. Neste primeiro capítulo abordaremos como se deu a construção de um espaço pentecostal no Brasil e discutiremos as práticas criadoras da identidade assembleiana mediante um “corpo santo”.

No segundo capítulo, tentaremos problematizar o discurso de cura apresentado nas letras de músicas e relatos presentes nos questionários e documentos internos da igreja, a exemplo do Estatuto e Regimento Interno. Neles, a metáfora do corpo sarado é, mais uma vez, explorada, onde a marca definidora da identidade assembleiana é ancorada nas ações dos fiéis e fundamentada na pedagogia da santidade.

No terceiro e último capítulo, discutiremos como a igreja Assembléia de Deus constrói identidades através das Revistas da Escola Bíblica Dominical e divulga mediante a simbologia do batismo nas águas e santa ceia a crença na purificação do corpo e da alma.

Depois de apresentar esse trajeto inicial, convidamos o leitor a adentrar no “temp(l)o” da Assembléia de Deus através deste texto, percorrendo, assim, novos caminhos, novas rotas de investigação, estradas marcadas pelas metáforas de cura.

CAPÍTULO I

BERG E VINGREN: NUMA JORNADA ALÉM MAR

Mas recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra. (ATOS 1:8)

Esta história começa no cais de Belém do Pará, em novembro de 1910. Começa com passos, com pegadas, sob o sol e calor causticantes típicos da zona equatorial. Dois jovens suecos desembarcaram nas Docas, vindos dos Estados Unidos para ajudarem na expansão do protestantismo no Brasil. Seus nomes? Daniel Berg e Gunnar Vingren. Talvez seja mais conveniente dizer que esta história não tem uma origem determinada, um começo pré-definido, porque envolve também um despertar espiritual que estava ocorrendo na Rua Azuza, Chicago, Estados Unidos.

Neste território, outras pegadas estavam sendo dadas, outras caminhadas rumo à ruptura com um tipo de protestantismo clássico. Caminhadas que marcaram uma nova fisionomia para a igreja. Que caminhadas foram essas? Que trajetos foram abertos no início do século XX pelos protestantes norte-americanos?

A Igreja Batista norte-americana estava experimentando outro tipo de relação com o Espírito Santo e começou a pregar que, a exemplo dos crentes da igreja primitiva, todos os que criam poderiam ser batizados pelo Espírito Santo. Este discurso passou a educar os sentidos dos ouvintes que, sensíveis a esta “nova” doutrina, procuraram recepcionar o batismo no Espírito Santo e os seus dons, dentre eles o dom de curar. Conforme Romeiro (2005), foi em Topeka, Kansas (EUA), que surgiu o movimento pentecostal como é conhecido hoje: “O pregador Charles Parham começou, em 1900, uma escola bíblica denominada Betel. Parham reuniu cerca de nove alunos para que estudassem juntos e sem o auxílio de nenhum livro além da Bíblia o tema do batismo no Espírito Santo” (p.31). Ainda de acordo com Romeiro,

Os adeptos do pentecostalismo passaram a enfatizar o batismo com (ou no) Espírito Santo como revestimento de poder subsequente à conversão e ao falar em línguas

estranhas. Outros dons ou manifestações sobrenaturais também passaram a fazer parte das reuniões pentecostais, como a cura física, as profecias e os dons de milagres e de discernimento. (ROMEIRO, 2005, p.21)

O dom de curar tornou-se cada vez mais presente nos cultos e reuniões dos crentes que, ainda mais enfáticos, passaram a divulgar que, à semelhança do passado, Deus continuava curando no presente. Isto desencadeia o que os pesquisadores e teólogos denominam de “reavivamento espiritual”. Conforme Oliveira (2006, p.119), grande parte “dos pesquisadores do pentecostalismo concorda que esse movimento, apesar de ter sido instituído por volta de 1906 (...) possui suas raízes no movimento de reavivamento do século XIX, que se originou entre os anos 1840 e 1850 nos Estados Unidos”.

Esse movimento foi marcado por uma grande busca tanto pelo sobrenatural quanto pela propagação das teorias de John Wesley (século XVIII), referente à santificação total do crente e à perfeição da vida cristã. Por outro lado, apesar de o pentecostalismo em muitos aspectos se distanciar dos ensinamentos de Wesley¹, é possível encontrar alguns pontos de contato entre eles, a exemplo da dimensão emocional da experiência religiosa e a preocupação com a restauração da fé apostólica.

Na dimensão emocional, podemos citar a ênfase no mundo do sobrenatural, algo que passou a ser cada vez mais sensível aos pentecostais norte-americanos, fazendo parte de um viver cotidiano. Sobre a sensibilidade e a educação dos sentidos, Duarte (2000) comenta que

(...) ao longo da vida aprenderemos sempre com o ‘mundo vivido’, através de nossa sensibilidade e nossa percepção, que permitem que nos alimentemos dessas espantosas qualidades do real que nos cerca: sons, cores, sabores, texturas e odores, numa miríade de impressões que o corpo ordena, na construção do sentido primeiro. O mundo, antes de ser tomado como matéria inteligível, surge a nós como objeto sensível. (DUARTE, 2000, p.14)

Esse mundo, como objeto sensível, faz parte deste trabalho, pois queremos abordar como uma nova sensibilidade passou a fazer parte do cotidiano de homens e mulheres, jovens, crianças, cidadãos que passaram a viver o seu corpo diferentemente, sentindo emoções, sons, cheiros, sabores, texturas as mais variadas. Dessa forma, impelidos por essa nova “textura espiritual”, jovens da Primeira Igreja Batista de Chicago resolvem caminhar para os “confins

¹ Pelo menos duas diferenciações podem ser estabelecidas entre John Wesley e os pentecostais. 1) Enquanto John Wesley priorizava os frutos do Espírito Santo para se alcançar à santificação, os ensinamentos pentecostais priorizam os dons do Espírito; 2) os pentecostais priorizam o poder curador concedido pelo Espírito, enquanto Wesley priorizava o poder santificador do Espírito. (OLIVEIRA, 2006, p. 119).

da terra”, viajar por outros mapas, construir novos percursos, conhecer novas rotas, evangelizar outras terras. Romeiro (2005) destaca que, nos Estados Unidos,

Chicago desenvolveria um importante papel na exportação do fenômeno pentecostal para o Brasil. A cidade tornou-se uma rota missionária para três pregadores que lançariam as bases para o movimento pentecostal em solo brasileiro: Louis Francescon fundador da Congregação Cristã no Brasil, Daniel Berg e Gunnar Vingren fundadores da Assembléia de Deus. (ROMEIRO, 2005, p.34)

Essa disposição que impulsionou os “pais peregrinos” para o Brasil estava marcada pelos ideais do protestantismo no século XIX. O sonho americano de expandir uma civilização cristã baseada no tripé religião-moralidade-educação, segundo afirma Gouvêa (1995), visava ao “avanço da civilização, nos princípios do progressismo, norteava-se pela vinda do Reino de Deus, aperfeiçoamento e coroação dessa civilização” (p, 59). Para Gouvêa (op.cit.), os missionários que se instalaram no Brasil a partir do século XIX, majoritariamente originários dos Estados Unidos da América, tinham uma estreita relação com a ideologia expansionista do “Destino Manifesto”. A profunda certeza que possuíam os americanos de que sua nação tinha sido escolhida por Deus para uma missão universal fazia com que carregassem sobre seus ombros a tarefa de alcançar as “nações pagãs” com a sua ética, fé religiosa, cultura e civilização. De acordo com Mendonça,

Pelo menos no século XIX, o melhor e mais eficiente condutor da ideologia do “Destino Manifesto” foi a religião americana, ou melhor dizendo, o protestantismo americano com sua vasta empresa educacional e religiosa, que preparou e abriu caminho para o seu expansionismo político e econômico. No caso do Brasil, se no campo religioso seu sucesso foi quase nulo, na educação e na cultura geral, para não dizer no político e econômico, a influência americana não pode deixar de ser sentida, embora não logo após a implantação do protestantismo, mas ao longo de cento e tantos anos de sua chegada. (MENDONÇA, 1995, p. 62)

Sendo assim, educados pelos sons que lhes cercam e inflamados por outro tipo de calor – o do Espírito Santo -, Gunnar Vingren e Daniel Berg partem para o Brasil, experimentando os cenários e as linguagens de uma nação até então desconhecida por eles. Entre a pouca bagagem que traziam, estavam a metodologia de pregação e a ênfase no Espírito Santo que alterariam profundamente o perfil sócio-religioso do Brasil e inaugurariam um novo conceito para os crentes: o pentecostal. Esta estratégia narrativa escolhida por eles cinge a noção de caminhada, pois é a partir da experiência móvel e criativa de produzir e experimentar os espaços, de aplinar os discursos que se pretendem homogêneos e eternos,

que nascem as múltiplas experiências com o novo, com o diferente². Nas caminhadas entre os novos espaços e o tempo, novas falas e paisagens se interconexam, se multiplicam, se repetem como na Igreja Primitiva. Novas falas tecem os lugares (caminhadas)³ e educam o corpo dos ouvintes.

Como diz Certeau (2000), os processos de caminhar reportam-se a mapas urbanos de maneira a transcrever-lhe os traços e as trajetórias. Trajetória que se iniciou através de um mapa *mundi*, quando Gunnar Vingren e Daniel Berg, após saberem que deveriam vir a Belém do Pará, começaram a procurar no mapa, ainda nos Estados Unidos, onde se localizava tal cidade. Descobriram que se tratava de uma pequena *urbs* no norte do Brasil, de clima tropical úmido, temperatura quente, banhada pela baía do Guajará. (VINGREN, 1973, p. 20)

Viajam ao Brasil, chegando a Belém em 19 de novembro de 1910. Não havia ninguém os esperando no cais e, pela primeira vez, ouviram o idioma português. “Bom dia”, “boa tarde”, “boa noite” eram expressões que até então nada significavam para os estrangeiros que desceram no cais de Belém, próximos ao mercado Ver-o-peso⁴. Uma sensação de temor provavelmente invadiu o coração dos jovens peregrinos por não compreenderem nada do que se falava.

Os gritos dos vendedores de tacacá, tucupi, maniçoba, pirarucu, dentre outras iguarias comercializadas no Ver-o-Peso, representavam mais uma “língua estranha”, não a do Espírito Santo, mas a dos brasileiros influenciados pelos idiomas indígenas. Os jovens se entreolharam no meio da gente que passava para lá e para cá, que ia e que vinha, que comprava e/ou que vendia, que praticava aquele espaço. Nesta hora, lembraram-se de uma promessa bíblica e a apropriação do discurso sobrenatural de que “*se obedecessem nada lhes faltaria*” impulsionou os rapazes a entrarem na cidade, adotando-a em seus corações⁵.

Ainda no Ver-o-peso, enquanto o nariz capturava o cheiro dos peixes e das aves vendidas naquele mercado, tempos e espaços se cruzavam diante dos missionários, encontro do calor pentecostal com o equatorial, do milagre da multiplicação dos peixes com os peixes comercializados no Ver-o-peso, das galinhas e patos que eram vendidos no Mercado com o corvo que providenciou a comida para o profeta Elias⁶, do ide apostólico com o ide das

² A experiência com o Espírito Santo não é nova, pois a Igreja Primitiva recepcionou os moveres do Pentecoste. No entanto, para o Brasil, no início do século XX, era algo completamente novo, diferente.

³ Sobre o conceito de caminhada, cf. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. (1990)

⁴ A feira nesse local acontece desde 1688, quando o Mercado Ver-o-Peso foi construído em Belém do Pará.

⁵ A história da Assembléia de Deus no Brasil, desde a sua emergência, pode ser lida no livro de CONDE, Emílio. *História da Assembléia de Deus no Brasil*. 1982.

⁶ I Reis 17:6: “Os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer”.

missões dos tempos modernos. Encontro de “dois mundos diferentes”, de palavras que tecem os lugares, “*jogam com os espaços que não se vêem; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo a corpo amoroso*”, (CERTEAU, 2000, p. 82), mas às vezes eram palavras tão estranhas que os missionários nada compreendiam.

Parafraseando Certeau (2000), era o início de uma grande caminhada, de “fala dos passos” que molda os novos espaços, os percursos, as trajetórias. A caminhada dos pedestres reservava muitas surpresas! Dá-se início a um novo caminhar histórico no seio protestante brasileiro. Tal como a linha imaginária do Equador, podemos falar também de uma linha divisória que permite percebermos os evangélicos antes e depois da chegada de Daniel Berg e Gunnar Vingren ao chão brasileiro. Já nesse lugar palimpsesto, a subjetividade se articula com o estranho, com o solo nada familiar:

Carregando suas malas, enveredaram-se por uma rua até alcançarem uma praça, onde sentaram-se em um banco para descansar (...) Entretanto, seguindo a orientação de alguns passageiros com os quais viajaram, os missionários (...) hospedaram-se num modesto hotel (...) Em uma das mesas do hotel, o irmão Vingren encontrou um jornal que tinha o endereço do pastor metodista Justus Nelson. No dia seguinte, foram procurá-lo. (...) Justus Nelson os acompanhou à Igreja Batista, em Belém, e os apresentou ao responsável, Raimundo Nobre. (ALMEIDA, 2007, p.32)

Nas primeiras caminhadas por Belém do Pará, os jovens procuram a Igreja Batista daquela cidade. Berg comenta que,

(...) Estar no Pará parecia um sonho. Após orarmos ao Senhor pedindo-lhe que nos guiasse, fomos procurar o pastor metodista. Enquanto caminhávamos, tudo nos parecia diferente das cidades americanas. O povo era tão apressado, as cores das roupas eram mais vivas e alegres. O clima certamente exigia que fosse assim. (...) O bonde seguia vagorosamente pelas ruas, que mais tarde se tornariam familiares para nós. Finalmente chegamos à casa do pastor, que nos recebeu muito bem. Ele tinha muitas experiências a contar, pois já estava no Brasil havia muitos anos. (...) O irmão se comprometeu a nos encaminhar ao pastor batista. Ao chegarmos à casa daquele irmão, fomos muito bem recebidos. Ele disse que estava mesmo precisando de auxiliares para o trabalho, pois seus encargos na igreja em Belém eram demasiados para ele. Combinamos que passaríamos a residir no porão da igreja, local estreito, quente demais, onde colocaram uma só cama para nós dois. Em princípio era difícil dormir com o forte calor, mas pouco a pouco tudo foi melhorando. (BERG, 2008, p. 47)

Ainda na Igreja Batista de Belém, as práticas discursivas dos missionários suecos anunciam um novo tempo, a construção de novos territórios, o fluxo de novas identidades, o encontro com novos símbolos. Gunnar Vingren e Daniel Berg fundam, em Belém, suas

poéticas do Espírito Santo, dando visibilidade a um tempo em que os pastores e muitos membros da Igreja Batista não se reconhecem. Desejam educar os corpos e mentes dos ouvintes batistas através de um novo discurso, uma outra poética: o batismo com o Espírito Santo. Discurso recepcionado por uns, rejeitado por outros, silenciado por alguns.

Iniciamos assim nossas atividades na Igreja Batista. É claro que não fazíamos reservas quanto à doutrina pentecostal que havíamos aceitado. Quando nos sentíamos dirigidos a pregar acerca dessas verdades, nós o fazíamos com toda a franqueza. Aquele assunto era novidade para os ouvintes. Eles tinham lido e ouvido falar a respeito, mas apenas de forma passageira, sem a ênfase de que essas experiências são para os nossos dias, e que podiam ser para eles também. (...) As visitas dos membros da igreja ao nosso quarto-corredor eram cada vez mais intensas. Desejavam orações por suas vidas. Alguns já tinham recebido o batismo com o Espírito Santo e muitos doentes haviam sido curados. (...) Em uma daquelas noites o pastor da igreja apareceu em nossa modesta morada. (...) Disse que ultimamente ouvira discussões acerca de doutrinas, coisa que nunca antes acontecera. Acusou-nos de havermos semeado dúvidas e inquietações no meio dos irmãos e de sermos separatistas. (BERG, 2008, p. 48)

Os missionários criam uma atmosfera de modo que os crentes brasileiros reencontrem o Pentecostes⁷, a chama do Espírito Santo, deixando-se afetarem pelo calor. Calor do Espírito Santo debaixo da zona equatorial! Neste capítulo, não iremos falar do movimento pentecostal como um todo, mas do discurso sobre a doença e a cura, particularmente. O movimento pentecostal é apenas um meio para darmos ênfase às práticas de cura, pois foi com o pentecostalismo que ganharam visibilidade os dons de curar. Como argumentou Duarte (2000), ao mostrar a sensibilidade como objeto de estudo, podemos dizer que o que nos interessam são o corpo e a alma, a vida, com suas múltiplas sensibilidades e formas de expressão. A vida cotidiana dos pentecostais assembleianos, com todo o saber nela encerrado e que a movimentam por entre as belezas e percalços do dia. Para Duarte (2000), a sensibilidade que funda nossa vida consiste num complexo tecido de percepções e jamais deve ser desprezada em nome de um suposto conhecimento “verdadeiro”.

⁷ Sobre a origem do termo Pentecostes, o dicionário bíblico informa: Em Levítico 23:16, a Septuaginta empregou o termo *pentéconta hêmeras* como a tradução do hebraico *h^amishshim yom*, “cinquenta dias”, referindo-se ao número de dias partindo da oferta do molho de cevada até ao início da páscoa. Ao quinquagésimo dia era a festa de pentecostes. Visto que o tempo assim escoado era de sete semanas, era chamada “festa das semanas” (Êxodo 34:22; Deuteronômio 16:10). Assinalava o término da colheita da cevada, que tinha início quando a foice era lançada pela primeira vez na plantação (Deuteronômio 16:9) e quando o molho era movido “no dia imediato ao sábado” (Levítico 23:11,12a). É festa igualmente chamada “festa da colheita”, “dia das primícias” (Êxodo 23:16; Números 28:26). Essa festa não se limitava aos tempos do Pentateuco, mas sua observância é indicada nos dias de Salomão (2 Crônicas 8:13) como o segundo dos três festivais anuais (cf. Deuteronômio 16:16). DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário da Bíblia*, 2003, p. 1265.

No Brasil, os missionários estrangeiros experimentam a transformação da identidade do espaço protestante, a emergência de novas sensibilidades. A produção dessa nova cartografia, através do pentecostalismo, é renda construída entre as discursividades do espaço, onde as linhas traçadas e fiadas serão oferecidas à trama, onde os fiapos soltos dos discursos serão amarrados. Diferentemente dos protestantes que já existiam no Brasil, Gunnar Vingren e Daniel Berg inauguram novas caminhadas pelos espaços protestantes, nas quais o Espírito Santo e o discurso da cura serão fiapos discursivos que tecerão o tecido pentecostal brasileiro. A sensibilidade aguçada nos primeiros dias de vida da AD abre espaço para o sobrenatural. Em uma manhã de domingo, 25 de março de 1913, debaixo de uma atmosfera de temor e reverência, Deus fala através da profecia as seguintes palavras de conforto a Vingren e Berg. Abaixo, na íntegra, o conforto e o estímulo dados por Deus, dizendo:

Paz seja convosco! Eu sou o Senhor que vos amei, que vos chamei para que me sejais testemunhas entre os homens, do meu poder e do meu grande amor para com os pecadores. Alegrai-vos, meus filhos, por que eu estou convosco para vos dirigir no caminho dos céus. Pouco tempo tendes para lutar. Sede, pois, corajosos ao confessar o meu nome, e crede, meus filhos, eu sou o Senhor que sonda os corações, não vos deixarei envergonhados, e todos conhecerão que Eu, o Senhor, e Todo-Poderoso, estou convosco. (...) Meu filho (para Gunnar Vingren), atenta os teus ouvidos e abre o teu coração e ouve a voz do teu Senhor que te chamou, por que assim aprovou ao Pai, para que por ti sejam ajuntadas a minhas ovelhas dispersas neste país. Crê, meu filho, uma grande obra eu tenho confiado a ti. (...) O Espírito Santo te revelará tudo quanto necessitares. (...) Te farei vencedor sobre todos os inimigos. Eis que eu, o Senhor assim quero: que todos andem em obediência à tua voz, e crê que eu vou manifestar mais e mais o meu poder. (CONDE, 1999, p. 23)

Isso justifica a ênfase que dão os pentecostais assembleianos à crença e uso do poder da Terceira Pessoa da Trindade. A experiência dos jovens suecos corresponde ao que anuncia o versículo bíblico inicialmente citado (Atos 1:8), ou seja, adquirindo este poder os discípulos são capazes de testemunhar sua fé de uma forma tão surpreendente que se tornará possível evangelizar os confins da terra, mesmo que estes confins recebam o nome de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, Ilha do Marajó, Bragança, Ananindeua, Castanhal, etc⁸.

Os jovens pioneiros pareciam sentir o cuidado e aprovação de Deus na caminhada missionária, é o percebemos no depoimento abaixo.

Jesus nos abençoou maravilhosamente. Oramos por enfermos, que foram curados, e por pescadores, que foram salvos. Depois fomos ao grande rio Guamá e ali

⁸ Nomes de cidades e territórios pertencentes ao Estado do Pará nos quais os missionários suecos evangelizaram.

batizamos vários irmãos novos convertidos nas águas lamacentas do rio. (...) Antes de terminar o ano, mais três pessoas foram batizadas com o Espírito Santo. (VINGREN, 1973, p.34)

Crentes no discurso de Atos dos Apóstolos que enfatizava a oração pelos enfermos, pregação do evangelho, batismos nas águas, Daniel Berg e Gunnar Vingren acreditavam ser possível construir um outro espaço protestante no Brasil marcado na ênfase ao Espírito Santo e à glossolalia⁹. Para tanto, sabem que é necessário educar o olhar, a audição, o tato, o paladar e olfato dos crentes brasileiros para perceberem de modo acurado as realidades em volta e aquelas outras não acessíveis em seu cotidiano. Berg e Vingren entendiam que era preciso construir um outro tipo de leitura bíblica, outro tipo de relação com os preceitos e dogmas evangélicos, outros esquemas de interpretação. Os esquemas de interpretação pertencem a configurações culturais, variáveis através do tempo. Como diz Chartier (1997)

(...) é preciso lembrar que as formas que fazem com que os textos sejam lidos, ouvidos ou vistos participam também da construção da sua significação. O mesmo texto, fixado pela letra, não é o ‘mesmo’, se mudam os dispositivos de sua inscrição ou de sua comunicação. (CHARTIER, 1997, p. 67)

Mudam os dispositivos de sua inscrição ou de sua comunicação. Esta frase de Chartier nos remete para um outro momento da História, a época da Reforma Luterana, quando Martin Lutero pôs a Bíblia como um livro de leitura para as pessoas que não faziam parte do clero. Esta prática cultural mudou e moldou os sujeitos, pois a Bíblia passou a comunicar verdades (valores, hábitos, práticas culturais e políticas, histórias, etc.) a que até então as pessoas não tinham acesso. A própria estrutura da narrativa bíblica foi alterada a partir da tipografia e da versão impressa, com o encurtamento das frases, a subdivisão em parágrafos e a multiplicação de capítulos e versículos. Esta nova estrutura tipográfica implicou um novo tipo de leitura e a construção de um novo público consumidor: “as pessoas humildes, a quem faltava a facilidade e o tempo para absorver longos períodos de narrativa”. (DARNTON, 1992, p. 230)

A Bíblia, popularizada por Lutero, e posta nas mãos de pessoas de diferentes matizes sociais, simplesmente não supria apenas informação. *Proporcionava uma forma de entendimento, uma metáfora básica do sentido da vida. Portanto, foi no século XVI que os homens tomaram posse da Palavra* (DARNTON, 1992, p.232). Ainda sobre as diversas formas de ler um texto, Darnton enfatiza que “Os textos moldam a recepção dos leitores por

⁹Sinal do Espírito Santo sobre os apóstolos no dia de Pentecostes. Cf. Atos 2:1

mais ativos que possam ser (...), criam um arcabouço e dão um papel ao leitor ao qual ele não pode se esquivar”. (1992, p. 218)

Referindo-se ao Brasil do início do século XX, nem todos os crentes permitiram ser educados e moldados através dessa nova estética protestante, desse novo tipo de leitura e de relação com a Bíblia. Os Batistas acostumados com a educação tradicional pautada por liturgias nas quais o Espírito Santo não se manifestava mais através do “batismo de fogo” (glossolalia), dons espirituais e cura de enfermidades alegavam ter essas coisas acontecido apenas nos dias dos apóstolos. Consta no livro **Memórias de Daniel Berg** (2008), que o pastor porta-voz da denominação Batista, ao chegar à conclusão de que havia um distanciamento doutrinário ao que se refere às manifestações do Espírito Santo na igreja, disse:

É um absurdo que pessoas educadas em nossos dias pensem que tais coisas ainda possam acontecer. (p.55) [...] O pastor mais uma vez olhou ao seu redor e dirigindo-se a mim e ao irmão Vingren, disse: Já tomei a decisão. A partir deste momento vocês não podem ficar morando aqui. [...] Em seguida, o pastor dirigiu-se ao pequeno grupo de irmãos e perguntou: Quantos estão de acordo com essas falsas doutrinas? Decididamente 18 pessoas levantaram suas mãos. Elas sabiam que aquela atitude resultaria na expulsão delas da igreja. (BERG, 2008, p.55-7)

Na mesma noite da expulsão, o grupo passou a se reunir na casa de uma senhora chamada Celina Albuquerque, hoje reconhecida na história desta igreja como a primeira pessoa a ser batizada no Espírito Santo em terras brasileiras. Ao que parece, a construção de uma nova identidade (Pentecostalismo), embora tecida em um mesmo grupo religioso – Protestantismo - acontece em meio ao conflito com outras identidades já constituídas. Uma “nova proposta” de fé surge aqui como uma identidade “não-certificada”, portanto, uma fraude para alguns, porém, para outros, o direito de adotar a(s) identidade(s) de sua escolha. É nesse cenário de confrontos que é inaugurada a nova congregação recebendo o nome de Missão de Fé Apostólica, em 1911, sendo alterado para Assembléia de Deus, em 1918.

1.1. Nas Ondas do Espírito: A Assembléia de Deus e a construção de um espaço pentecostal no Brasil

Como foi dito anteriormente, a denominação hoje conhecida como Assembléia de Deus não surgiu logo que os missionários Vingren e Berg chegaram a Belém do Pará. Inicialmente, eles se filiaram à Igreja Batista e somente em 1911 passaram a organizar um trabalho paralelo, logo depois do confronto que enfrentaram ao anunciar o batismo no Espírito Santo como experiência destinada a todos que acreditassem poder recebê-lo. (CONDE, 1982, p. 24). Os Presbiterianos, Batistas, Anglicanos e Metodistas não receberam a nova doutrina com apreço e se inicia o primeiro impasse protestante em território paraense.

Em contrapartida, o interesse pelo assunto aumentava por parte de alguns protestantes que não somente ouviam os missionários, mas agora também passaram pela experiência do pentecostes. Duas mulheres rompem o silêncio e desafiam a cúpula tradicional ao assumirem que aceitavam a promessa registrada em Atos 2: 17 e 18: “A uma hora da manhã do dia 8 de junho de 1911, em sua residência, Celina é batizada com o Espírito Santo”. (CONDE, 1982, p. 26)

A evidência de falar em línguas por parte de Celina Albuquerque e Maria de Nazaré é contada como uma “saga” assembleiana até os dias de hoje. Elas seguiram o exemplo dos suecos e escreveram os primórdios da história das Assembléias de Deus no Brasil ao recepcionarem o batismo no Espírito Santo. O que as levou a tal ousadia? Aqui, podemos fazer mais uma vez uma referência a Chartier (1990), mostrando que Celina Albuquerque e Maria de Nazaré tiveram os seus ouvidos e sentidos educados pelo novo tipo de leitura, pela interpretação “pentecostal” da Bíblia. Elas leram a mesma mensagem que os protestantes históricos, porém, a interpretaram diferentemente, isto porque a leitura é “*prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou fazedores de livros*”. (CHARTIER, 1990, p. 103)

Para Chartier (1990), abordar a leitura é “*considerar conjuntamente a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la*” (p. 128). A leitura de Atos 2: 17 e 18¹⁰ ganha sentido no momento da interpretação. A leitura não ocorre a partir de

¹⁰ “E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos terão sonhos. E também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e as minhas servas naqueles dias, e profetizarão”.

um vazio de saberes. Celina e Nazaré leram a paisagem de Atos e atualizaram os seus significados, construíram um “jogo de espaços”,¹¹ tornaram-se sujeitos ativos na “arte” da leitura. Referindo-se a Atos 2: 17 e 18 e às discórdias que ocorreram em Belém do Pará, podemos lançar mão do oportuno questionamento feito por Chartier em seu artigo *Textos, impressão, leitura*:

(...) como é que um texto, que é o mesmo para todos que o lêem, pode transformar-se em instrumento de discórdia e de brigas entre seus leitores, criando divergências entre eles e levando cada um (...) a ter uma opinião diferente?. (HUNT, 1995, p.211)

A maneira como leram e recepcionaram o texto sobre o batismo no Espírito Santo e sobre os dons de curar provocou discordâncias no seio dos batistas do Norte. Para Celina Albuquerque, Maria de Nazaré e outros membros da igreja, o texto passou a ter outra interpretação, outra significação que até então elas não tinham percebido. Após receberem o pentecostes, a notícia correu na circunvizinhança e o clima naquela pequena comunidade evangélica ficou bastante tenso. Uma divisão se estabelece instantaneamente e dois grupos se opõem duramente. De um lado,

(...)os que aceitavam a doutrina pregada pelos missionários e se mantinham firmes nas suas opiniões e o grupo daqueles que rejeitavam a doutrina do batismo com o Espírito Santo e não se conformavam com a presença dos missionários no seio da igreja. (CONDE, 1982, p. 26)

Do rompimento nasce a mais nova igreja do Pará, com dezoito membros expulsos da igreja Batista. A cerimônia de abertura para a nova instituição aconteceu de forma inesperada, na casa de Celina Albuquerque, no dia 18 de junho de 1911, nomeada inicialmente por Missão de Fé Apostólica. Durante sete anos a igreja funcionou na casa da pioneira Celina mudando-se, no dia 11 de janeiro de 1918, para um local onde funcionaria oficialmente como Assembléia de Deus, “*primeira igreja no mundo a adotar esse nome, lembrando que não era uma igreja filiada a alguma missão estrangeira, mas era genuinamente brasileira.*”. (CONDE, 1982, p. 27)

¹¹ Sobre o jogo de espaços, cf. CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*, vol. 1, p.49.

1.1.1 Práticas Criadoras da Identidade Assembleiana: um “corpo santo”

A comparação da igreja do século XX com a igreja primitiva, aquela que brilhou nos atos dos apóstolos, embora distante, sempre será necessária para não se perder o referencial. (<www.igrejaassembleiadcdcus.org/nossa_identidade>)

Para o grupo assembleiano, a maioria das igrejas evangélicas (com exceção da Assembléia de Deus), se afastou dos padrões apostólicos da igreja primitiva. Embora nos discursos essas igrejas sejam unânimes em aceitar os fundamentos estabelecidos pela igreja dos Apóstolos (primitiva), na prática, os resultados têm apontado um distanciamento quanto ao modelo de igreja pregado pelos apóstolos.

(...) Nós somos pentecostais clássicos, isso significa que somos modelos para os outros, são eles, portanto, eles é que devem aprender com as Assembléias de Deus e não nós com eles, em matéria de doutrina pentecostal. (...) A avalanche de igrejas neo-pentecostais com liturgias e crenças para todos os gostos, tem levado alguns de nossos líderes a se fascinarem por esses movimentos, imitando e copiando seu sistema litúrgico. Ora, quem pertence a nossa Igreja não está enganado, são crentes que sabem o que querem, que conhecem nossa doutrina, tradição, usos e costumes e com a nossa forma de adoração. (<www.cgadb.org.br/home>)

No entendimento da Igreja Assembléia de Deus, manter-se padronizada aos moldes dos cristãos de Atos dos Apóstolos garante segurança doutrinária, diminuindo os riscos de fundamentos antibíblicos. O compromisso com os princípios bíblicos, além de legalizar sua fidelidade ao cristianismo, evita o enfraquecimento das posições doutrinárias, uma vez que acreditam estarem sendo ameaçados pela “presença de novos pensamentos, modismos e ideias comprovadamente heréticas”. A fim de manter a uniformidade doutrinária são levantadas colunas de sustentação dentro das Assembléias de Deus objetivando manter em coesão o sistema doutrinário e de usos e costumes devidamente dentro de uma rigidez formal. O triângulo regente, diz Almeida,

É composto pela Igreja, com o envolvimento de seus dirigentes, da Casa Publicadora das Assembléias de Deus, com o jornal Mensageiro da Paz, as revistas da Escola Dominical e seus outros periódicos e da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, que organizam os limites doutrinários para todos os assembleianos no território nacional. (ALMEIDA, 2007, p. 43)

Além do cuidado com o discurso doutrinário, outro fator que merece destaque como ponto de semelhança entre a igreja primitiva e os crentes da Assembléia é a inclusão dos novos discípulos, o amor fraternal, a comunhão e o partir do pão. Esta é na verdade, a característica principal da igreja de Atos dos Apóstolos e aponta para a missão e o caráter relacional do cristianismo. Infelizmente, diz o presidente da AD no Brasil, (<http://www.adimb.com/assembleia/perfil>), a igreja cristã contemporânea alterou a praticidade destes fundamentos e isto devido a *algum enxerto que prejudicou o crescimento da frondosa árvore plantada no deserto. As flores da primavera fazem-na bela, mas os frutos são mirrados, indignos para o título que possui*. Para eles, a inovação na teologia dos novos grupos pentecostais podem até embelezar os movimentos, mas fruto, que metaforicamente está relacionado a pessoas comprometidas com o evangelho, é pouco e sem representatividade.

Como já foi dito, a semelhança nos possíveis acontecimentos entre essas duas comunidades - Igreja Primitiva e Igreja Assembléia de Deus – dá-se, segundo os pastores da AD, não apenas no falar novas línguas e no proselitismo, mas também, pelos contínuos milagres e manifestações dos dons espirituais em seu cotidiano, dentre os quais, o dom de curar. Os depoimentos de cura surgem logo na implantação dessa igreja que se encontra inserida num contexto local assolado por problemas de saúde pública e por falta de políticas governamentais que cuidem melhor dos “habitantes do sertão”, como eram chamados os moradores do interior do Brasil. Conforme Almeida, *“a lepra era o mais perturbador dos males que afligia a população em Belém neste período – pois muitos leprosos vinham de várias partes do país em busca de uma planta que os curasse”*. (2007, p. 35)

A simplicidade de Cristo é para eles outra característica similar. Enquanto os crentes primitivos zelavam pela prática do amor, compartilhando seus bens entre os necessitados como prova de serem dotados de *“singeleza de coração”* (Atos 2: 42-47), na Igreja Assembléia de Deus esta simplicidade se manifesta também no despreparo intelectual da maioria dos obreiros¹², principalmente das cidades do interior. Eles dizem que essa desqualificação, hoje, em número bem menor pelo cuidado que tem a denominação em preparar através de Institutos Teológicos seus obreiros, no início ocorreu por diversas dificuldades, dentre as quais o percentual de analfabetos existentes no Brasil, principalmente nas regiões interioranas. Reconhecem que *“a ausência do preparo escolar talvez tenha repercutido na área organizacional da igreja atual”*, porém, o fato de esses obreiros

¹² Denomina-se obreiro a pessoa responsável pela direção dos cultos, podendo ser pastor ou não.

entenderem o que diz a Bíblia interpretando de acordo com os parâmetros do estatuto da igreja, saberem orar fervorosamente e em línguas estranhas (glossolalia) os tornam inclusos na declaração do apóstolo Paulo:

vede irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. (...) Deus escolheu as coisas loucas, fracas, vis e desprezíveis deste mundo; para que a glória da realização não recaísse sobre o homem, mas unicamente a Deus (1 Co. 1:126-30).

É importante destacar que, devido ao baixo grau de instrução dos pentecostais assembleianos no início do século XX, a relação estabelecida entre o fiel e a leitura da Bíblia ficava comprometida; no entanto, as pessoas que não sabiam ler pediam para que parentes ou amigos lessem a Bíblia para elas. A leitura direta da Bíblia era uma experiência mais reservada à minoria das pessoas, mas a interpretação era extensiva a todos. Dessa forma, se estabelece outro tipo de relação com o discurso bíblico.

Apesar de não “ler com os olhos”, os analfabetos lêem a partir do ouvir, estabelecem significados com a palavra falada. Como diz Darnton (1992), “*a leitura não é simplesmente uma habilidade, mas uma maneira de estabelecer significado*”. Tal como na “época de Lutero e de Loyola, ela promovia o acesso à verdade absoluta”. (1992, p.218 e 220)¹³. O aprendizado sobre o pentecostes e as práticas de cura ocorriam tanto no templo quanto nas casas, no cotidiano das pessoas que ensinavam umas às outras.

Essa “singeleza de coração” parece ser também manifestada através do acompanhamento que as Assembléias de Deus procuram dar às camadas menos favorecidas que chegam até elas, embora esta igreja não seja composta apenas por esses, mas também por muitas pessoas das classes média e alta. A ajuda chega até os membros necessitados não apenas através da distribuição de alimentos, mas também mediante investimento em alfabetização, acesso à literatura gratuita, construção de bibliotecas comunitárias, jardins de infância, creches, orfanatos, asilos, casas para recuperação de toxicômanos.

Essa preocupação e cuidado não são extensivos a todos da comunidade, e sim, exclusivos aos que decidem seguir o evangelho, mais especificamente, os que se filiam ao rol de membros da instituição. Essa atitude é respaldada nos costumes da primeira igreja, aquela nascida nas casas de Jerusalém, que aconselhava que o amor fraternal fosse primeiro manifesto aos domésticos da fé, ou seja, aos que renunciavam ao paganismo. Esta necessidade

¹³ Diz Darnton que desde o início da maior parte da história ocidental, a leitura foi encarada acima de tudo como um exercício espiritual. As leituras familiares da Bíblia ocorriam em ambos os lados da grande linha divisória religiosa (protestante e católica). A leitura era uma atividade sagrada. (DARNTON, R. op. cit. p. 219-220).

que aparenta ter a Assembléia de Deus de tentar estabelecer continuidade com o passado histórico, no caso, Igreja Primitiva, nos remete ao conceito de “tradição inventada” discutido por Hobsbawm (1984, p. 9) que diz:

O termo “tradição inventada” entende-se por um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM, 1984, p. 9).

Baseado no pensamento de Hobsbawm (1984), nos parece que toda essa preocupação em manter uma doutrina ortodoxa ou até mesmo uma busca identitária não passa, na verdade, de uma “tradição inventada”, que, ao ganhar visibilidade por razões conjunturais, vai-se tornando como uma prática comum de “raízes imemoriais” ou, no mínimo, seculares.

A tentativa de total fidelidade aos costumes cristãos primitivos se altera na visão geral da Assembléia de Deus (CONDE, 1982, p.351). Ao invés de cultos no templo e nas casas, é utilizada por eles uma eclesiologia¹⁴ em que se usam “igrejas-mães” e igrejas menores. As igrejas-mães estão localizadas em cidades principais espalhadas por todo o Brasil e são também conhecidas pelo nome de ministérios, contando cada uma com centenas de crentes ativos. Enquanto isso, as igrejas-menores, mais popularmente conhecidas entre os evangélicos como congregações, e/ou casas de oração, na sua maioria se organizam em locais distantes e estão sob a responsabilidade da igreja-mãe.

¹⁴ Eclesiologia (do grego *ekklesia*) é o ramo da teologia cristã que trata da doutrina da Igreja: seu papel na salvação, sua origem, sua disciplina, sua forma de se relacionar com o mundo, seu papel social, as mudanças ocorridas, as crises enfrentadas, suas doutrinas, a relação com outras denominações e sua forma de governo. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Eclesiologia>).

Figura 01- AD de Campina Grande/PB



Figura 02 - Congregação no bairro do Santo Antônio em Campina Grande/PB



A leitura que fazemos da figura 1 é sobre a imponência da arquitetura frontal com três portas e três janelas que indicam que naquele lugar existe uma galeria além da nave. As centenas de pessoas que comportam o lugar demonstram a capacidade física de acolher uma vez por mês¹⁵ e nos cultos especiais¹⁶ o maior número de membros das congregações filiadas. Ao adentrar o templo, os corpos dos membros devem apresentar marcas visíveis da pureza, santidade e obediência. São corpos curados da sensualidade.

A congregação exemplificada na Figura 2 sinaliza uma modesta cópia da igreja principal. A cor azul com o nome da instituição em evidência aproxima a pequena igreja à sua igreja-mãe promovendo um sentimento de ligação e pertencimento. Ao imaginar que a congregação está ligada à sede, o sujeito assembleiano se sente inserido, estável, incluso na identidade AD. Bauman (2005) afirma que,

Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pedir acesso. (BAUMAN,2005, p. 30)

¹⁵ Culto de Santa Ceia destinado aos membros filiados à igreja-mãe e às congregações.

¹⁶ Os cultos especiais são aqueles onde pastores de renome nacional virão pregar, apresentação de cantores com álbuns gravados e cruzadas evangelísticas que algumas vezes são realizadas em frente a igreja tomando toda a rua.

Se para ser assembleiano, e portanto, santo, é possível ter de deixar de frequentar alguns lugares sociais não próprios à santidade (cinema, bares, praia, etc.), ter um lugar onde ir e acreditar que aquela comunidade além de “santa” é composta por muitos participantes proporciona um sentimento de segurança importante na construção da identidade através da identificação.

Considerando a pedagogia da imagem vemos que o espaço educa. Não apenas acontece educação (no seu sentido amplo) dentro de um espaço determinado, a Igreja, mas também que este, em sua projeção física, simbólica, representativa, cumpre uma função educativa de maneira fundamental. A construção de um templo assembleiano, sua frente, seu espaço interno, a disposição dos bancos, suas laterais e aberturas para o espaço exterior, a delimitação das fronteiras entre o interno e o externo, a diferenciação dos sujeitos (pastores, ovelhas, homens, mulheres, crianças, adolescentes, jovens) e dos objetos no espaço, no interior do templo, tudo isso cumpre um papel educativo. Veja, no exemplo abaixo, que as cadeiras dos pastores e dirigentes estão dispostas em posição de destaque (de frente para as pessoas, podendo ver “tudo” o que acontece). O grupo coral nas laterais aguardando a hora triunfal de se levantar ecoando canções e os membros enfileirados esperam “submissos” a Palavra de Deus.

Figura 03 - Disposição das cadeiras na Igreja Assembléia de Deus Central de Campina Grande/PB



A disposição física dos corpos pretende educá-los de tal forma que os legitime como sujeitos assembleianos. É curioso observar como cada posição comunica por si e também fala pelo “outro” e sobre os “outros” que dali não são. É certo que em outras denominações a

lógica da disposição espacial é quase sempre a mesma, contudo, a AD trouxe ao Brasil um novo estilo de culto e pensou a distribuição das pessoas nos acentos de maneira disciplinar. Um corpo escolarizado, diz Louro (1999), suporta ficar sentado por um longo tempo sinalizando gestos ou comportamentos que demonstram interesse e atenção, embora nem sempre sejam verdadeiros. Os líderes assembleianos entendem a linguagem corporal e por isso investem diligentemente nas práticas e representações que produzam “marcas de santidade” em seus membros.

Outra dimensão importante no processo de escolarização do “corpo santo” refere-se à estratégica, do espaço da igreja, ou seja, a construção de um espaço específico para a realização de ações educativas, dotando a AD de um lugar próprio, possibilitando-lhe distinguir-se de outras denominações. Observe na Figura 1 que ao lado do templo está o edifício da educação cristã, um espaço destinado à Escola Bíblica Dominical e ao Seminário Teológico.

O espaço construído, edificado, nos interpela de diferentes pontos de vista: sua arquitetura, seu estilo, seu histórico. Os templos são máquinas enunciativas que produzem uma subjetivação. Como argumenta Guattari, os espaços construídos são “*máquinas de sentidos, de sensação (...), máquinas portadoras de universos incorporais*”. (1992, p.158). A arquitetura eclesial pode ser vista como um “programa educador”, pois a sua localização e suas relações com a ordem urbana, o traçado do edifício, seus elementos simbólicos e a decoração respondem a padrões culturais e pedagógicos que o assembleiano internaliza e aprende.

Esse tipo de organização, ou “*tradição inventada*”, facilita o controle e pulveriza mais rapidamente as normas e regras de fé e prática que tentam consolidar a identidade desse referido grupo. O falar novas línguas é sem dúvida o referencial que diferencia este grupo de várias igrejas ditas históricas, mas não é possível deixar de destacar os usos e costumes que identificam e “qualificam” um legítimo membro das Assembleias de Deus no Brasil.

Os usos e costumes podem ser também identificados como “*tradição inventada*”. Quando os jovens pioneiros suecos chegaram ao Brasil, vinham de um clima frio para as regiões tropicais. Seus modelitos não tinham nada a ver com o calor paraense. Paletó e gravata serviam para aquecer, contudo, passou a ser a roupa apropriada para os “homens de Deus” que, ao serem vistos com suas enormes Bíblias debaixo do braço, eram reconhecidos como enviados de Deus, como foram os missionários Berg e Vingren.

Figura 04 - Pioneiro Daniel Berg



Figura 05 - Pioneiro Gunnar Vingren

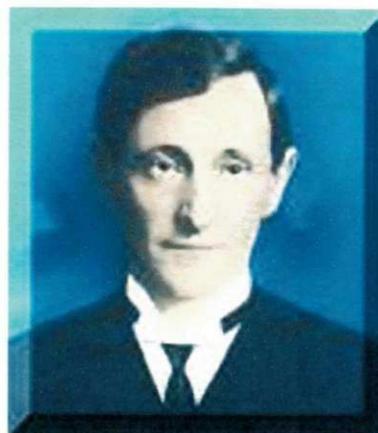


Figura 06 - Missionários Suecos Daniel e Vingren



Os costumes implantados pelos jovens missionários suecos foram mesclados de conhecimentos adquiridos entre seu país de origem, o tempo de sua convivência e aprendizado sobre pentecostalismo na América do Norte e a convivência com os irmãos que foram excluídos da Igreja Batista, em Belém.

Para as mulheres, mais uma vez a igreja primitiva é acionada e os cabelos dados em lugar de véu, como pede o apóstolo Paulo, é quase que uma tradição fielmente seguida pela nova igreja. Além dos longos cabelos, as mulheres deveriam evitar adornos e frisados de cabelo. Isso ainda é obedecido por algumas Assembléias de Deus no Brasil; contudo, há controvérsias ou pelo menos a tentativa de uma melhor interpretação, ou para usar o pensamento de Chartier (1997), outro tipo de leitura é feito dos conselhos paulinos,

(...) quero que as mulheres se vistam modestamente, com decência e discrição, não se adornando com trança e com ouro, nem com pérolas ou com roupas caras, mas com boas obras, como convém a mulheres que declaram adorar a Deus. (Bíblia de Estudo, 2000, Timóteo 2.9 – 10)

Paulo orientou a igreja primitiva no cuidado com a aparência devido à conversão de gentios, pessoas de outras culturas que não serviam ao Deus de Israel. Mulheres de povos pagãos não se comportavam nem se vestiam como as israelitas, daí o cuidado do apóstolo Paulo em especificar como deveriam se portar as fiéis cristãs.

1.2. A doença: metáfora da morte ou do milagre?

Com a emergência do pentecostalismo no Brasil, um discurso intenso em torno das metáforas de cura parece ocupar espaço significativo. É claro que no seio evangélico acreditar em cura divina não é nenhuma novidade, visto as escrituras bíblicas conterem muitos textos e depoimentos que inspiram esperança no alcance de milagres. Contudo, em nenhum período ou grupo se explorou o tema tão exaustivamente quanto entre os pentecostais a partir de 1910.

Recordando a história da chegada dos missionários suecos, conta-se no *Diário do Pioneiro*, escrito pelo filho de um deles, Ivar Vingren, que a Assembléia de Deus nasceu contando vários testemunhos que hoje são divulgados como referência a ser seguida pelos membros atuais. Discursos de cura, de “*operação de milagres e prodígios*”, de pessoas saradas através da oração, de crentes picados por serpentes que, após intercessão, receberam a cura. Ivar Vingren conta que:

(...) um irmão foi curado de uma enfermidade muito grave na perna. Uma irmã foi curada de uma doença incurável nos lábios. Um outro, que tivera dor de cabeça durante dez anos, foi curado. Um homem paralítico, que estava moribundo e não mais podia falar, foi curado e veio depois para os nossos cultos. Uma criança que estava moribunda com febre, também foi curada. Um homem de idade, que sofrera de hérnia por nove anos, foi curado. (VINGREN, 1973, p. 39)

Divulgar esses testemunhos, seja oralmente ou através de escritos diligentemente observados pelos fiéis, é uma forma, como diz Certeau (1994), de se apropriar de determinadas expressões de cura que se tornarão estratégias utilizadas para aumentar a fé dos

que ouvem e acreditam nas “manifestações sobrenaturais”. A doença é, muitas vezes, um momento de espera do milagre.

Para Cassiane (2003), uma das principais cantoras da Assembléia de Deus na atualidade, para aquele que “*mergulhar nos rios do Espírito*” e “*entrar na dimensão do sobrenatural*”, “*a cura logo vem, não há como impedir*”. Cassiane interpreta a cura como uma vitória alcançada por todo fiel que acreditar no poder da Palavra de Deus e buscar as coisas sobrenaturais. Ainda de acordo com a cantora gospel, a autoridade da palavra divina e a apropriação dessa autoridade por parte do enfermo são fundamentais no processo de cura, pois, “*basta uma palavra, uma palavra apenas, o mundo e seu sistema caem aos seus pés.*” “*Não há enfermidade, nem peste ou fome, é só chamar o Homem de Nazaré*”. É o Homem de Nazaré que “*vai mandar a doença embora, vai dar vitória e te pôr de pé*”. (Cassiane, 2000). A palavra de fé é usada pelos fiéis em “nome de Jesus”, é por meio dele que se acredita que a enfermidade não permanece no corpo adoecido deixando este corpo são, vitorioso, pronto para testemunhar acerca do milagre. Na página de testemunhos do Jornal Mensageiro da Paz¹⁷ (2004) encontramos o seguinte relato:

M^a Eduwirdes de Moraes, 65 anos, recebeu em 23 de janeiro de 2002 a notícia de que estava com tumores malignos no estômago, fígado e pâncreas. (...) No dia 06 de março deu entrada no centro cirúrgico. Segundo os médicos, os órgãos cancerosos deveriam ser retirados e a cirurgia duraria cerca de nove horas. “Pus minhas mãos sobre a cabeça de minha esposa e orei a Deus. Senti ali que o Senhor já estava trabalhando”, diz o pastor José, membro da AD no Belenzinho (SP). Terminada a cirurgia, que durara, para surpresa da família, apenas uma hora e 45 minutos, os médicos estavam surpresos. Tivemos a felicidade de abrir Eduwirdes e não encontrar tumores, mas apenas cicatrizes, atesta o médico Rubens, um dos responsáveis pela cirurgia. (...) Seis meses se passaram e, em dezembro de 2002, exames foram feitos e mais uma vez foi confirmada a cura. Sempre pedi a Deus para que me curasse. Eu sempre meditava no Salmo 23 e esperava com paciência a vontade do Senhor, testemunha Eduwirdes. (...) Vi a morte de minha esposa de perto, mas de repente Jesus veio e disse: “Haja luz”, e minha esposa foi curada. (MENSAGEIRO DA PAZ, setembro, 2004, p.18)

As táticas de apropriação da cura exercidas pelo pastor em direção a sua esposa demonstram a força da doutrina da Cura Divina. Não apenas o pastor e também esposo da depoente manteve sua crença na autoridade da palavra, como também a própria enferma

¹⁷ Órgão de imprensa oficial da Assembléia de Deus no Brasil, publicado a partir de 1930. O fundador foi o pioneiro da AD no Brasil, Gunnar Vingren. Além de noticiar os fatos da Assembleia de Deus, informa e analisa os acontecimentos no Brasil e no mundo sob a ótica cristã (wikipedia.org. 2009)

testificava sua confiança em Jesus. Nesta reportagem do jornal está estampada em letras gigantes: “*DEUS EXTRAI TUMORES MALIGNOS APÓS ORAÇÃO*”. Essas manifestações de fé são estratégias que divulgam a doutrina de cura e controlam os corpos dos membros da AD a crerem e usarem a linguagem da fé. Esse tipo de linguagem se constitui ao serem feitas declarações de cura a doenças terminais e também comuns como a gripe, dor de cabeça, dentre outras. O pastor diz não ter aceitado o diagnóstico e orou pedindo a Deus que curasse sua esposa. Ele exhibe na reportagem o parecer médico comprovando a cura. “*As maneiras de fazer*” dos fiéis são bem orientadas e (re) inventam no cotidiano as várias práticas de cura que auxiliam a construção da identidade pentecostal que vive e crê em milagres.

Baseando-se em Isaías 53:3-4¹⁸ e em muitas outras referências bíblicas, os assembleianos acreditam que toda enfermidade, sem importar sua ramificação, seu tamanho ou gravidade que tenha, ficou “cancelada nas costas de Jesus”. Para a Assembléia de Deus, a doutrina da cura física está vinculada ao sacrifício vicário do Cristo garantindo em primeiro lugar a provisão redentora de Deus. Isto devido ao fato de acreditar que o problema das enfermidades e doenças está fortemente vinculado à questão do pecado e da morte eterna, conseqüências desastrosas, segundo eles, da queda do homem no Éden. Um dos hinos tradicionais da Harpa Cristã¹⁹, hinário dessa denominação, descreve o dom de cura como algo real, despertado por Deus em seus fiéis. O “*dom real*” remete à realeza, simbolizando poder, autoridade, cetro de justiça, hierarquia.

O compositor usou a expressão “*Deus despertou nos seus fiéis*” talvez se referindo ao despertar espiritual ocorrido entre o final do século XIX e o início do século XX, momento em que o “dom de curar” foi novamente posto em prática no seio protestante. O poder sarador de Deus é mostrado como transcendente aos tempos e aos espaços. Cristo é identificado como um médico que sara e continua sarando, que não falha em suas promessas.

Um dom real Deus despertou
 Nos seus fiéis - Dom de curar!
 Toda a doença Deus sarou,
 E sara ainda e vai sarar;

¹⁸ Mas Ele foi traspasado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.

¹⁹ A Harpa Cristã é o hinário editado pela Casa Publicadora das Assembléias De Deus CPAD. Contém 640 hinos de vários autores e tradutores. O missionário Samuel Nystrom distribuiu 1.000 exemplares da 1ª Edição organizada em 1922 produzida em Recife. A Harpa Cristã foi atualizada diversas vezes a fim de atender a todas as exigências cerimoniais e litúrgicas da igreja representando mais um avanço da já riquíssima hinódia pentecostal. Existe Bíblia que traz anexada ao seu conteúdo os hinos da Harpa Cristã que é adotada por todas as ADs.

Por Jesus, por Jesus,
 Oh! Não falhou, nem vai falhar!
 (Harpa Cristã, A riqueza divinal, nº 510)

A cura é apresentada como um dom, como um presente, uma dádiva não merecida que é dada por Deus aos seus filhos fiéis. O dom de curar os enfermos é garantido, pois como diz a canção, “*toda doença Deus sarou*”. A doença é ruim, triste, causa dores e solidão, mas “*Deus despertou nos seus filhos um dom real*” – O dom de curar. A cura traz alegria, paz e é exatamente isto que todos desejam sentir.

No mesmo hino, uma série de metáforas de cura é apropriada pelo compositor, uma estratégia discursiva para que o fiel lembre-se de outros discursos: “deixa a capa” (referindo-se ao cego que lançou a capa e foi de encontro ao convite de Jesus – Marcos 10: 46 - 52), “tirai a pedra” (uma referência ao discurso de Jesus que, ao chegar ao túmulo de Lázaro, morto há quatro dias, deu ordens para que a pedra fosse removida – (cf. João 11.39).

Deixai as capas e vereis,
 As maravilhas do Senhor!
 Tirai a pedra e gozareis
 As grandes bênçãos do amor!
 Fé em Deus, Fé em Deus,
 A quem rendemos o louvor!
 (Harpa Cristã, A riqueza divinal, nº 510)

Deixar as capas é abandonar o passado, os hábitos “mundanos”. Remover as capas é poder ver, enxergar o sobrenatural e gozar as bênçãos do amor. As capas não são vestes no contexto da música, são ações e reações que contrariam a fé cristã e devem, portanto, ser abolidas, rasgadas, trocadas. Como a pedra no túmulo de Lázaro precisou ser deslocada para que o milagre da ressurreição ocorresse, assim, as atitudes contrárias à Bíblia no cotidiano de um fiel assembleiano devem ser tiradas e o resultado prometido pela igreja é: “*as maravilhas do Senhor*”.

Se para a ciência médica a razão das doenças está vinculada a causas psicológicas, psicossomáticas e/ou debilidade do corpo, a Bíblia, de acordo com Conde (1982, p.354), apresenta outras causas e estas de cunho espiritual como sendo o problema subjacente ou fundamental desses males. O pecado seria a primeira e principal razão que afetou a constituição física e espiritual do homem e, em segundo lugar, vem a intervenção satânica direta. Essa afirmação encontrou unanimidade em todos os questionários aplicados a vários

membros da Assembléia de Deus em Campina Grande, a exemplo de Arão, 35 anos, membro efetivo há vinte anos desta instituição.

São duas as causas das doenças. A primeira é a negligência e a falta de cuidado do corpo, sem uma dieta, caminhada e a prevenção, certamente o corpo se fragilizará e as doenças começarão a aparecer. A segunda vem do diabo, aonde o pecado é causa de tantas doenças. Muitas doenças são provenientes dos pecados, afetando o corpo. Tiago disse 'Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, ungiendo-o com azeite em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. (ARÃO, 2008)

O entrevistado acima citado ainda acrescenta: "*Fica bem claro que o pecado é uma das causas, (...) é necessário que o doente creia que Deus o curará*". E finaliza dizendo: "*Além da fé, há um outro fator importante: a obediência à Palavra de Deus*". Corroborando com a interpretação feita por Arão, a professora de Escola Dominical na Assembléia de Deus de Campina Grande, Agar (2008), enfatiza que as "*enfermidades acometem as pessoas por causa da desobediência do homem que pecou lá no Éden, tudo é consequência do pecado. O homem não foi feito para morrer*". As estratégias usadas pelos líderes da AD são pregações fervorosas em tom vibrante que levam o sujeito assembleiano a concentrar um olhar ao que é determinante para a igreja.

A obediência incondicional à doutrina é apresentada como fonte de saúde espiritual, emocional e física. O pecado original (Éden) decorreu da desobediência de Adão e Eva produzindo em toda a raça humana a doença espiritual. Esta doença é a quebra da comunhão entre Deus e o homem. A igreja Assembléia de Deus prega que através da morte e ressurreição de Jesus é possível alcançar a cura espiritual. Quem crer em Cristo e se manter obediente poderá retornar à comunhão com Deus. O esforço em inculcar na mente dos fiéis a obediência a Deus e, portanto, às normas da AD, tem como foco principal a construção de uma identidade assembleiana que "*situe seus membros no espaço, no tempo, no social*" e, acima de tudo, no campo religioso. (PESAVENTO, 2005, p.91)

Concordando com esta mesma visão sobre as causas da doença, diz Marta (2008), secretária, vinculada à Assembléia de Deus de Campina Grande: "*as pessoas adoecem por conta do pecado, e por não acreditarem que Deus levou sobre si as nossas enfermidades*". Ao citar parte de um texto bíblico, Marta faz uma apropriação do que foi profetizado por Isaías no capítulo 53, versículos 3 e 4 ("*verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e carregou com as nossas dores; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus,*

e oprimido”). Este é um dos textos mais citados em pregações, orações e músicas que abordam a temática da cura, seja esta física ou emocional. Segundo os teólogos e hermeneutas bíblicos, o profeta Isaías estava se referindo a Cristo, que haveria de levar sobre si as dores do povo, as angústias, temores, mazelas, feridas do corpo e da alma. O pastor Marco Antônio de Sousa é enfático sobre esta questão:

Acreditamos que Deus tem poder para sarar todas nossas doenças físicas, se assim for sua vontade e que a Cura Divina é um resultado do sacrifício de Cristo; pois Ele levou nossas enfermidades e sofreu nossas dores (Isaías 53:4). A cura do corpo se efetua por uma combinação da fé do crente e do poder do Nome de Jesus Cristo que se invoca sobre o doente. O Senhor Jesus Cristo prometeu que os que acreditassem em seu Nome colocariam as mãos sobre os doentes e estes sarariam (Marcos 16:18). Os doentes devem ser ungidos com azeite no Nome de Jesus Cristo por ministros ordenados para que o Senhor cumpra suas promessas. (SOUSA, M.A. (<<http://www.webservos.com.br/gospel/estudos>>))

Para construir um corpo vitorioso na cura divina, coloca-se em ação o uso não apenas da oração, mas Deus pode utilizar a medicina e os médicos para que os milagres sejam feitos. Uma combinação de discurso médico e discurso bíblico: “a Cura Divina se obtém pela fé”. Porém, caso alguém

Tenha necessidade de submeter-se aos cuidados da ciência médica, outros não devem criticá-lo (...). Recomendamos que os membros e ministros de nossa Igreja se abstenham de lançar críticas indevidas à ciência médica, cujos adiantamentos ninguém pode negar que se originam na habilidade que Deus deu aos homens para ir descobrindo os segredos do funcionamento do organismo humano. Ao mesmo tempo, exortamo-los a que não se oponham às campanhas de higiene, vacinação e limpeza que sejam iniciadas pelo governo, mas sim, pelo contrário, colaborem decididamente nos lugares onde seja possível. (op. cit)

É importante perceber no discurso acima a conjugação de vários fatores, para se obter a cura. Vemos que há diversos meios de Deus “operar” e um deles é através da obediência não apenas à Palavra de Deus, mas às campanhas de vacinação, higienização e medicalização social propiciadas pelo poder público. O princípio da obediência, agora, às autoridades públicas, é enfatizado como um requisito tanto preventivo quanto curativo. As práticas de higienização do corpo, conforme mostra Vigarello (1985), são apropriadas pelos pastores da Assembléia de Deus como uma maneira para que o crente viva sadio, limpo, livre das doenças que atacam a sociedade.

Ser asseado é, em primeiro lugar, afastar as bactérias, protozoários e vírus. Limpar é agir sobre agentes invisíveis. As pessoas sujas transportam com elas os germes de todas as doenças, para sua infelicidade e de todos aqueles de quem se aproximam. (...) As crianças devem ser habituadas desde muito cedo às diversas práticas desta higiene escrupulosa. Deste modo, não só preparam uma saudável e agradável dentição, como ainda fecham a porta de entrada a muitas infecções classificadas entre as mais temíveis em medicina. Limpar, limpar constantemente. (VIGARELLO, 1985, p. 163)

Relacionar o conceito de obediência tanto a Deus quanto às autoridades públicas é uma estratégia discursiva do pastor Marco Antônio, uma forma de relacionar duas autoridades na área da cura, de organizar o seu cotidiano enquanto pastor que se diz preocupado com o rebanho, com as ovelhas doentes, feridas, não-vacinadas, não-higienizadas, não-medicalizadas. O ministro assembleiano se preocupa, também, em reconhecer o poder do discurso médico e seus vínculos com a comunidade de fiéis: *“Recomendamos que os membros e ministros de nossa Igreja se abstenham de lançar críticas indevidas à ciência médica, cujos adiantamentos ninguém pode negar que se originam na habilidade que Deus deu aos homens para ir descobrindo os segredos do funcionamento do organismo humano”*. São palavras que constroem o lugar da cura, o percurso para sua obtenção, a trajetória para cada fiel.

No consultório médico ou diante de Cristo, existe um espaço para o fiel encontrar a cura. Sousa (2006) se empenhou em não demarcar uma ruptura brusca entre ciência e fé. O bem-estar, a cura, é o que Pesavento (2005) chama de capital simbólico de valorização positiva. Para ela, (...) *a identidade é construída em torno de elementos de positividade, que devem atrair a adesão, ir ao encontro das necessidades mais intrínsecas do ser humano de adaptar-se e ser reconhecido socialmente*. (PASAVENTO, 2005, p. 91)

Os membros da AD aceitam e assumem a identidade assembleiana porque isto implica encontrar gratificação (cura). Ao se submeter aos padrões de obediência os fiéis acreditam poder ser compensados com curas milagrosas e se sentem até confortados, por exemplo, pelas perdas na vida social e material. É o caso da pequena Ana Paula que pertence a AD em Natal (RN). Desde os sete anos carrega o título de pregadora percorrendo o nordeste e o Rio de Janeiro divulgando o evangelho. A reportagem consta da folha de destaque do jornal **Mensageiro da Paz** (Maio, 1999) ressaltando as qualidades da menina tais como boa memória, rapidez de raciocínio, iniciativa, criatividade e boa oratória e relata o seguinte episódio:

(...) Durante um mês, ela ficou no Rio de Janeiro, acompanhada da mãe, propagando a Palavra em diversas igrejas. (...) Ana Paula não teve tempo de conhecer a cidade, pois os convites foram muitos. Mas não reclama. “Existe tempo para tudo. Se não era hora de conhecer, amém. De outra vez, eu passeio”. (MENSAGEIRO DA PAZ, 1999, p. 3)

A renúncia da pequena Ana demonstra os valores que a igreja conseguiu introduzir em sua mente. Passar um mês na “cidade maravilhosa” e não ir às praias, parques de diversão, pontos turísticos como o Pão de açúcar, Cristo Redentor e o bonde, para ficar dentro de igrejas falando para centenas de adultos não parece programa favorito de criança. Porém, nas palavras de uma fiel assembleiana mirim, está a marca da resignação do abster-se dos prazeres a favor da divulgação do evangelho e do nome da AD. Ela aconselha:

(...) Todos devem pregar as Boas-Novas independente da idade. “Busquem mais a Deus e proclamem o Senhor como o Todo-Poderoso. (...) Não deixem de jejuar, a idade não impede. Jejuem um minuto, dois ou meia hora. Ganhando almas para Cristo estaremos juntando pedrinhas na nossa coroa”. (MENSAGEIRO DA PAZ, Maio, 1999, p. 3)

“As pedrinhas na coroa” são recompensas espirituais para os fiéis que acreditam nos preceitos bíblicos e buscam viver afastado de tudo e de todos que de alguma forma os possa contaminar. A AD é enfática ao convocar todos, do menor ao maior a viver de acordo com os princípios orientados pela igreja e afirma:

A Igreja não faz nenhum favor à sociedade adaptando-se à cultura popular prevalecente, porque falha em sua tarefa justamente no ponto em que deixa de ser ela mesma. (...) Devemos aprender a aplicar criticamente as categorias estéticas, éticas e teológicas para distinguir o bem dos valores distorcidos do mundanismo, seja no entretenimento seja na ciência. (LIÇÕES BÍBLICAS, 3º Trim. 2008, p. 74)

Todo esse cuidado quanto aos valores da sociedade moderna que os líderes assembleianos chamam de mundanos se refere ao bom andamento da saúde espiritual dos membros. Para a igreja, os valores distorcidos “são difundidos através de filmes, peças teatrais, novelas, músicas e revistas” e precisam ser confrontados com a Palavra de Deus (p. 76). Quem assim procede poderá então desfrutar do bem estar espiritual mediante a restauração física, bênçãos essas destinadas aos que aplicarem no cotidiano as regras de santidade. Essas regras são ensinadas pela AD criteriosamente.

As metáforas de cura presente no discurso da Assembléia de Deus remetem para vários códigos: obediência, submissão, fuga do pecado, fé, crença na Palavra de Deus. São códigos que fazem parte do cotidiano desta denominação, do vocabulário de seus fiéis, das prédicas e composições. São leituras de textos bíblicos que se tornam presentes em suas caminhadas, em seus passos, em suas falas, em seus percursos. E como diz Certeau (1994), “*as falas dos passos moldam os espaços*”. Falas, códigos, metáforas. Códigos que falam,

(...) contam, respondem, omitem, dissimulam (...) dizem a verdade, mas, sobretudo, não se definem apenas por existirem, mas porque estão entre eles e os que vivem perante os outros, com eles, face ao poder e num universo de representações não indiferente às situações em que se encontram ativas. (FARGE, 1999, p.78)

Os vários discursos sobre a cura, presentes tanto em pregações quanto nos hinos, são palavras que, como argumenta Farge (1999), sugerem que não podemos evitar refletir sobre o acordo entre súditos e rei, entre Deus e os seus seguidores. Estamos, portanto,

Graças às palavras pronunciadas e achadas pelo historiador, num mundo onde se pode examinar a maneira como as pessoas se entendem, ou não, nos assuntos e nos acontecimentos e a maneira como os laços se fazem e desfazem segundo processos mais inesperados do que uma ‘história em palavras’ nos permitira pensar. (FARGE, 1999, p.78)

Escrita pelo pastor assembleiano Paulo Leivas Macalão (1903-1982), a canção “*A preciosa fonte*” lança mão de várias metáforas em que se pode notar a presença do discurso da cura no meio dos fiéis protestantes. O próprio título da canção já aponta para Cristo como a fonte que cura, que sana e alivia. A figura da sedução é utilizada pelo autor para abordar Cristo como uma fonte sedutora, que convida, chama, atrai para si, cujas águas possuem um sabor celestial, incomparável com os líquidos bebidos no espaço terrestre. Apoiando-nos em Certeau (1994), podemos dizer que esta canção é “*um relato de lugares*” que sanam, perdoam, clareiam as vestes, purificam corpos, higienizam mentes, salvam almas, perdoam pecadores, consolam os aflitos, restauram vidas. A fonte, apresentada por Paulo Leivas Macalão, é narrada como um espaço que oferece aos seus consumidores uma pluralidade de usos e sentidos.

Vem à fonte sanadora,
 Que abriu o Salvador,
 Cujas águas sedutoras
 Têm um divinal sabor.

Oh! Preciosa fonte sanadora
 Para todos corre, sim!
 Oh! Preciosa fonte sanadora!
 Glória a Deus, me sara a mim!

Nesta fonte, que nos sara,
 Encontrei real perdão;
 Minha veste fez-se clara,
 Tenho purificação.

Nesta fonte, que nos cura,
 Deu-me Cristo, salvação;
 Sã tornou minh'alma e pura,
 E lhe deu consolação.

Vem à fonte que te cura;
 Hoje vem purificar
 A tu'alma. que impura,
 Lá no céu não pode entrar.
 (Harpa Cristã, A preciosa fonte, nº 360)

A fonte sanadora possui águas sedutoras. Quem se dirige a este lugar é curado, purificado e tem suas vestes lavadas. O lugar é o da submissão ao padrão estabelecido pela igreja. Ao negar as regras imorais vigentes na sociedade, o sujeito mergulha na fonte e tem sua alma purificada e consolada dos horrores do pecado. A limpeza das vestes que são as mudanças das práticas imorais para as qualificadas como santas dão ao crente assembleiano o poder de entrar no céu. O sujo, o contaminado, fica de fora do lugar celestial, da morada de luz preparada apenas para os que “vem à fonte que cura”. O asseio na alma se dá no imaginário da fonte, um lugar que não possui endereço fixo, porém possui um dono, o “salvador Jesus que abriu a fonte sanadora e ela tem um divinal sabor”. A higienização que essas “águas sedutoras” parecem realizar naqueles que a elas se dirigem produz o que Vigarello (1985) chama de “*boas condições de limpeza*”. Para ele, “*a pele mais limpa é mais leve, funciona e respira melhor*”. (p. 136). Esse processo na vida espiritual do crente assembleiano também o deixa leve, um sentimento de alívio e refrigério por estar qualificado a ser um cidadão do céu. Vigarello (1985) sugere uma caça ao micróbio que embora não seja visto a olho nu, existe e causa muitos males. O pecado, a desobediência, os valores imorais, são micróbios espirituais que devem ser expelidos a fim de favorecer ao bem estar da alma e do corpo.

Outra metáfora bem presente no discurso assembleiano é a metáfora da dor. O conceito religioso possui uma história fundamentada na medicina clássica, à época de Hipócrates. A expressão *Divinunstest opus sedare dolorien* (Sedar a dor é obra divina), significa que a cura da divina era uma dávida (presente) proveniente de Deus. Para causas externas, o tratamento com remédios era, geralmente, eficaz. No entanto, para dores internas apelava-se para forças divinas a fim de que, mediante sacrifícios ou rituais, se expulsassem os maus espíritos. Para a historiadora Farge (1999), a dor, sensação física e emocional, é uma forma de relação com o mundo. Por possuir uma estreita relação com o mundo, a dor se torna uma paisagem cultural, política, afetiva e religiosa de uma sociedade. Cada contexto histórico pode receber, rejeitar, agredir ou mitigar a dor. A dor é um modo de estar no mundo que varia conforme o tempo e as circunstâncias e, por tal razão, pode-se *“reprimi-la, expulsá-la, arrastá-la consigo e para outrem, aceitá-la, poetizá-la, cantá-la. A dor pode ser interdita conforme as circunstâncias”*. (p.20)

No seio pentecostal, o sofrimento tanto pode repugnar como seduzir, gerar modos de assistência, sentimentos de compaixão. Prega-se que, por amor a Cristo, se deve sofrer, aceitar a dor da rejeição, da exclusão social, fugindo da “roda dos escarnecedores”. Nesse caso, a dor é vista como sinônimo de seguir a Cristo, um sinal de que se é “separado do mundo”. Mas há outros tipos de sofrimento: dor como um processo para obter um coração puro, como um espaço pelo qual o crente tem que passar para conseguir um melhor caráter. A dor como um “fogo refinador” que purga, limpa, lava, que faz expelir os males da personalidade doentia. O hino nº 390 da Harpa Cristã, escrito por Frida Vingren²⁰, esposa do missionário Gunnar Vingren, mostra esse “processo” pelo qual o fiel passa para obter um coração bondoso, manso, santo, parecido com o coração de Cristo. Para que toda a lida *“seja só de Jesus”*, o discípulo deve refinar o seu coração através do sofrimento:

Um coração, bondoso sim, custa dor, obter;
Ser manso, amoroso e santo em todo o ser;
Manando nova vida ao coração - dá luz.
E toda a minha lida será só em Jesus.

Arão foi castigado por sua rebelião,
E, triste, humilhado, aceita exortação;
Consagra tua vida pra Deus melhor honrar;
Assim em dor e lida, precisas te guardar.

²⁰ Nascida em junho de 1891, no norte da Suécia, Frida Vingren era de uma família luterana. Formou-se em Enfermagem chegando a ser chefe da enfermagem do hospital onde trabalhava. Frida casou-se com o pastor Gunnar Vingren em 16 de outubro de 1917, em Belém do Pará. A Harpa Cristã contém cerca de 23 hinos de sua autoria. Morreu em 1940.

Acima nuvens densas o sol sempre a brilhar;
 Promessas mais imensas não podem a ti falhar.
 Põe plena confiança em quem não pode errar,
 Jesus, já sem tardança vem tua dor sarar.

Na cova Jeremias lamenta grande dor
 Na escuridão não via o bom consolador
 Se grandes amarguras se tornam em prazer
 Vem anjos nas alturas o sonhador a ver
 (Harpa Cristão, nº 390)

Como pode ser visto através da letra do hino, o enunciado e a recepção da dor pelos assembleianos fabricam um dispositivo que faz sentido e cuja interpretação é necessária para a compreensão do seu *modus vivendi* e para que o historiador, ao analisá-los, não caia nos estereótipos, nos reducionismos, nos preconceitos. Quando o historiador considera certas formas de sofrimento e os seus modos de expressão como acontecimentos históricos, terá maiores condições de refletir sobre as suas “conseqüências”: a aceitação da dor e/ou a recepção da cura. Neste caso, fazendo referência ao hino citado anteriormente, há um caminho que conduz ao estado de sanidade.

Mesmo conferindo um lugar às palavras e às situações de sofrimento expressas em metáforas como “nuvens densas”, o lugar da cura tanto moral quanto física é construído, elaborado e territorializado pela compositora, qual seja: “*Põe plena confiança em quem não pode errar, Jesus, já sem tardança vem tua dor sarar*”. Ao citar Arão, o irmão de Moisés que fabricou e adorou um bezerro de ouro, e por isso foi punido, Frida Vingren apresenta o caminho pelo qual o homem deve percorrer para se libertar das dores que o cercam, mandá-las embora. O caminho apresentado é “*confiar em Jesus que virá sem tardança a tua dor sarar*”. É a trilha para o êxodo ou migração do sofrimento. É o itinerário da mutação. Sobre a dor como um resíduo com formas mutáveis, Farge argumenta:

O sofrimento não é um resíduo com formas imutáveis; as suas palavras e os seus gestos animam uma sociedade e irradiam de todos os lados. Está também nos dealbar dos desejos fraternais e dos seus movimentos de solidariedade: quebra tanto como solda, mas é evidentemente a recepção que lhe organiza que o torna sórdido ou mobilizador. (FARGE,1999, p.22)

Ainda sobre a dor, para aqueles que tiveram uma caminhada marcada apenas pelo sofrimento, existe um remédio ministrado no seio protestante: o alento. A letra da música da Harpa Cristã é sintomática nessa questão: “*Lá no céu não teremos mais dor, e o pranto ali há*

de findar, quando perto do nosso Senhor, nossa alma, enfim, repousar". (VINGREN, Frida. Harpa Cristão, nº 510)

Assim, as letras das músicas, os depoimentos de alguns membros e líderes são apenas alguns exemplos que atestam que para os membros das Assembléias de Deus no Brasil, as doenças e enfermidades possuem sua origem no pecado original. Se a causa da doença pode ser o pecado, a desobediência a Deus ou "investidas" do diabo, a cura vem de outra fonte: a fé em Jesus. A promessa de cura pela fé em Jesus elimina os males da doença não apenas do corpo, mas também da alma. Silas Malafaia²¹, um dos pregadores e televangelistas mais conhecidos nacionalmente, pertencente à Assembléia de Deus da Penha (RJ), ao se apropriar do discurso de cura, afirma:

A maioria das doenças da alma não deveria ser tratada com remédio, mas sim com a Palavra de Deus. Se Deus nos criou, Ele nos conhece e nos entende mais do que qualquer psicanalista ou psicólogo. Ele deixou para nós o melhor manual de comportamento humano do mundo. Portanto, nós temos as respostas para a cura interior. Elas estão em Sua Palavra, a Bíblia. (MALAFAIA, 2007, p. 35)

Uma leitura que Silas Malafaia faz do discurso bíblico sobre a cura é bastante sintomática nesse sentido. Comparando o discurso de cura da ciência com o bíblico, o televangelista afirma que a "Palavra de Deus penetra onde Freud desejaria profundamente penetrar, ou seja, na divisão da alma e do espírito, na parte mais profunda do ser humano, naquela região que nenhum terapeuta, nenhum intelectual consegue saber onde é". Para Malafaia, Deus está acima da psicanálise, da psiquiatria, da psicologia e dos livros de auto-ajuda. "Ele traz o que está no mais profundo do inconsciente e coloca na nossa frente e diz: 'É esse ponto aqui, meu filho, que você tem de acertar, de corrigir. É isto que está provocando doença em você". Para o pastor Silas, Deus é capaz de dizer ao seu "filho" o que está provocando a doença e quais são os caminhos da cura. Esse caminho está na Bíblia, pois na "*Palavra de Deus encontramos as receitas que as ciências humanas não têm*". (2007, p.36 e 38). No jornal Mensageiro da Paz, na página denominada "Ponto de Vista," sobre o tema do mês "Auto-estima", encontramos a seguinte declaração:

²¹ Graduado em Psicologia. Vice-presidente da Assembléia de Deus na Penha e apresentador do programa VITÓRIA EM CRISTO, transmitido pela Rede TV e pela Rede Bandeirantes de Televisão.

A restauração da auto-estima ocorre quando nos libertamos das algemas das críticas e da rejeição. A Bíblia diz em João 8:36: “Se, pois o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres”. Caso você esteja vivendo uma situação semelhante, liberte-se agora dessas amarras. Não aceite no seu espírito a condição de inferiorizado. Corte a amizade com quem está lhe inferiorizando. Definitivamente, esse relacionamento não é da vontade de Deus! (MENSAGEIRO DA PAZ, 1999, p.7)

Várias metáforas são identificadas no conteúdo acima anunciando milagres. A palavra “restauração” usada no ambiente médico como um processo de refazer o que adoeceu, enfermou, é neste contexto prometida aos sintomas “necrosados” da alma, caso o indivíduo seja libertado por Cristo. Esse estágio de liberdade viria a partir da negação de padrões ditos mundanos, abandono da incredulidade ao que dizem as escrituras e prática de amor ao próximo. Outra receita dada pelo redator Judson Santos é “*cortar as amizades que provocam inferioridade*”. A metáfora do corte é deixar as más companhias infectadas pelo desamor que transmite a rejeição, o ressentimento, que cada vez mais alcança um maior número de pessoas. O discurso de Malafaia e Judson demonstra que a Assembléia de Deus, embora reconheça o valor das Ciências Humanas, atribui à Bíblia e a Deus o poder de cura.

Mas o que dizer daqueles que seguem a fé, obedecem às normas da igreja e não são curados? Por que essas pessoas não renunciam a fé e não deixam de freqüentar as reuniões? A resposta para essas perguntas está na visão geral da igreja divulgada em suas publicações. Eles alegam que existem sim impedimentos à cura, e o pecado não confessado seria o principal. É como se a absorção do pecado original fosse adquirida na fé em Jesus, mas caso o fiel transgrida as leis divinas e os códigos doutrinários da denominação, torna-se sujeito a sofrer danos físicos através de enfermidades. Outros fatores são levados em consideração tais como:

Opressão ou domínio demoníaco, medo ou ansiedade aguda, insucessos no passado que debilitam a fé hoje, ensino antibíblico, negligência dos presbíteros no que concerne à oração da fé, descuido da igreja em buscar e receber os dons de operação de milagres e de curas, incredulidade e irreverência com as coisas santas do Senhor. (<www.igrejaassembleiadedeus100.org.br>)

A Igreja reconhece que há casos em que não está esclarecida a razão da persistência da doença física em crentes vistos como “dedicados”. Para eles, em determinadas histórias Deus resolve levar seus “amados santos ao céu, durante uma enfermidade”.

O uso da linguagem metafórica idiomática, ou seja, “o sangue de Jesus te sara e te garante o céu”, possivelmente garante a espera resignada. É, então, através deste discurso imbuído de promessas de cura comprometido com um jogo de palavras que suscitam esperanças no campo da saúde, que os líderes da AD exercem domínio sobre os ouvintes. O cumprimento de normas e a fidelidade aos dogmas resultam da “maneira de falar” que, de acordo com Certeau (1994), são indicadores de consumo ou de jogo de forças. O produto apresentado é a cura física que poderá ser consumido por todos aqueles que crêem no poder do evangelho.

Porém, as pregações, padrões e crenças da AD não circulam apenas no âmbito da Cura Divina, outros aspectos são também fundamentais na construção da identidade da Assembléia de Deus no Brasil e no processo de sua “limpeza identitária”.

No próximo capítulo, o eixo de análise será mostrar como os usos e costumes se estabeleceram como padrão na Assembléia de Deus e como esses usos e costumes se retratam em metáforas de cura que suscitam nos fiéis a confiança de uma vida cotidiana feliz e a esperança de um porvir eterno, pleno de descanso.

congregacional é indicado pelo dirigente ou pastor da Igreja, quase sempre o hino 243 da Harpa Cristã. Após este, os discípulos da Igreja sugerem outros números, e, assim, o culto vai sendo montado, construído, ritualizado, textualizado, escriturado. São maneiras diferenciadas de fazer que são criadas, fabricadas como práticas educativas, em que o fazer pedagógico se faz presente nas mais diferentes ocasiões, nos gestos, nos passos e nas falas. Cada hino cantado ou texto lido é uma peça significativa na liturgia eclesial, na escolarização dos membros da Igreja. Essa “escolarização do corpo” demonstra como a Igreja pratica a pedagogia² do disciplinamento dos corpos.

Na Igreja, as identidades e os significados são produzidos, consumidos, representados, subjetivados, regulados. A Igreja é um lugar de produção de imagens e conhecimentos, que representa e dá sentidos aos sujeitos e aos corpos sempre na busca constante do bem-estar proporcionado pela saúde espiritual. Essa condição de sentimento de vitória sobre os males da enfermidade está quase sempre atrelada às normas legitimadas de santidade estabelecidas pela AD. São regras e padrões criados pelos pioneiros (Berg e Vingren) que ao longo dos anos se proliferam reafirmando esse jeito de ser assembleiano.

Cada membro vai se identificando com essa tradição inventada, com essa pedagogia do corpo e da alma. Como qualquer outra prática cultural, o culto constrói os sujeitos em suas particularidades, em suas especificidades. Como argumenta Louro:

De qualquer forma, investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas (...) Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam. (LOURO, 2004, p.15)

É, portanto, uma disciplina que marca o corpo com insígnias de poder indicando o território conquistado. Neste espaço (os cultos), os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam. Na submissão incontestável exigida

² Para Henry Giroux e Peter McLaren, existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir experiências e construir verdades. Cf. SILVA, 1995, p.144.

nessas reuniões, cada membro deixa de ser na verdade um elemento da natureza, um cidadão, tornando-se um “objeto da cultura” assembleiana. É neste clima que o corpo pentecostal “*se constrói, se fabrica, se modifica, se escolhe, por meio de artefatos, acessórios, técnicas, gestos e atitudes*”. (LOURO, 1999, p. 83)

Continuando a caminhada pelo culto, após os louvores, a Palavra de Deus é lida, em pé, seguida de uma oração. Lida a Palavra, é a vez e a hora de os vários grupos musicais e conjuntos-corais celebrarem, festejarem, mas sem bater palmas³. E assim, um a um, anunciados pelo dirigente, vão se levantando e cantando os seus louvores. Os nomes dos conjuntos são muitos, variados, retirados da Bíblia ou que expressam sentimentos voltados para o pentecostes tais como: **Vozes Pentecostais**, esse título indica força, volume, referenda o acontecimento do dia de pentecostes em Atos dos Apóstolos quando Pedro e os demais discípulos de Jesus ecoaram suas vozes para mais de três mil pessoas.

E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. (...) Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a sua voz. (Atos 2. 1 e 14)

A identificação com o evento que protagonizou o início da igreja primitiva dá poder de validade e ressoa ao grupo e à igreja um certo tom de autoridade. Outro nome escolhido para grupo de louvor é **Getsêmane**, literalmente significa “*prensa de azeite*”. Foi o jardim onde Jesus e seus discípulos foram orar na noite anterior à crucificação de Jesus. De acordo com o Evangelho de Lucas, capítulo 22, verso 44, a angústia de Jesus no Getsêmani foi tão profunda que “*seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão*”. Colocar este título num grupo pressupõe demonstrar sua identificação com Jesus na hora do sofrimento, o azeite para ser prensado é esmagado, espremido, assim como o crente, ao passar por lutas e provações, também o é. A representação deste monte remete à dor, ao sofrimento, que necessariamente não é em si mesmo algo ruim, talvez redunde em bons resultados. No caso de Jesus, a Bíblia relata que Ele sofreu, foi pisado e esmagado, porém, a sua morte possibilitou o retorno da humanidade ao convívio com Deus, direito perdido no pecado original. Segundo Farge (1999, p. 20), “*a dor tem significado e a maneira como a sociedade a capta ou recusa*

³ A Assembléia de Deus ligada à Missão proíbe o bater palmas em suas reuniões.

é extremamente importante". Os fiéis assembleianos fazem a leitura do sofrimento como sendo necessário para a "purificação", tal qual o ouro precisa do fogo para tornar-se ainda mais perfeito. O enunciado e a recepção da dor fabricam um dispositivo que faz sentido para a comunidade pentecostal auxiliando na compreensão e aceitação dos dogmas. É, assim, um Getsêmani!

Outro monte escolhido como título do conjunto é o **Monte das Oliveiras**, lugar onde Jesus ensinou as multidões e declamou o "Sermão do Monte". Os membros do grupo desfilam seus corpos disciplinados por entre as cadeiras trazendo circunscrito em seus rostos exuberantes por poder cantar no culto as marcas do discurso de submissão empregado por Jesus neste monte e defendido pela igreja, *"se teu irmão te pedir a capa, oferece-lhe também a túnica, e se te exigir caminhar uma milha, vai com ele duas."* (MATEUS 5: 40 – 41)

Já os nomes **Acordes Celestes** e **Melodia Eterna** inspiram uma ligação direta com o céu, uma vontade de receber influência dos anjos que tocam e cantam para Deus. **Ebenézer**, *"Tomou, então, Samuel uma pedra, e a pôs entre Mispa e Sem, e lhe chamou Ebenézer, e disse: Até aqui nos ajudou o SENHOR"* (I Samuel 7:12), o nome do coral apresenta um Deus que ajuda seu povo, que é fiel nas promessas. Ao ser chamado à frente pelo dirigente da reunião, os componentes imponentes são acompanhados por vários pares de olhos que esperam ouvir canções que acalentem o coração e refrigerem a alma. Com o uso da pedagogia do corpo e da alma, a comunidade assembleiana recebe de forma lúdica ao ouvir e ver o grupo coral a escolarização dos ritos que a compõe.

Os títulos dados a Jesus nas escrituras tais como: Lírio dos Vales, Rosa de Sarom, Brilho Celeste, Rocha Eterna, inspiram muitos grupos ainda hoje. A relação com elementos da natureza dão idéia de pureza, perfeição, tranqüilidade, discursos que encontram na condição social do corpo um oportuno espaço de pulverização, propagação dos ritos pentecostais. Os sujeitos assembleianos são induzidos a tatuar em seus corpos o emblema da simplicidade, que incomoda, perturba e provoca não só os de fora da comunidade pentecostal, mas também, alguns de dentro. É certo que sempre haverá alguns dispostos a descumprir as normas vigentes mesmo que em oculto, através de artimanhas que Certeau (2000, p. 68) chama de táticas. Vejamos o que dizem esses assembleianos abaixo:

Corria boatos que algumas irmãs usavam coque para despistar as aparadas que davam, e faz sentido, se o cabelo foi dado em lugar de véu, por que então usá-lo preso? (JUDÁ, 2008)

Não podia participar da Santa Ceia quem possuísse um aparelho de televisão, por isso alguns irmãos não compravam, mas nos seus programas favoritos, inclusive, novelas, visitavam os vizinhos para dar aquela olhadinha. Os mais ousados chegavam a comprar sua televisão, mas mantinham ela escondida no guarda-roupa. (BETE- REOBE, 2008)

Com efeito, ainda que na condição de membros regulares e até componentes do grupo de louvor, submetidas a um regulamento minucioso, muitas mulheres procuravam usar as possibilidades mais efêmeras para driblar a marcação cerrada dos líderes espirituais.

Finalmente, carregar no nome do grupo a expressão **Ágape**, que indica amor, sugere a participação de mais alguém no cenário - o outro, visto que dentro da igreja as relações sociais serem dimensionadas e subjetivadas a partir dos pressupostos bíblicos. Essa subjetividade que perpassa o amor por si e pelo o outro permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade. Os grupos, as músicas, os nomes fazem relação com o que se pretende estabelecer, no caso, uma identidade assembleiana, lembrando que “as identidades são construídas dentro e não fora do discurso” (HALL, 2003, p. 109). Assim, não apenas os variados nomes consolidam uma suposta identidade, como também uma vasta quantidade de músicas em melodias as mais distintas, desde o ritmo forró até o pop-rock. No gosto musical, cantores clássicos do meio assembleiano, como Vitorino Silva⁴, Oséias de Paula⁵, Cecília de Souza⁶, Cícero Nogueira⁷,

⁴ Autor, cantor e pastor Vitorino Silva, ícone e pioneiro da música gospel nacional. Atuou nas décadas de 70 e 80. Disponível: <<http://www.efratamusic.com.br>> Acessado: 18/Fev/2009

⁵ Nasceu no dia 23 de abril do ano de 1951 na cidade do Rio de Janeiro. Atua como cantor evangélico desde 1970. Hoje, divide seu ministério entre os Estados Unidos e o Brasil. É também pastor evangélico. Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Oz%C3%A9ias_de_Paula>. Acessado: 18/Fev/2009

⁶ A cantora deu o nome de *Desapareceu um povo* a um de seus discos lançados na década de 70, obra esta que entrou para a galeria das músicas inesquecíveis do gospel nacional.

⁷ Cícero Nogueira possui um sem-número de discos gravados em sua jornada, isto por diversas companhias fonográficas, inclusive, em 1989, pela internacional *Warner Music*. Corria a campanha pelas *Diretas Já!* pelo Brasil afora, na primeira metade dos anos 80, quando Cícero trouxe para o seu público o LP *O fogo não pode se apagar* pelo selo *Manancial*. Este bolero de Cícero é presença constante, até hoje, nos cultos das igrejas pentecostais. Disponível: <<http://www.efratamusic.com.br/gospel29>>. Acessado: 18/Fev/2009

Shirley Carvalhaes⁸, Feliciano Amaral⁹, Luiz de Carvalho¹⁰, Denise¹¹ e outros. Hinos que contribuem para construir as identificações dos assembleianos, voltadas para a produção de um corpo sarado pelo sangue de Jesus, livre do pecado e dos males, corpo-templo do Espírito Santo como diz a música do cantor pentecostal Cícero Nogueira:

O nosso corpo é um holocausto vivo
Devemos colocá-lo no altar
Para queimar a noite inteira
Até o dia clarear
E não podemos esquecer
De remover, as cinzas do lugar
E colocar a lenha novamente
Por que o fogo não pode se apagar

Não vai se apagar, não, não, não vai
Se o fogo se apaga o crente cai
Remove as cinzas e bota a lenha
E deixa o fogo de Deus queimar

A lenha representa a oração do crente
E lenha seca queima muito mais,
E nos enchendo do poder do céu
Para vencer a satanás,
Mas não podemos esquecer de remover,
As cinzas do lugar e colocar, a lenha novamente,
Porque o fogo não pode se apagar

(<http://vagalume.uol.com.br/cicero-nogueira/nao-vai-se-apagar.html>)

O corpo é aqui representado como um lugar a ser alterado, marcado, codificado, (re)feito. A proposta da mensagem musicalizada é convencer o sujeito a entregar-se, ou melhor, entregar seu corpo a um processo que implica renúncia, sofrimento, dor, a fim de que seja construído nele contornos demarcadores que representam a instituição assembleiana.

⁸ Shirley Carvalhaes é uma das cantoras brasileiras mais conhecidas no meio evangélico, com uma carreira sólida de mais de 30 anos, é também reconhecida internacionalmente por suas turnês nos Estados Unidos, Japão, Canadá, França, Portugal, Suriname e Inglaterra. Disponível: <<http://shirleycarvalhaes.zip.net>>. Acessado: 18/Fev/2009

⁹ Feliciano Amaral nasceu na Cidade de Miradouro no estado de Minas Gerais. Começou as atividades como cantor evangélico em 1948. Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Feliciano_Amaral>. Acessado: 18/Fev/2009

¹⁰ Luiz de Carvalho (1925) é um evangelista e cantor da música evangélica. Foi o primeiro cantor evangélico a gravar um disco no Brasil no ano de 1958. Disponível: <<http://www.oyo.com.br/artistas/gospel/luiz-de-carvalho>> Acessado: 18/Fev/2009

¹¹ Cantora evangélica que impressionou um grande público que saudosamente ainda a admira. Ela faleceu em 1999 num trágico acidente de carro aos 39 anos sendo a única vítima. Disponível: <<http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=69&materia=721>>. Acessado: 18/Fev/2009

As metáforas de fogo (presença de Deus), lenha (oração), e cinza (o que restará das atitudes contrárias às normas instituídas), apontam e classificam o processo de mudança, em que o sujeito assembleiano, ao ser marcado, será denominado a partir dessa referência. Ao determinar o tempo desse processo como sendo “*a noite inteira, até o dia clarear*”, se entende como algo demorado, hostil, solitário, lembrando que o “corpo é inconstante, que suas necessidades e desejos mudam”, (WEEKS, 1999 apud Louro, p. 14); logo, o fogo não pode se pagar. Uma insinuação camuflada de que não se deve ausentar da disciplina, da sujeição é inculcada nos membros ao cantarolarem os versos de Nogueira, estreitamente imbricados com o discurso doutrinário que circula entre os pentecostais da Assembléia de Deus. O corpo apresentado como “holocausto vivo” é uma metáfora de renúncia aos procedimentos “carnais” dos que estão fora da igreja. Colocar o corpo vivo para ser queimado simboliza viver na sociedade, mas não se submeter aos valores ditos por ela que ferem o código das leis sagradas.

Ainda analisando a letra da música vimos que não se deve “*esquecer de remover as cinzas*”. Isto quer dizer que o corpo do crente assembleiano, ao ser queimado vivo no altar de Deus, libera cinzas que na verdade representam as impurezas, sujidades e odores que, caso não sejam retiradas, prejudicarão o processo de purificação pelo o qual o fiel passará. O corpo assembleiano, como diz Louro (1999) é a âncora da identidade AD e, portanto, deve “*decodificar, inscrever com marcas de fogo as formas que classificam o sujeito apresentando corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam*”. (LOURO, 1999, p. 15)

Nesse processo de renúncia, limpeza e sacrifício, os membros acreditam poder “vencer a satanás”, figura do mal que entre outros males provoca as doenças em todos os seus níveis. Para evitar as doenças no espírito, na alma e no corpo se faz necessário praticar a higiene moral e para conseguir essa façanha dos fiéis é preciso convencê-los. Vigarello (1985) afirma que “*a higiene alarma para convencer, dramatiza para surpreender*”(p. 165). Ainda segundo o autor, em seu estudo sobre a higiene no século XIX, “*a higiene baseia-se, de facto, numa exigência interna, íntima, difícil de formular numa primeira fase, tão ‘gratuita’ pode parecer: lavar sistematicamente o que não se vê, para além do ‘odor’ e da sujidade*”. (VIGARELLO, 1985, p. 166)

A pedagogia da higiene moral é aplicada pelos líderes da AD como instrumento modelador que proporciona saúde e bem-estar aos membros submissos. As ações são orientadas para dentro e fora do território da igreja e se constituem como “evidências” dos corpos santos. Estas várias ações que confeccionam o culto assembleiano são operações que organizam um espaço de louvor e adoração a partir de um não-lugar, denominado por Certeau como “lugar-praticado”. (1994, p. 202). Cultos feitos de lugares intensos em relevos monumentais. O espectador pode nesse ambiente ler um universo que se projeta no ar e nos gestos onde ali se escrevem e se inscrevem as figuras do sagrado, do sobrenatural, do existencial. Esboçam-se texturas místicas, experiências miraculosas, vozes carregadas de sensibilidades. Neste palco de concreto, os cânticos, pregações e palavras de testemunhos compõem uma geografia identitária, formam tradições que cristalizam determinadas imagens representativas da AD. Essas imagens encontram-se demarcadas nos depoimentos de duas jovens senhoras a seguir:

Tive uma infância de abandono por parte do meu pai, primeiro ele abandonou minha mãe e constituiu outra família nos deixando a míngua. Cresci sonhando que voltaria, mas ele faleceu em um acidente de avião. Quem mandou ele morrer? Abandonou-me pela segunda vez. Pode até parecer engraçado, mas dentro de mim causou uma dor, insegurança e uma tristeza que parecia não ter fim, até que tive uma experiência linda com Deus. Conteí a Ele o que eu sentia, disse-lhe que no fundo culpava a Ele de ter permitido que meu pai morresse sem ter voltado para mim. Pedi perdão por cultivar esse sentimento e supliquei a Deus que tirasse aquela dor que fazia de mim uma pessoa tão triste, disse a Ele que perdoava meu pai por que eu queria ser uma pessoa livre. Naquele dia senti como se Deus alcançasse meu coração com a sua mão e arrancasse aquela dor como se ela fosse um tumor. Eu me levantei daquela oração outra pessoa. O que aconteceu foi real, me sinto livre, me tornei uma pessoa segura, não tenho mais medo. (PRISCILA, 2008)

Passei um tempo com mágoa do meu pai, um trauma de infância e isso me incomodava, sentia ódio dele, por isso não o perdoava. Um dia estava orando, quando o Senhor me mandou liberar perdão para ele, confesso que foi difícil, mas consegui perdoá-lo, hoje não sinto nada por ele em relação a isso: senti uma cura e louvo ao Senhor, pois amo muito meu pai. (ELISEBA, 2008)

Nesses depoimentos as tensões e as enfermidades emocionais se manifestam e desencadeiam práticas conforme as idéias que circulam no meio social, no caso, no ambiente de culto. A cura resultante do perdão a um ente querido modela a identidade de humilde, de

reconciliador, oferecendo a todos que assim agirem um lugar de fala (testemunhos, cânticos e pregações) no culto, e um lugar de origem (pertencer ao *locus* assembleiano).

Sendo assim, o culto pode ser visto como um discurso que, ao corporificar narrativas particulares sobre os indivíduos e a sociedade, os constitui como sujeitos. Seria correto dizer que o ambiente do culto é um lugar controlado por estratégias de poder e referências simbólicas. Trata-se de um lugar próprio. São espaços estrategicamente planejados, salão de culto, classes de Escola Dominical, encontro de obreiros, Santa Ceia com portas fechadas, revelando-se como cultivo dos corpos, lugar de onde afinal seriam arrancados os vícios de pecados e implantados novos hábitos e valores. É, portanto, neste ambiente controlado por ações corporativistas que os corpos de homens e mulheres são adestrados e induzidos a reconhecerem aqueles que não partilham dos sinais indicadores da denominação. Em síntese, reconhece-se o outro a partir do lugar que ocupamos.

Mas não só de hinos vive a Assembléia de Deus. Palavras de saudação e testemunhos de milagres muitas vezes são intercalados entre um grupo e outro, enquanto chega a hora da ministração da Palavra. À medida que o culto é construído, hinos e pregações vão divulgando a necessidade que o homem tem de Deus e de se purificar cotidianamente, reforçando a condição pecaminosa e doente do sujeito, ao mesmo tempo em que subjetivam e expressam o poder sarador de Cristo em suas vidas. Cada um desses discursos é tomado como enunciados que podem se tornar referência básica na vida de cada membro ou congregado¹². No jornal Mensageiro da Paz (junho de 2004) são relatados os seguintes testemunhos:

Sofria de uma dor muito forte na perna esquerda. Orei ao Senhor pedindo a cura e Jesus teve misericórdia e curou-me. Recebi essa benção em 2004. Agradeço ao meu Deus pela cura. (VENINA, 2004, p. 14)

Estava com câncer-paget na mama esquerda. Fiz alguns exames de mamografia, como histopatologia, macropia e citologia. O Senhor Jesus usou uma irmã em profecia dizendo que estava “queimando a enfermidade”. Os dois últimos exames não acusaram nada, para honra e glória do Senhor! Em fevereiro de 2008, completei 16 anos de curada. (LENILZA, 2004, p.14)

¹² Somente são considerados membros os convertidos que já passaram pelo batismo nas águas. Os congregados são os que freqüentam regularmente o templo, mas ainda não possuem filiação institucional por meio do batismo.

Não somente a dor subjetiva da alma e do espírito é testemunhada, como também enfermidades físicas que vão da dor na perna até doenças consideradas incuráveis. Esses relatos expressos por escrito em jornais e revistas da instituição, ou de forma oral nos cultos, ajudam a reforçar a doutrina e organizar os significados, significados esses que Castells (2006, p. 22) define como “*identificação simbólica por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator*”. Essas ações individuais e coletivas promovem a aceleração da construção identitária do sujeito assembleiano.

Dessa forma, é preciso levar em consideração a trama social na qual estão inseridos, procurando pensar não apenas as condições sociais nas quais foram produzidos, mas também as condições institucionais e os meios através dos quais foram veiculados e interpretados, conforme relatamos no primeiro capítulo.

Começar este capítulo narrando a geografia do culto da Assembléia de Deus é um exercício estratégico para situarmos o leitor quanto ao cenário por nós escolhido, cenário esse em que convivem diversos sujeitos e nele criam suas tramas e dramas, recebem a doutrina elaborada pelos jovens suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, e as reproduzem através de vários discursos. Nas pregações, nos hinos, nos estatutos e regimento dessa denominação, podemos perceber um conjunto de práticas que lhes ajudam a criar suas identidades, tais como cura, saúde, doença, libertação, salvação, felicidade, fé, justiça, provir, usos e costumes.

Em torno dessas categorias foram elaborados símbolos que, em determinados casos, alcançaram *status* de tradição, como assevera Hobsbawm (1984, p. 21), tentando assegurar identidades ou coesão entre os adeptos. Dessa forma, devemos analisar esse conjunto de fontes documentais em torno da Assembléia de Deus como discursos que produzem conceitos e sentidos, em que há disputas, relações de poder, que interferem nas posições em que os membros e congregados ocupam socialmente. Como argumenta Hall (1997), são discursos que inventariam a identidade do “outro” mediante as representações, produzindo e fazendo circular referências que governam e controlam as identidades.

Assim, fundamentando-se nas operações de ordenar, prescrever, certificar, avaliar, prometer e ameaçar, um “jeito assembleiano de ser” foi sendo construído de modo que pudesse apresentar-se como legítimo no processo de regramento da vida individual e da ordem religioso-institucional da AD. Adotou-se um modelo de prática religiosa revestido com

elementos da ciência médica mantendo-se conservado, através do Regimento e do Estatuto, o lugar de quem ouve, analisa, julga, prescreve e ameaça. É, pois, essa concepção de perfil de assembleiano que, pouco a pouco, foi tornando-se preponderante ao longo do século XX, tempo em que, não é demais recordar, estavam sendo inauguradas no Brasil as primeiras instituições pentecostais (Assembléia de Deus e Congregação Cristã).

As várias narrativas contidas nos cultos, explícita ou implicitamente, corporificam noções particulares sobre conhecimento, sobre formas de organização social, sobre os diferentes grupos sociais, fixando noções particulares sobre gênero, sociedade, casamento, dentre outros. São narrativas que dizem qual conhecimento é legítimo ou não, quais procedimentos são válidos, o que é certo e o que é errado para o homem e para a mulher, o que é moral e o que é imoral, o que é saudável ou prejudicial ao corpo e à alma, quais vozes são autorizadas e quais não são. O Regimento Interno, por exemplo, é uma narrativa que “canoniza” determinadas práticas e desvaloriza outras, conforme vemos no Art. 15: *“Comete falha aquele que ofende o próximo e os costumes adotados pela Igreja”*. Portanto, o Regimento e o Estatuto em anexo são dispositivos ativados constantemente pelos pastores e líderes de congregação no sentido de elaborar o campo de atuação doutrinária, concorrendo para identificar e combater o “joio no meio do trigo”. Com isso, buscam, também, constituir uma certa unidade no pensamento e na ação dos pastores e líderes em todo o Brasil. É um discurso que autoriza ou desautoriza, legitima ou condena, inclui ou exclui. Através dele, identidades “hegemônicas” são fixadas, moldadas, enquanto outras são contestadas e questionadas. Nesse processo, os adeptos da AD vão subjetivando códigos, normas, se construindo enquanto sujeitos particulares. Veja o que diz o Artigo 8º do Estatuto da Igreja Assembléia de Deus quanto aos deveres dos membros:

I – cumprir o Estatuto, bem como as decisões ministeriais, pastorais e das assembleias;

II – contribuir, voluntariamente, com seus dízimos e ofertas, inclusive com bens materiais em moeda corrente ou espécie, para as despesas gerais da igreja, atendimentos sociais, socorro aos comprovadamente necessitados, missionários, propagação do evangelho, empregados a serviço da igreja e aquisição de patrimônio e sua conservação;

III – comparecer às assembleias, quando convocados;

IV–zelar pelo patrimônio moral e material da igreja;

V– prestigiar a igreja, contribuindo voluntariamente com serviços para a execução de suas atividades espirituais e seculares;

VI – rejeitar movimentos ecumênicos discrepantes dos princípios bíblicos adotados pela igreja;

VII – freqüentar a igreja e cuidar com habitualidade;

VIII–abster-se da prática de ato sexual, antes do casamento ou extraconjugal.

Juntos, todos esses discursos formam “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão destes conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIÁ, 2001, p. 10). Incorporam, também, os espaços, os tempos e a materialidade da AD. A forte influência dos pioneiros suecos em suas maneiras de ser e fazer evidencia a caricatura do sujeito assembleiano ao criarem um espaço diferente, o espaço do culto, que coexiste com outros espaços cotidianos, como o lar, o trabalho, a escola. Ao seguirem as normas e códigos criados por Daniel Berg e Gunnar Vingren, os membros da Assembléia de Deus recebem um sistema que foi construído e propagado por outros. Vingren e Berg podem ser vistos como “mitos fundadores”, em que a representação de uma identidade institucional passa por construções ligadas ao lugar de origem. Desse modo, são inventadas “tradições oficiais” para os membros dessa denominação evangélica, tão fortes que, quase um século depois, ainda dão coesão aos seus membros e continuam fazendo parte do Regimento Interno dessa denominação. No Art. 15, como expresso anteriormente, comete pecado aquele que ofende o próximo e os costumes adotados pela AD, mediante a prática:

V - do corte de cabelo pelas mulheres, excetuando-se o aparar das pontas;

VI - do uso de cabelos crescidos e de barba pelos homens;

VII - do uso de brincos, colares e pulseiras;

VIII - do uso de maquiagem em excesso;

IX - do uso em público de short ou bermuda;

X - do uso em público pelas mulheres, de saias e blusas indecentes, e de calça comprida, salvo em ambiente escolar ou de trabalho, por exigência da instituição;

XI - de jogos de azar;

XII - do uso de bebidas alcoólicas e de drogas;

XIII - do tabagismo;

XIV - da nutrição com alimento preparado com sangue sufocado, ou consagrado a ídolo;

- XV - de esportes coletivos.
 XVI - da participação em movimentos folclóricos populares, salvo no cumprimento de obrigações escolares e de trabalho;
 XVII - da formação do vínculo de namoro com pessoa descrente ou de outra denominação.¹³

O parágrafo acima do Regimento da AD pontua os cuidados que os membros devem ter para não cometer pecado. Os conselhos variam do comprimento do cabelo das mulheres até determinados tipos de comidas. O alimento preparado com sangue sufocado, como por exemplo: galinha à cabidela, são proibidos de ser ingeridos; é possível que a grande maioria não saiba nem por que, mas cumprem ou dizem que cumprem. Na lei mosaica foi instituído por Deus ao povo de Israel esse critério e diz respeito aos cuidados com a saúde. Um dos entrevistados na pesquisa ao responder: “*Em sua opinião, por que as enfermidades acometem as pessoas?*” diz: *A primeira é a negligência e a falta de cuidado do corpo.*

A nutrição é considerada no ensino eclesial pentecostal um fator importante para o bom andamento da vida e o código de saúde se remete aos princípios apresentados no livro de Levítico escrito por Moisés para a cultura judaica. A apropriação de parte dessa cultura pelos assembleianos demonstra não apenas um continuísmo, mas uma prática (re)inventada.

A comida consagrada a ídolos é outro impedimento no cardápio dos membros da AD e o Regimento faz menção desta norma alimentar. Neste caso, a preocupação não é apenas com a saúde do corpo, mas principalmente com os cuidados espirituais. O membro deve certificar-se da origem do alimento e caso tenha sido feita como oferta para deuses, a orientação é que seja recusada.

O estabelecimento de um Regimento voltado para a pureza do corpo funciona como um discurso que representa uma comunidade diferente, uma prática diferente daquela pregada e seguida por outras igrejas. Para Certeau (1994), essa operação de retirar ou acrescentar algo (rejeitar comidas, retirar brincos, jóias, pulseiras, maquiagem, retirar o esporte coletivo; acrescentar mangas nas blusas, barra nas saias; usar paletós, gravatas), pode ser entendido como o corolário de uma outra operação, qual seja, “fazer os corpos dizerem o código”, falarem o Regimento, expressarem as normas, soletrarem uma ordem, reproduzirem os

¹³ Regimento Interno da Assembléia de Deus (2008, p. 7).

emblemas de uma lei identificadora que “avança” sobre o corpo “para assim fazer crer e praticar”. Para Certeau,

Ela se inscreve, portanto, graças ao que dela já se acha inscrito: são as testemunhas, os mártires ou exemplos que a tornam digna de crédito para outros. Assim se impõe ao súdito da lei: “os antigos a praticaram”, ou “outros assim acreditaram e fizeram”, ou ainda: “Tu mesmo, tu levas já no teu corpo a minha assinatura”. (CERTEAU, 1994, p.240-41)

Pedagogizados por essas normas, o corpo torna-se obediente, crente nesse discurso:

Uma credibilidade do discurso é em primeiro lugar aquilo que faz os crentes se moverem. Ela produz praticantes. Fazer crer é fazer fazer. Mas por curiosa circularidade a capacidade de fazer se mover – de escrever e maquinar os corpos – é precisamente o que faz crer. Como a lei é já aplicada com e sobre os corpos, “encarnados” em práticas físicas, ela pode com isso ganhar credibilidade e fazer crer que está falando em nome do “real” (CERTEAU, *idem*, p.241).

Ainda de acordo com Certeau (p.241), o discurso normativo só “anda” se já houver se tornado um *relato*, uma narrativa articulada que fala em seu nome, uma lei historiada e historicizada, textualizada através dos corpos. Assim, o Regimento é um dispositivo pedagógico que produz sentidos e verdades em torno da AD. São metáforas que falam sobre a construção de um corpo santo, separado, diferente, higienizado pela Palavra de Deus, longe das bebidas alcoólicas, do tabagismo, das drogas, do alimento preparado com sangue sufocado. Juntamente com o Estatuto da Igreja e outras literaturas da denominação, o Regimento se encontra “preso” entre os objetivos que lhe são conferidos e o público ao qual se dirige. São normas que se inscrevem sobre os corpos, gravadas “nos pergaminhos feitos com a pele de seus súditos”. Quando analisamos o Regimento e o Estatuto, percebemos os mesmos como tecnologias disciplinares destinadas a gravar a força da norma assembleiana sobre o fiel, tatuá-lo “*para fazer dele uma demonstração da regra, produzir uma ‘cópia’ que torne a regra legível*”. (CERTEAU, 1994, p.231 e 232).

O Regimento e o Estatuto nem sempre são conhecidos pelos fiéis da AD ou de qualquer outra denominação religiosa, no entanto, seus discursos, geradores de práticas, estão diluídos em outras narrativas, como hinos, pregações, revistas de Escola Dominical, aconselhamentos, dentre outros. São impressos que, como diz Certeau, se imprimem sobre o

corpo, marcando-o com o Nome e com a Lei, alterando-o para torná-lo um símbolo do Outro, um dito, um chamado, um nomeado, um escolhido por Deus para a seara assembleiana. Cada impresso repete a experiência “do corpo escrito pela lei do outro”. Essas tecnologias disciplinares transformam os corpos individuais em um “corpo assembleiano”, uma metonímia, objetivando fazer com que esses corpos produzam o texto de uma lei, de usos, de costumes (1994, p.232-33). Na letra do hino abaixo, podemos perceber o quanto os usos e costumes, presentes no Regimento, estão contidos no mesmo:

Mulher que corta o cabelo
 Deus não pode se agradar
 Nem as suas sobrancelhas
 Foram feitas pra tirar
 Suas unhas tão bonitas
 Não foi (sic) feita pra pintar
 Minha irmã tome cuidado
 Que esta Espada vai cortar.
 (Autor desconhecido)

Uma marca definidora da identidade assembleiana é notificada no corpo feminino com traços definidos que estabelece um sentimento de pertencimento. A mulher assembleiana é evocada a reprimir sua vaidade a uma pura simplicidade a fim de “agradar a Deus”, ou será aos costumes da igreja? A intimidação está relacionada a uma tal “espada” que cortará quem pintar as unhas, fizer as sobrancelhas e cortar os cabelos. A saúde moral é para quem mantiver suas unhas limpas dos cosméticos que adulteram as formas e cores dada por Deus. A ética da pureza, como diz Vigarello (1985), previne as doenças, e neste caso, as enfermidades são as que atormentam o coração com a culpa, a dor e a solidão da depressão. Higienizar as unhas das “cores do pecado” é um “*conselho de salubridade, pois um povo, amigo da higiene, em breve o será também da ordem e da disciplina*”. (VIGARELLO, 1985, p. 154). Essas ações se representam e são representadas a partir dos significados que atribuem a si mesmas sempre atravessadas e marcadas por relações de poder. A limpeza moral gera uma higiene moralizada defendida e difundida por sermões pedagógicos com finalidade reguladora.

Os usos e costumes são, portanto, tradições inventadas, com o objetivo de sanear o outro, educá-lo segundo as normas e códigos prescritos. Inventando uma tradição, luta-se por

ela, vive-se por ela, disciplina e pune o outro que a ela não se submeter, como expressa o parágrafo 6º, do Estatuto da Assembléia de Deus:

Art. 6º - Os membros e ministros da Assembléia de Deus sujeitam-se ao seu *poder disciplinar*, podendo sofrer penalidades sempre que infringirem quaisquer das normas, doutrinas e costumes adotados pela Igreja, constantes do Estatuto, Regimento Interno e decisões da Assembléia Geral ou da Diretoria Geral da Igreja. (ESTATUTO, 2004. p.5)

A dinâmica acionada por esses “discursos dos fundadores” inventa um passado, firma uma doutrina, institui um poder disciplinar, busca ocupar um espaço significativo no seio da denominação, funda novas tradições, como não usar brincos, jóias, pinturas e calças compridas, fundamentando tais práticas em textos bíblicos.

Ou não ensina a mesma natureza que é desonra para o varão ter cabelos crescidos? (I Coríntios 11:14)

Não haverá traje de homem na mulher, e não vestirá o homem vestes de mulher, porque qualquer que faz isto, abominação é ao Senhor Deus. (Deuteronômio 22:5)

Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito.

(I Coríntios 6:20)

Mas ter a mulher cabelos crescidos lhe é honroso. (I Coríntios 11:15)

Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia. (I Timóteo 2:9)

O enfeite não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura de vestidos. (I Pedro 3:3)

Abstende-vos de toda a aparência do mal. (I Tessalonissences 5:22)

Estas são estratégias enunciativas que legitimam a “intervenção” para aqueles que fogem à regra, que criam sustentação legal e moral para uma atuação ostensiva por parte dos pastores e líderes da Congregação, de modo a colocar em prática o seu projeto “pedagógico” e “regenerador” das vidas. A tônica era “regenerar a sociedade” através da adoção de práticas vistas e ditas como puras, santas, e dignas moralmente. Ao ser fiel a tais princípios doutrinários, o membro estava tomando o “remédio” para os males, fortificando tanto o seu corpo quanto o seu espírito. Em outras palavras, esse conjunto de doutrinas coloca a pureza ao lado da virtude e do bem-estar social, ou seja, era identificada como um instrumento eficaz que impediria a proliferação da doença do “pecado” que ameaçava a sociedade.

Tu, na maldição da cruz, elevaste o teu amor
 Em rogar, Senhor Jesus: Pai, perdoa ao transgressor.
 Queres, queres com vigor, muitas almas despertar
 Queres, queres, ó Senhor! Transformar, remir curar;
 O maligno tentador é o autor da perdição
 Do pecado, mal e dor, da doença e da aflição
 Tu levaste, ó bom Jesus, o pecado, o mal e a dor
 E a doença sobre a cruz, És o grande salvador
 (HARPA CRISTÃ, 291)

A canção evoca que há poder no calvário e a fé no sacrifício vicário parece garantir livramento dos males da doença e da aflição, circunstâncias essas indesejadas por qualquer pessoa. O autor da perdição (satanás) é representado na letra desta música como criador do pecado, da doença e da aflição e parece que somente é possível livrar-se dele obedecendo ao novo padrão de vida pós conversão. Ser santo é ser identificado com as normas, com o grupo que as observa, divulgando em qualquer espaço a “sã doutrina da igreja”.

Analisando tais enunciados, atestamos que os mesmos aparecem no Regimento Interno e nos Estatutos da denominação acompanhados de uma preocupação com a legitimidade dos membros da igreja, com o controle social dos sujeitos que pertencem aos seus quadros eclesiásticos e com a afirmação deste conjunto de doutrinas como fundamental para a implementação de um projeto moralizador, que dê legitimidade social e identidade ao grupo, conforme reza o parágrafo 2º do Art. 5º. *O bom testemunho público será verificado pelo ministro local, examinando a conduta moral, cívica e espiritual do candidato, especialmente quanto à observância dos preceitos elencados na Bíblia Sagrada (...).*

A partir do Estatuto e do Regimento Interno, percebemos a produção de um conhecimento que está disposto a formar os sujeitos assembleianos, moldá-los a partir de usos, costumes, tradições e invenções. Esses documentos oficiais podem ser entendidos, conforme Certeau (1994, p.102), como estratégias que partem de um lugar de poder, compreendidas como um tipo de saber que transforma os espaços em lugares organizados e legíveis, “em lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem”.

A partir de diversos enunciados e narrativas, seus discursos produziam argumentos que se fundamentavam quase sempre em uma perspectiva teleológica da história. Esta é uma das características do discurso fundador, como argumenta Orlandi:

Essa é também uma das características do discurso fundador: a sua relação particular com filiação. Cria tradição de sentidos projetando-se para frente e para trás, trazendo o novo para o efeito do permanente. Instala-se irrevogavelmente. É talvez esse efeito que o identifica como fundador: a eficácia em produzir o efeito do novo que se arraiga, no entanto, na memória permanente (...) Produz desse modo o efeito do familiar, do evidente, do que só pode ser assim (1993, p.12).

Essa perspectiva teleológica da história nos faz pensar como a Assembléia de Deus constrói suas identidades mediante um jogo de palavras e de símbolos evocados em seu cotidiano. A construção da história da AD é pautada numa tradição inventada através da repetição e do uso constante de signos que demarcam a instituição e inventariam os corpos. São signos que evocam a AD mediante uma aparência fabricada que não reconhece as “práticas mundanas” como inerentes à “sociabilidade sadia”. Os temas centrais de seus discursos são vida e morte, santo e profano, passado, salvação e condenação, pecado e punição, presente e porvir (futuro), escolhas éticas e morais, decisões terapêuticas e regulamentações institucionais. Veja o comentário que trazem as revistas **Lições Bíblicas** para Jovens e Adultos indicadas abaixo:

O cuidado com as adaptações culturais. Embora sejamos influenciados pela cultura do nosso povo desde o nascimento, a Bíblia adverte-nos do perigo de nos tornarmos “amigos do mundo”. Os princípios registrados nas Sagradas Escrituras são absolutos e, portanto, não podem ser submetidos aos caprichos de uma sociedade permissiva. A Igreja de Cristo não luta apenas contra a cultura e os valores mundanos, mas contra as potestades malignas que gerenciam e promovem a maldade, a licenciosidade, a permissividade, a inversão de valores, a injustiça, entre tantas outras mazelas. (LIÇÕES BÍBLICAS, 2º Trim de 2008, p. 4)

A santificação é a vontade de Deus para o crente. (...) a santificação conduz ao aperfeiçoamento do caráter e da vida espiritual do crente, tornando-o participante da natureza divina. Sem a santificação ninguém verá a Deus. (LIÇÕES BÍBLICAS, 3º Trim de 2005, p. 44)

O estilo é quase sempre moralista, saneador das práticas ditas malélicas. O argumento é encaminhado a partir de pares opostos como sujo/limpo, doente/sadio, puro/impuro, santo/profano, obediente/desobediente, espiritual/carnal, dentre outros que almejam elaborar um tipo de identidade para o membro e para a sua denominação, fundando uma “tradição pentecostal” que passaria, necessariamente, pelo recurso à diferença, ou seja, sua identidade seria construída a partir da negação do outro.

Categorias como tradição, santidade, fidelidade, pureza e comunhão são acionadas com grande frequência pelo discurso de pregadores, cantores e membros da Assembléia de Deus. Lançar mão dessas categorias é uma estratégia de construir traços de identificação para essa denominação, ao mesmo tempo em que apresenta o viver em pureza e fidelidade a Deus como o único caminho que conduz à vida eterna. Ao estabelecer, através da apropriação, uma continuidade entre o passado e o presente, o presente e o futuro, esses sujeitos criam laços de identificação entre si. A Igreja de Atos é quase sempre narrada como o exemplo para homens e mulheres que querem expelir a sujeira (o pecado) e recepcionar o higiênico (a salvação), pois nela congregavam os “santos”, os “puros”, os “limpos de coração”. Diz Costa:

A comparação da igreja do século XX com a igreja primitiva, aquela que brilhou nos “Atos dos Apóstolos”, embora distante, sempre será necessária para não se perder o referencial. Alguns fatores que eram simplesmente considerados comuns naquela igreja são, atualmente, mencionados apenas nos discursos.
(<http://www.igrejaassembleiadedeus.org>.)

Outra apropriação bastante comum entre o passado e o presente é o sangue de Jesus, visto e dito como o símbolo da purificação, uma metáfora constantemente utilizada para fazer referência ao homem interior lavado e purificado das mazelas, das sujeiras e imundícies do tempo passado. O conceito de “tempo passado” é mostrado como um lugar que se foi, que não pertence mais ao corpo do novo crente que, agora, está limpo, “alvo mais que a neve”:

Seja bendito o Cordeiro
Que na cruz por nós padeceu
Seja bendito o seu sangue
Que por nós pecadores verteu
Eis nesse sangue lavado
Com vestes que tão alvas são
Nós pecadores remidos
Que de Deus recebemos o perdão.

Alvo mais que a neve
Sim nesse sangue lavado
Mais alvo que a neve serei.

Quão espinhosa a coroa
Que Jesus na cruz suportou
Oh! Quão profundas as chagas
Que nos mostram o quanto Ele amou
Ah! nessas chagas purezas

Para o maior pecador
 Pois bem mais alvo que a neve
 O Teu sangue nos torna, Senhor.
 (HARPA CRISTÃ, Nº 102)

Ficar mais alvo que a neve é afastar-se do pecado, e manter-se neste estado de purificação requer obediência aos códigos de padrão moral e ético determinados pela igreja AD. A palavra “veste” na letra da música indica um estado interior, uma condição adquirida pela fé no sangue de Jesus que mesmo não sendo um elemento real, representa a figura de um eficiente “produto de limpeza.” Porém, é no corpo do sujeito assembleiano que se evidencia a comprovação da pureza do coração. Estar “*alvo mais que a neve*” é mostrar no cotidiano as marcas da mudança que ocorreram no interior do novo crente, classificando esse sujeito e a ele atribuindo rótulo que pretende fixar a identidade da Assembléia de Deus. Os estilos, os costumes e as normas espirituais, morais e éticas da AD desenvolvem nos homens, mulheres e até crianças um processo de “escolarização do corpo”, o que Louro (1999, p.17) também denomina de disciplinamento dos corpos.

2.2 - Cabelos em lugar de véu

Na assembléia de Deus, os cabelos compridos fazem parte não apenas de uma identidade exterior, mas são vistos como símbolos de santidade, pureza e de transformação interior. Mulher de cabelo curto é identificada como masculina, que quer ser homem, que não entende o que é santidade. O texto bíblico base para esta doutrina é I Coríntios 11:14-15: “Ou não vos ensina a mesma natureza que é desonra para o varão ter cabelo crescido? Mas ter a mulher cabelo crescido lhe foi dado em lugar de véu (GIDEÃO, 2009).

É interessante perceber que nesse registro o ex-assembleiano cita um texto bíblico que aparentemente justifica a atitude de sua antiga instituição religiosa e isto é um exemplo de como a representação do cabelo na mulher pentecostal ainda possui um lugar que *materializa a disciplina* e estabelece um vínculo de permanência na mente e atitude de alguns que, embora discordem em parte de algumas exigências, (por outro) torcem para que a Assembléia não desista da rigidez de seus usos e costumes. Para Gideão, uma das fontes identitárias da

AD está nos cabelos longos, pois estes são interpretados como “símbolos de santidade, pureza e de transformação interior”. Mesmo após ter mudado de denominação, a apreciação de alguns costumes faz Gideão suspirar e dizer: *“Hoje eu acho que ela está se perdendo, abrindo mão dos usos e costumes e pegando a parte podre da modernidade”*.

Para as mulheres, mais uma vez a imagem da igreja primitiva é acionada, e os cabelos dados em lugar de véu, como sugere o apóstolo Paulo, é quase que fielmente seguida pela AD, conforme vemos na fotografia abaixo, na qual as mulheres paraibanas apresentam-se de cabelos longos (embora amarrados) e vestes “decentes”. Seus corpos estão marcados por usos, costumes; apresentam ao leitor as marcas de processos de enunciação e de subjetivação de identidade.

Figura 07 - Senhoras da AD com seus cabelos presos num congresso de mulheres paraibanas.



Figura 08 – Mulheres assembléias e suas vestes decentes no aniversário de 90 anos da AD em João Pessoa.



Conforme comprovam os depoimentos a seguir:

(...) o descumprimento dessa doutrina (cortar os cabelos), era a disciplina de 90 dias sem participar dos cultos internos da igreja e também da santa ceia. (...) vale salientar que isto aconteceu comigo, fui disciplinada por 3 meses por que apenas aparei o cabelo. (JOQUEBEDE, 2009)

Consta no artigo sete, inciso IV, do Estatuto da instituição, onde ocorreu o relato acima a seguinte declaração a respeito dos deveres dos membros da igreja: *“viver em conformidade com a doutrina bíblica, não contrariando, em hipótese alguma, a ordem e os costumes adotados pela Igreja”*. Isto mostra que a igreja leva a sério as normas por ela estabelecidas e disciplinará todo aquele que *“não viver de acordo com as doutrinas expressas na Bíblia Sagrada”*.

Não cortar o cabelo era um pré-requisito para ser membro da Assembléia de Deus. Esse costume é fundamentado em I Co. 11:2-16. “O cabelo lhe foi dado em lugar do véu (vr. 15). Assisti a muitos cultos de doutrina onde era ensinado em cima desta frase. Lembro que em um desses cultos eu fui tomada como exemplo porque meu cabelo estava grande e o pastor ministrante pediu que eu ficasse de pé para que todos vissem o cabelo longo como fruto de obediência ao costume da denominação. (...) O máximo que eu podia fazer com ele (cabelo), era repartir ao meio, prender com duas presilhas ou fazer um rabo de cavalo ou coque. Eu tinha desejo de fazer um corte para mudar a fisionomia... mas era desobediência, desagradaria o pastor e ainda estava sujeita a repreensão e disciplina. Até mesmo cortar a franja era motivo de comentários. o Pastor era pressionado pelos próprios membros a disciplinar tal

peessoa, que passaria certo tempo sem poder participar das atividades da igreja e se quisesse voltar as atividades teria que pedir perdão publicamente à congregação. (MARTA, 2008)

O depoimento aponta outra cláusula do Estatuto. O artigo 10 mostra que o membro disciplinado só poderia voltar a participar da Santa Ceia caso se arrependesse, dando bom testemunho comprovado, isto após um período de afastamento. Ao que parece, os costumes representam uma forte pressão não apenas na congregação, como também no ambiente familiar.

Apesar de fazer parte da comunidade assembleiana, nunca gostei de suas normas impostas, não podia sair dela, uma vez que era “obrigada” por mamãe e ao mesmo tempo tinha medo de ir para o inferno, pois era muito forte os ensinamento de que, quem não cumprisse suas leis, já estavam condenados, tais conceitos eram tão fortes que até mesmo outros cristãos de outras denominações que não viviam essas doutrinas eram considerados não salvos. (LIA, 2008)

Possivelmente, o medo de ir para o inferno pressionava a família assembleiana a ponto de agir com certa violência caso alguém dentro da denominação agisse contrário às regras. No site <www.igrejaassembleiadedeus.org/nossa_identidade> um comentário critica ações como estas chamando a atenção para o que diz a Bíblia sobre o assunto. O texto de I Coríntios 11:6 diz que o cabelo foi dado em lugar do véu como sinônimo de santidade e honra, mas o mesmo véu é usado em Gênesis como disfarce para Tamar, nora de Judá, quando se disfarçou de prostituta. Como entender isso, diz ele, se não levarmos em conta os costumes da época e seus valores históricos? Seguindo este raciocínio o comentarista no site dá o seguinte conselho: *Saiba de uma coisa minha irmã, nada é maior do que o sacrificio de Cristo na cruz do calvário, o cabelo; o véu; nada disso pode anular o amor de Deus pelas mulheres. Saiba que o tamanho do seu cabelo não muda a graça de Deus.*

Ao que parece, o texto de Coríntios não se refere à salvação, e sim, à honra. Trata-se de uma questão cultural que não se aplica aos nossos dias e nem à nossa sociedade onde o véu e os cabelos compridos não possuem a mesma significação daqueles dias. O comentário apresentado no site afirma que a mulher não depende do tamanho do cabelo para ser salva, como escreveu o apóstolo Paulo, apenas *lhe é honroso ter cabelos crescido.*

2.2.1. Jezabel não morreu?

Comete falha aquele que ofende o próximo e os costumes adotados pela igreja mediante a prática do uso de maquiagem em excesso. (ESTATUTO – Anexo)

Jezabel foi uma princesa fenícia e o seu pai era um sacerdote-rei em Sidom. Tornou-se rainha em Israel após casar-se com o rei Acabe. Segundo o relato descrito no livro de I Reis, ela era mulher de fortes convicções e determinada naquilo que desejava alcançar, além de ser adoradora ardente de Baal¹⁴, deus da fertilidade conhecido como aquele que controlava a chuva e, portanto, as colheitas.

Ainda hoje Jezabel é lembrada devido a sua insistência em transformar a nação de Israel que tem como único Deus Yhwh numa nação pagã e para isto perseguiu e matou muitos profetas israelitas substituindo-os por 850 dos de seu deus. (SPANGLER, 2003, p.210)

A figura de Jezabel como uma mulher perversa é apresentada como exemplo a não ser seguido. E daí parte o não uso de pintura no rosto, nas unhas e outras atitudes autuadas como vaidade. Vejamos como se procedeu com Jezabel. No livro bíblico de Reis encontramos o relato da tentativa fracassada de Jezabel na morte de um profeta chamado Elias. Este profeta além de livrar-se do ódio da rainha, profetizou a sua morte e foi no dia de acontecer exatamente o que ele disse segundo relato bíblico, que ela *se pintou em volta dos olhos*. Essa atitude gerou para uma parte dos cristãos uma aversão ao uso de maquiagem na mulher, fazendo com que a figura de Jezabel não seja lembrada nunca mais. Observe os depoimentos de Sara e Débora:

A maquiagem não era permitida por causa de Jezabel que pintou-se quando planejava fazer mal ao homem de Deus, então a mulher que usasse a maquiagem estaria imitando a Jezabel, isso seria uma atitude maligna. (SARA, 2008)

¹⁴ Estátuas de Baal mostravam o deus em pé, alto e ereto, usando capacete adornado com chifres de boi, um sinal de poder e fertilidade. Em uma das mãos ele segurava uma lança entrelaçada de folhas, talvez simbolizando o relâmpago e o crescimento das plantas. Na outra mão, trazia uma clava, que podia simbolizar força ou trovão. (SPANGLER, 2003, p.214)

Veja que é em Jezabel que a fundamentação doutrinária da AD contra o uso de pintura no rosto é representada. Existe uma determinação em “matar” a personagem bíblica e não permitir que sua influência se prolifere nas gerações depois dela. Enquanto pessoas como Miriã, Débora, Ester, Priscila e até Maria Madalena, a ex-prostituta, são indicadas como referência e modelos a seguir, Jezabel é conclamada a continuar morta e sem discípulas.

Percebemos que, para a igreja Assembléia de Deus, questões relacionadas à moral e à ética estão diretamente ligadas à salvação, como diz Rute (2008), (...) *no meu caso, eu queria mesmo era a Cristo Jesus e ter a vida eterna com Ele no céu. Portanto, sempre procurava obedecer, e se esse era o padrão para chegar ao céu estava disposta sinceramente a seguir.*

Assim, como Jezabel foi destruída e não houve para ela salvação, é preciso, segundo os ensinamentos dos assembleianos, viver o evangelho de acordo com o mais puro sentimento de rejeição aos padrões do mundo, assumindo uma postura de comunhão com Deus não apenas no coração, mas também no corpo. A idéia de corpo santo, puro, limpo, introduz um discurso higienista que oferece benefícios terapêuticos. *A higiene não serve apenas para afastar os agentes invisíveis, serve também para anular a infecção reforçando os órgãos.* (VIGARELLO, 1985, p.165). O asseio higiênico de um rosto limpo de maquiagens e unhas de cor natural afasta as influências invisíveis de Jezabel anulando os males do pecado da vaidade na vida da mulher assembleiana, possibilitando uma vida cristã saudável.

Figura 09 - Congresso de Mulheres da AD – Caetité - Ba



Em nossa pesquisa utilizamos de imagens de vários estados do Brasil a fim de mostrar ao leitor a “homogeneidade” existente neste espaço pelo menos nas ADs que compõem a CGADB (Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil) nos aspectos usos e costumes, batismo nas águas e santa ceia.

A foto acima foi documentada no XIX Congresso de Mulheres da Assembléia de Deus em Caetité – Bahia. Os rostos limpos de maquiagem demonstram a condição de santidade dessas mulheres que lavam suas faces testemunhando sua lealdade ao padrão da AD. Manter a higiene do rosto e das mãos são gestos que solidificam e propagam a representação do corpo assembleiano como um lugar onde a identidade é tecida.

Além dos cabelos curtos e ausência de maquiagem, as mulheres assembleianas deveriam evitar adornos e frisados de cabelo. Isso ainda é obedecido por algumas Assembléias de Deus no Brasil, contudo, há controvérsias ou pelo menos a tentativa de uma melhor interpretação como podemos perceber nos pontos a seguir, discutidos pelo diretor executivo Ronaldo Rodrigues de Souza, no Jornal Mensageiro da Paz, Edição Histórica dos 90 anos da AD no Brasil, Junho de 2001.

Se a mulher desejar nunca aparar seus cabelos, porque assim gosta, sente-se bem com isso, acha bonito, ou admite que assim tem maior comunhão com Deus, é direito seu fazê-lo. É a sua vontade que deve ser respeitada, salvo se for casada e o marido tiver opinião diferente. Nesse caso, a mulher cristã sentir-se-á feliz em fazer a vontade do marido. A mesma situação vale para o uso de perfumes, de cremes, de relógio, blusa manga longa ou curta, saia nos tornozelos ou logo abaixo dos joelhos, e outros usos e costumes.

Se a mulher gosta de usar cabelos apenas compridos, porém de vez em quando aparados, e se sente bem assim, consigo e com Deus, em nada pode ser repreendida com base na Bíblia, porque esta não oferece base para tal proibição.

Se aparar os cabelos fosse realmente pecado, o Espírito Santo, que convence do pecado, já teria repreendido milhares de santas mulheres que, no mundo inteiro, devotam suas vidas à obra do Senhor.

Nem tudo o que está nas cartas de Paulo pode ser considerado uma doutrina e ser estendido à igreja de hoje. Algumas recomendações ali contidas dizem respeito à cultura da época, a problemas específicos da localidade. (SOUZA, 2001)

Uma concessão é dada ao tamanho do cabelo feminino. Na foto acima vemos uma das componentes do grupo de mulheres com o cabelo cortado. De acordo com a pesquisa realizada em sites e através de questionário aplicados observamos que há uma diferença na exigência dos usos e costumes de igreja AD para outra da mesma denominação. É possível

que isso aconteça devido às muitas interpretações dadas a textos bíblicos que comentem sobre o assunto. A falta de sensibilidade às questões culturais também geram muita confusão alterando os limites de exigência colocados pelas lideranças da AD.

As várias maneiras de ler os textos bíblicos que abordam os usos e costumes na igreja primitiva possibilitam múltiplos olhares. O olhar na perspectiva de quem olha, determina, ou pré-determina uma postura se constitui a partir do sentido próprio que dão ao que é lido. O silêncio da escrita muitas vezes produz confusão porque *quando ao ler, escutar e ao olhar, estamos constantemente obrigados a envolver nossa pessoa e nossa cultura, anulamos o silêncio, somos levados a nos perder.* (LARROSA, 2001, p. 48).

Neste sentido, cabe observar, por exemplo, o papel que a leitura bíblica exerce sobre as práticas e as representações dos fiéis da AD, ou ainda como os mesmos se apropriam e interagem com as mensagens nela contida. Darton sublinha que as informações apresentadas numa página ganham importância no momento em que ocorre a interpretação clara para o leitor. *Assim, compreender a maneira como se tem lido, possibilita o entendimento de como se compreende a vida, uma vez que a leitura não é apenas uma habilidade, mas uma maneira de estabelecer significado.* (1992, p. 218).

A leitura bíblica é realizada, portanto, de várias maneiras, através de um olhar direto, atravessado ou enviesado, conforme o leitor, o espectador, o observador, sua bagagem de vida, o contexto social, e nem sempre ou quase nunca as expectativas são conscientes. Todo texto é lido a partir de “suportes ou veículos”, ou seja, o texto não existe em si mesmo – afirma Chartier que ainda acrescenta:

Contra essa abstração, é preciso lembrar que as formas que fazem com que os textos sejam lidos, ouvidos ou vistos participam também de sua significação. O mesmo texto fixado pela letra, não é o mesmo, se mudam os dispositivos de sua inscrição ou de sua comunicação. (CHARTIER, 1997, p. 68)

Logo, as versões sobre os usos e costumes entre os membros da AD variam de acordo com a maneira como enxergam os textos bíblicos. Para os líderes desta denominação, o foco está na interpretação de textos bíblicos que supõe obediência irredutível às normas internas da instituição. Os fiéis da AD acreditam que os costumes da igreja primitiva não são práticas do

passado, nem culturais, são na verdade a “vontade de Deus para seus filhos”. Essa trama discursiva quase sempre eficiente e duradoura funciona como pedagogia da santidade e é isso que veremos a seguir ao refletir sobre os usos e costumes como marcas legitimadoras.

2.3. “Nossos costumes são saudáveis”: os usos e costumes como marcas de santidade

Figura 10: Aniversário do Círculo de Oração – Abreu e Lima(PE)



Esta fotografia do círculo de oração da AD de abreu e Lima é um texto que narra como a roupa e os cabelos longos ainda são emblemas de santidade na AD. Os homens, vestidos de terno e gravata; as mulheres com vestidos abaixo do joelho e sem aparente maquiagem. O cuidado com o corpo demonstra o nível de espiritualidade dos fiéis e é na santidade que se instala a promessa de uma vida saudável, longe das maldições do pecado, iniquidade essa adquirida pela sensualidade. Os missionários suecos, “sacerdotes do conhecimento”, transformam as vestes e vários costumes em um código, uma norma que deve ser seguida pelos membros assembleianos. A Assembléia de Deus trouxe influências dos missionários e, neste caso, Vingren e Berg, que moravam nos Estados Unidos, “trouxeram consigo estas influências culturais além daquela que já existia no Brasil, sem contar a

influência da cultura judaica que está impregnada na Bíblia". (SILVA, 2003, p.30). Essa "tradição inventada" é defendida por muitos assembleianos, como diz Rubens:

Quando afirmamos que temos as nossas tradições, não estamos com isso dizendo que os nossos usos e costumes tenham a mesma autoridade da Palavra de Deus, mas que são bons costumes que devem ser respeitados por questão de identidade de nossa igreja. Temos quase 90 anos, somos um povo que tem história, identidade definida, e acima de tudo, nossos costumes são saudáveis. Deus nos trouxe até aqui da maneira que nós somos e assim, cremos, que sem dúvida alguma ele nos levará até ao fim. (RUBENS, 2008. Grifo nosso)

São bons costumes que devem ser respeitados por questão de identidade de nossa igreja. A fala do depoente pedagogiza o corpo do discípulo assembleiano para a obediência e à submissão aos usos e costumes, pois são marcas definidoras da identidade institucional da AD. Percebemos que a tônica principal do discurso de Rubens é o fortalecimento de uma identidade que afirme e confirme os padrões da Igreja Assembléia de Deus. Seu discurso demonstra a credibilidade de que a fidelidade aos dogmas representados nos costumes trará a aceitação divina e, portanto, a continuidade dessa instituição "até o fim". Não fica claro que fim será este; contudo, em tempos de descontinuidades e rupturas, a comunidade assembleiana tem em seus seguidores a confiança de que não é necessário mudar, pelo menos, mudar muito, visto que, conforme Rubens, a AD constitui "um povo que tem história, identidade definida, e acima de tudo, nossos costumes são saudáveis". Um hino cantado por Guiomar Victor representa, também, a AD como uma instituição que surgiu no Brasil para "defender" a "sã doutrina" e os dons:

Em Belem do Pará onde começou,
a doutrina dos dons, Deus enviou,
o batismo de fogo para os fiéis
era mil novecentos e dez

Assembléia de Deus no Brasil chegou,
cuidando das doutrinas e também dos dons
porta que abriu, nunca mais fechou
Deus mutiplicou o seu rebanho

Todo esse empenho da AD na defesa dos “bons costumes” através de uma pedagogia aplicada ao corpo indica, segundo Vigarello (1985, p.154), uma salubridade institucional que não seria purificada pela água límpida, mas pela obediência à Bíblia, livro reconhecido pelos fiéis como a água que limpa as sujidades do pecado. A Escritura parece também representar um tipo de sabão potente que arranca as impurezas mais impregnadas do coração. Se para Vigarello o que muda é a relação entre a cidade e o campo no que se refere à higiene que transmite saúde, para os assembleianos essa relação se dá na diferença entre a igreja e o mundo, sendo a primeira o lugar onde Deus está e, portanto, é possível se manter limpo ao ficar longe dos “padrões mundanos”.

Esse espaço em que a igreja Assembléia de Deus se projeta é narrado por Gideão (2009), como uma significação que o nome carrega em si mesmo. No próprio nome escolhido para a denominação – Assembléia de Deus – está a representação de um lugar onde Deus vem para reunir-se com seu povo numa assembleia solene. Falando acerca da identidade do nome da denominação, Gideão comenta:

Assembléia de Deus!

A religiosidade presente nesta designação supõe que a mesma pudesse ser desdobrável em outros níveis. O nome evoca o espaço possuído pelo divino, pela presença constante do Criador, reunido com os seus fiéis durante os cultos. No nome, é possível perceber as marcas de uma crença, de uma vontade, de uma verdade que desejava não apenas fundar e inaugurar um espaço físico no qual os fiéis deveriam freqüentar, mas, também, converter o Outro ao modelo exigido de fé, ouvindo, intervindo, controlando, exortando, prometendo o céu e o reino de Deus, doutrinando a partir dos dogmas divinos e parâmetros humanos. Na Assembléia, espaço físico, está Deus. Os céus e a terra se encontram para escreverem um texto, para inscreverem eventos, para fabricarem histórias. Nesse reino de Deus, múltiplas representações foram engendradas acerca do modo de edificar um futuro grandioso que se queria para o Brasil, o que se supunha, entre tantas medidas, converter à fé evangélica uma grande população e formar novas condutas. (GIDEÃO, 2008)

Analisando o depoimento acima, é possível afirmarmos que “*toda e qualquer identidade é construída*”. (Castells, 2006, p.23). No caso da AD, a construção se dá sobre uma base que chamaremos de “identidade primária” garantida na “presença divina” rotulada no nome da instituição. Logo, se Deus se reúne com seu povo numa assembleia solene, o que nesta reunião se decidir fazer será decreto, lei.

É importante destacar, contudo, que nos processos de reconhecimento de identidades inscreve-se, ao mesmo tempo, a atribuição de diferenças, pois conforme Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 73), a identidade é feita a partir das diferenças. O reconhecimento do “outro”, daquele ou daquela crente que não partilha dos atributos identitários da AD, é feito a partir do lugar institucional que ocupam os assembleianos. Dessa forma, como está expresso no depoimento de Rubens (2009), a AD constrói os contornos demarcadores as fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em sintonia com os usos e costumes institucionais) e aqueles que ficam fora dela, às suas margens, (os “desobedientes”). Para os “desobedientes”, está reservada a disciplina, a punição, a vigilância por parte dos outros. Para obedecer às regras, constitui-se todo um aparato discursivo, um cuidado e uma terapêutica de si. O olhar do outro era (e é) sempre um discurso que faz parte dos mecanismos de vigilância da Assembléia de Deus. Diz o Regimento Interno:

Art. 14. A disciplina a membro da Igreja será aplicada sempre mediante a realização do procedimento disciplinar, nos termos disciplinados no Estatuto da Igreja e nesse Regimento Interno (...) Art. 15. Comete falha aquele que ofende o próximo e os costumes adotados pela Igreja.

Dessa forma, segundo o Regimento da AD, é preciso intervir, organizar, disciplinar, punir, sanear, prevenir, cirurgiar o corpo do outro a fim de evitar os perigos, os excessos, as falhas de caráter, os desvios das normas e costumes adotados pela Instituição. Intervindo, era possível evitar que as “ameaças do mundo” não se concretizassem no seio da igreja. Questões como higiene da alma, saúde espiritual, educação do corpo-templo passam a ser tematizadas como itens que devem ser cultivados, incentivados e obedecidos como parte do receituário da vida sadia e santificada pela prática do bem. Procurando colocar em prática esse evangelho curativo e preventivo, os pastores e líderes da AD incorporaram os usos e costumes também como pontos doutrinários, qualificando-os como indispensáveis para a saúde da denominação. Talvez a frase que sintetize melhor essa vigilância sobre as práticas do outro e que oriente as propostas de intervenção por parte do ministro seja o parágrafo 2º do Art. 5º. “*O bom testemunho público será verificado pelo ministro local, examinando a conduta moral, cívica e espiritual*”. Dessa maneira, o Regimento apresenta um discurso que pode ser sintetizado na

famosa expressão popular, de forte cunho médico-doutrinário: “É melhor prevenir que remediar”.

O Estatuto e o Regimento Interno foram os pontos de partida para a reflexão sobre a elaboração de uma tradição e de discursos identitários para a AD no Brasil, permitindo aos pastores e membros construírem modelos explicativos e doutrinários que vigoram com muita intensidade até os dias de hoje: *A Assembléia de Deus no Brasil, desde os seus primórdios, é uma igreja observadora dos bons costumes pautados na doutrina essencialmente bíblica*¹⁵. Neles, fundamentam-se as práticas que forjaram e forjam as identidades assembleianas. São documentos que se preocupam com a construção da singularidade, com a elaboração de preceitos que permitem identificar a cartografia do culto e do *modus vivendi* de seus membros. São fontes que “inventariam” as especificidades dessa denominação; “manuais” que pretendem dar conta do jeito assembleiano de ser e de se comportar; são representações construídas pelos líderes, fundamentais para a elaboração de um perfil identitário. São documentos que trazem à tona tanto as singularidades de um discurso quanto às estratégias de consolidação e os conflitos enfrentados por essa denominação evangélica.

Ao normatizar os sujeitos através desses vários discursos, a AD estabelece divisões entre permitido e proibido, entre crentes santos e impuros, entre limpos e sujos, atribuindo rótulos que fixam identidades. A representação de si e dos outros é usada para forjar as suas identidades. Como argumenta Tomaz Tadeu da Silva (1998), mediante a representação são travadas batalhas discursivas de criação e imposição de significados particulares. Os propósitos desse investimento institucional consistem na elaboração de homens e mulheres capazes de viver em coerência com as doutrinas escritas pelos pioneiros que fundaram a denominação. Na voz de Rubens, a AD é o padrão normativo, é o modelo a ser seguido, é a regra que deve ser copiada pelas demais denominações:

Nós somos pentecostais clássicos, isso significa que somos modelos para os outros. São eles, portanto, eles é que devem aprender com as Assembléias de Deus e não nós com eles, em matéria de doutrina pentecostal. É muita falta de bom senso e de respeito para com nossa denominação copiar grupos neo-pentecostais que sequer sabemos quem são, nem de onde vêm e nem para onde vão. (RUBENS, 2008)

¹⁵COSTA, José Wellington. Nossos costumes.
Disponível em: <http://www.igrejaassembleiadedeus.org/nossos_costumes.htm>

A AD pode ser vista como um espaço no qual as lutas relacionadas com a memória, as identidades e as representações estão constantemente sendo travadas. Como se verifica no discurso de Rubens, é possível analisarmos como ele fala por si e também pelos “outros”, criando e divulgando a AD como a legítima representante da doutrina pentecostal. Apresenta a doutrina da AD como o padrão estético, ético, pentecostal, representando-se como legítima as suas manifestações e avaliando negativamente as demais correntes pentecostais.

No entanto, nosso objetivo não é atribuir à AD o poder e a responsabilidade de explicar as identidades de seus membros, muito menos de determiná-las de forma definitiva. Porém, como pesquisadores do assunto, reconhecemos que suas proposições, imposições e proibições educam os sentidos e possuem “efeitos de verdade”, constituindo-se parte significativa das histórias pessoais dos seus seguidores ou de ex-seguidores. Por isso podemos afirmar o quanto as identidades são negociações políticas, pois as formas como elas se representam ou são representadas, *“os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder”*. (LOURO, 1999, p.16). A fala de Rubens é uma ação pedagógica definidora de um padrão, com linhas traçadas, desenhadas, mapeadas desde 1910: *“A nossa Igreja é bem conhecida em todo o país e tem sua linha traçada”*.

Essa ação pedagógica de revisitar o passado para justificar o presente se dirige para a formação de homens e mulheres sarados pela Palavra, com suas identidades tecidas pelos vários discursos normativos, cuja finalidade é formatar os sujeitos de acordo com as prescrições doutrinárias. Rubens procura traçar uma linha de continuidade entre os pioneiros da AD e a história do tempo presente. Num jargão evangélico¹⁶, é o chamado “crente Gabriela”, ou seja, que transmite a idéia de permanência: *“eu nasci assim, eu cresci assim, e eu sou assim, vou ser sempre assim, Gabriela”*.¹⁷

¹⁶Evangeliquês é um termo utilizado no meio evangélico para se referir a determinados vocábulos típicos dessa comunidade.

¹⁷Muitos desses jargões são utilizados não apenas na AD, mas em outras denominações. Alguns deles são: Crente Chiclete - só mastiga a Palavra, mas não engole; Crente Piolho - anda pela cabeça dos outros; Crente Pipoca - vive dando pulo; Crente Macaco - vive pulando de igreja em igreja; Crente Nômade - vive trocando de habitat; Crente Carrapato - vive colado nos outros; Crente Urubu - vive se alimentando da carne dos irmãos; Crente 007 - esse é o agente secreto de Cristo infiltrado no submundo de Satanás; Crente Iô-Iô - está sempre saindo e voltando para a mão de Deus; Crente Elevador - está sempre subindo e descendo na vida espiritual; Crente avestruz - vive colocando a cabeça embaixo da terra quando tem um problema; Crente Leão - não se meta

Uma dessas ações pedagógicas está diretamente relacionada ao corpo feminino, no que diz respeito à vestimenta. No Regimento Interno, está explícito que é proibido o “uso de minisaias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã”. A tônica do Regimento é manter os corpos submetidos a uma norma, a um preceito, a códigos disciplinares, a uma “estética higiênica”. Para obedecer à norma, diz Certeau, *até as roupas podem passar por instrumentos, graças aos quais uma lei (...) se assegura dos corpos e de seus membros, regula-os e os exerce (...) como em manobras militares* (1994, p.240).

Como argumenta Louro (1999) a roupa é, também, um distintivo institucional. Vestidas com roupas “comportadas”, a mulher era a própria “AD”, uma metonímia que representa a instituição. Isso implica em manter um comportamento “adequado”, respeitoso e apropriado, em qualquer lugar e a qualquer momento. A preocupação com a saia ou o vestido longo, defendida pela AD como uma forma de dar “bom testemunho”, é reiterada em vários discursos (regimentos, hinos, pregações, etc.), com implicações que transitam pelos terrenos da higiene espiritual, da estética e da moral. Para Vigarello, através da roupa a higiene generalizou o seu valor de aparência, instalando-se uma cartografia do bem vestir (s/d, p.67). Os corpos femininos devem, pois, apresentar marcas visíveis desse processo de escolarização, de pedagogização, de subjetivação doutrinária. Essa ação pedagógica alcança o resultado pretendido, qual seja: o auto-disciplinamento, o investimento continuado e autônomo do sujeito sobre si mesmo. Homens e mulheres contam como determinados comportamentos ou modos de ser que parecem ter sido “gravados” em suas histórias pessoais:

com ele, pois ele é o Rei da Igreja; Crente Papagaio - só sabe orar com no máximo 20 palavras; Crente Pingüim - vive sempre numa geleira espiritual; Crente Chuchu - não tem gosto de nada; Crente Denorex - parece, mas não é; Crente Brastemp - não tem comparação... (com Cristo); Crente Rubinho Barrichelo - Freia no fim da prova só pra deixar todo mundo passar por ele na vida espiritual; Crente Tocha - tá toda hora queimando... "Queima demônio, queima..."; Crente Kiko do Chaves - esse não se mistura com a "gentalha"; Crente Chapolin - você pode contar com tudo, menos com sua astúcia; Crente Balaão - enxerga espiritualmente menos que uma mula; Crente Noé - Nunca as coisas são com ele, "Noé comigo irmão"; Crente Homem-Aranha - vive subindo pelas paredes por qualquer coisa; Crente 6h - Sempre dependendo da oração dos irmãos: "seis" ora por mim?"; Crente Chacrinha-: só dá abacaxi para os irmãos; Crente Pão de Fôrma - miolo mole, casca grossa, chato e quadrado; Crente Rexona - A bíblia sempre debaixo do braço; Crente Cabeleireiro - trabalha só pra fazer a cabeça dos outros; Crente Urso: no inverno, fica hibernando; Crente açúcar: se sair com chuva, derrete; Crente Quiabo: vive escorregando; Crente Oba-Oba: "tudo é festa"; Crente carrinho-de-mão: alguém tem que empurrá-lo até a igreja; Crente florzinha de Jesus: qualquer coisa sai da igreja; Crente Gabriela: "eu nasci assim, eu cresci assim, e eu sou assim, vou ser sempre assim, Gabriela..."; Crente machado: qualquer idéia, ele já corta; Crente Bule: de "pô café" (pouca fé); Crente escoteiro: só vai a acampamento; enrolado; Crente Kodak: vive de revelação; Crente com o dom do canto: fica lá no canto da igreja encostado, e não quer saber de trabalhar!; Crente celular: só vive desligado ou fora de área; Crente avião: vive nas nuvens; Crente "Alice no país das maravilhas": vive sonhando.

Quando nasci minha mãe já era membro da Igreja Assembléia de Deus, cresci sabendo que não deveria cortar meus cabelos porque era desonroso para a mulher ter cabelos curtos, quem cortava os cabelos estava em pecado e passava a ser alvo de comentários de todos os membros da igreja, o Pastor era pressionado pelos próprios membros a disciplinar tal pessoa, que passaria certo tempo sem poder participar das atividades da igreja e se quisesse voltar às atividades teria que pedir perdão publicamente à congregação. (DÉBORA, 2008)

Como está explícito no depoimento de Débora, para que estas marcas identitárias sejam instituídas nos corpos dos membros da AD, um investimento significativo é posto em ação, como é o caso da família (*“cresci sabendo que não deveria cortar meus cabelos porque era desonroso para a mulher ter cabelos curtos...”*). As mulheres que se “atrevessem” a burlar tais códigos e normas, de maneira mais evidente (cortando os cabelos, por exemplo) ficariam marcadas como figuras que se desviam do padrão esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos que não são condizentes com o espaço assembleiano. De algum modo são vistos como sujeitos doentes que fazem o contraponto com o corpo sadio, com a mente higienizada. Para tornar-se sadia novamente, o remédio era a confissão e o pedido de perdão: *“se quisesse voltar às atividades teria que pedir perdão, publicamente, à congregação”* (op.cit.).

A mãe de Débora também foi uma pedagoga, fazendo um investimento que, freqüentemente, aparece de forma articulada com o discurso da Igreja, “reiterando identidades hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas” (LOURO, 1999, p.25). Igreja e família unem-se para redobrar os cuidados sobre o corpo do outro, usando múltiplas estratégias de disciplinamento, tais como a censura e o controle, a vergonha e a culpa: *Os próprios irmãos se incumbiam de vigiar uns aos outros.* (LIA, 2008). O olhar do “irmão-vigilante” percorre o corpo do outro como se fossem páginas escritas: o corpo fala, pronuncia em seus gestos a santidade ou a profanação, a pureza ou a podridão, a sujeira ou a limpeza. Corpo que, como páginas escritas, narra o que você está pensando, sentindo, subjetivando. Corpo-carta, escrito por qualquer tinta, mas escrito e decodificado pelo outro, nem que este “outro” seja o “irmão-vigilante” que denuncia a norma quebrada, o código alterado, o padrão fraturado. Corpo-carta, corpo-texto, corpo-assembleiano. Nas palavras de Lia, encontra-se visível essa metáfora do corpo textualizado, de tal forma que, se não tivesse escrito com as letras da Denominação, seria denunciado. Esta intertextualidade do corpo responde “à encarnação da lei; serve-lhe de apoio, parece até que o fundamenta (...). Pois a lei

joga com o corpo: “*Dá-me o teu corpo e eu te darei sentido, dou-te um nome e te faço uma palavra do meu discurso*”. (CERTEAU, 1994, p.242)

É importante salientar, contudo, que a produção dos sujeitos não é uma atividade passiva na qual estes (os sujeitos) participam como meros receptores. Ao invés disso, “os sujeitos estão implicados e são participantes ativos na construção de suas identidades”. A autoridade muitas vezes é contestada, a identidade homogênea negada, discutida, repensada. Isto pode ser visível no depoimento de Lia, que passou mais de 30 anos na Assembléia de Deus. Segundo ela, sua obediência às regras era por imposição da mãe, não por vontade própria. Sua fala constitui-se, então, num antidiscurso ou um contraponto ao discurso oficial:

Ser obrigada por minha mãe a manter meus cabelos longos causava brigas em casa e revolta dentro de mim. Tudo o que eu queria era ficar mais moderna, mais o máximo que eu podia fazer com meu cabelo, era repartir ao meio, prender com duas presilhas, fazer um rabo de cavalo ou um coque. Um dia viajei para outra cidade e lá cortei meus cabelos, bem curtinhos, quando voltei para casa, levei aquela surra. Cabelos compridos eram símbolos de santidade, quanto mais compridos, mais santas. (LIA, 2008)

No discurso de Lia, se torna visível e perceptível a afirmação das identidades historicamente subjugadas, bem como as tensões que circundam esse tecido institucional denominado AD. Porém, se a AD exercita uma pedagogia do corpo e da alma, colocando em ação várias tecnologias de governo, esse processo se completa mediante tecnologias de autodisciplinamento e cuidado de si: “Na constituição de homens e mulheres, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou “jeitos de viver”. (LOURO, 1999, p.25-26). Na foto abaixo, retirada do jornal Mensageiro da Paz (Maio, 1999), temos a figura de uma mãe nos moldes da “moda” assembleiana e sua miniatura, a filha de nove anos que reproduz fielmente seu estereótipo de santidade.

Figura 11- Mãe e filha assembleianas



A imagem de mulher santa está codificada no corpo bem coberto. Ao esconder as partes íntimas e sensuais a fiel assembleiana acredita estar garantindo não ser canal de contaminação para os homens em seus desejos carnis. Louro (1999) abre uma discussão sobre sexualidade e diz que,

Quando pensamos em tudo aquilo que o sexo pode se referir, quando pensamos que mesmo quando não estamos falando de sexo diretamente, ainda assim conseguimos produzir, de forma indireta, significados eróticos, esbarramos num curioso limite: a insistência dominante na estabilidade dos corpos, no corpo como um fato e na transmissão de informações óbvias. (LOURO, 1999, p. 87)

A preocupação com o cuidado de si pretende evitar a doença da sensualidade através de um tipo de “roupa ideal”, a roupa decente. Como os médicos e enfermeiros usam seus jalecos para evitar contaminação de si para o outro e do outro (o doente) para si, assim, as mulheres bem compostas da AD garantem sua saúde espiritual e moral. Na foto, a filha ainda pequena reproduz o aspecto “saudável” orientado pela igreja. Cabelos longos, bíblia na mão, vestida à “moda” assembleiana, um jeito de ser apreendido, inculcado, transmitido. Para

Louro (1999), são abordagens pedagógicas que divulgam a pedagogia da santidade pela disciplina do corpo santo. O cuidado de si são representações difundidas pela ação simbólica das vestes baseada na ética e na moral dos usos e costumes da Assembléia de Deus no Brasil.

2.4. Identidades Contestadas: Territórios Conquistados

Como a função do pesquisador, ao formular um problema de pesquisa, é também suspeitar de todo e qualquer sentido consensual, de toda e qualquer concepção partilhada com os quais estamos habituados, fomos em busca de discursos que questionavam esse lugar assembleiano, que duvidavam dos seus significados e dos seus estatutos de verdade. Nessa busca, encontramos Lia, já mencionada acima, uma jovem senhora de 40 anos que, quando freqüentava a AD, foi marcada pelos atos de “rebeldia” e “insubmissão”, revoltando-se com o instituído e aceito:

(...) eu tinha uma rejeição porque achava minhas pernas finas e queria a todo custo usar calças compridas, mais isso realmente era inaceitável. Certo dia, ganhei uma calça comprida de presente de uma tia, e inventei de usá-la, quando mamãe soube, levei outra surra e a calça foi queimada. Os próprios irmãos se incumbiam de vigiar uns aos outros. (LIA, 2008)

A televisão era um ponto em que muitos crentes “tropeçavam” e se não pedissem perdão por ter assistido era excomungado da igreja. Eu mesmo tive que pedir perdão, em 1990, porque assisti a uma novela chamada “Barriga de Aluguel”. (GIDEÃO, 2008)

(...) Os cabelos compridos significavam estar em obediência a Deus e aos pastores. Cortar os cabelos era estar sujeito a Jesus vir buscar a sua igreja, e a pessoa não subir com ele por estar em pecado (vale salientar que isto aconteceu comigo, fui disciplinada por 3 meses porque apenas aparei o cabelo. (SARA, 2008)

Usar calças compridas às escondidas, cortar o cabelo curtinho ou mesmo dar aquela aparadinha, assistir alguns capítulos da novela sem ser visto por ninguém da igreja, pintar as unhas com base incolor (“cuspe de satanás”),¹⁸ são táticas utilizadas por Lia e por outros

¹⁸ “Se pintássemos as unhas, mesmo que fosse de base, diziam: “Não pinta de cor, mas passa o cuspe de satanás”. Já as pinturas no rosto representavam Jezabel, símbolo de prostituição e vaidade. (LIA, 2008)

integrantes da AD para fugir à regra, subvertendo as estratégias criadas por eles. Conforme Certeau (1994, p. 116), os movimentos táticos transformam os lugares em espaços dinâmicos, pois agem burlando a ordem estabelecida de forma silenciosa. No caso de Lia, a mesma utilizou táticas que foram de encontro às ordens materna e institucional, sendo, por isso, castigada pela mãe: “*leve outra surra e a calça foi queimada*”. Em nome da “santidade”, da “boa educação assembleiana” e do respeito às autoridades eclesiásticas, o que se faz, geralmente, é impedir que o “diferente” se expresse. A calça de Lia foi queimada por sua mãe porque simbolizava a sujeira, a rebeldia, o pecado. Queimar a calça para usar a saia comprida é uma forma de controle, em que o diferente é penalizado apenas por ser diferente dos que se acreditam iguais. Enquanto Lia aceitava o papel que lhe foi destinado e as normas criadas, tudo se mantinha em aparente paz. Quando desrespeitou a norma e usou uma calça comprida, tornou-se a “contra-regra”, a “desobediente”. O corpo de Lia, aparentemente silenciado, mostrava ter apenas adormecido, pronto a acordar quando tocado, quando seduzido por uma calça comprida, por um cabelo curto, por uma blusinha de alça.

No caso de Gideão e Sara, o preço pago veio após “ter sentido o gosto do pecado”, pois enquanto a calça de Lia foi queimada, as cenas da novela “Barriga de Aluguel” continuaram na cabeça do jovem assembleiano mesmo depois de submeter-se a um arrependimento em público, e Sara, mesmo afastada da Santa Ceia por três meses, viu seu cabelo ser revitalizado pelo toque jeitoso da cabeleireira. Há, portanto, uma vida e uma morte dos gestos que, como diz Certeau (2008, p.271), *confrontam necessidades e liberdades, uma confusa mistura que muda constantemente e através da qual se inventam as táticas, se projetam trajetórias se individualizam maneiras de fazer*. São astúcias que permitem ao sujeito assembleiano participar do grupo apesar das suas regras sabendo tirar o melhor proveito possível da ocasião. Assistir à novela e a mulher cortar o cabelo (morte), pedir perdão em público e aceitar a espera de três meses até o cabelo crescer para poder participar da Santa Ceia (vida). Essas táticas demonstram a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos da AD e como o “fraco” (membro da igreja AD), em acontecimentos oportunos, tira partido de forças que lhes são estranhas através da combinação de diversos elementos heterogêneos (Estatuto Geral, Regimento Interno, regras do culto, olhares dominadores, dentre outros).

A observação quanto ao uso da televisão está expressa no Regulamento Interno da AD no seguinte conselho: *Uso de aparelho de televisão – convindo abster-se, tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas; abstenção essa que justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde.* A exposição a determinados programas é vista e dita como perigosa à dieta espiritual, à saúde tanto do corpo quanto da alma. Para construir um corpo sadio, colocam-se em ação técnicas discursivas (“a má qualidade da maioria dos seus programas”), adestramentos, justificativas, práticas educativas dispostas a formarem os sujeitos assembleianos. O depoimento de Lia também é representativo sobre este assunto:

Não ver televisão também representava santidade e quem não tinha televisão era mais santo ainda. Quando alguém comentava alguma coisa sobre televisão, principalmente no púlpito, era assim: “Irmãos, eu ia passando e a televisão estava ligada, e eu vi de relance...” E então eles descreviam uma série de coisas que haviam assistido. Muitos não tinham televisão em suas casas, mas sabiam tudo o que acontecia na novela, porque, “de relance” assistiam na casa do vizinho. Contudo, não podemos esquecer, que realmente a doutrina era séria, eles realmente acreditavam que era errado assistir televisão, porém muitos não conseguiam resistir. (LIA, 2008)

O cuidado com a higiene mental tem como atenção prioritária os resultados que surgirão no corpo, corpo esse que deve se manter santo e fiel às normas, um cabide ambulante que atua como âncora de uma identidade supostamente fixa. A santidade é apresentada e representada como saúde do corpo e da alma e para obtê-la, segundo os padrões da AD, a televisão deve ser ignorada. Para argumentar “os males e a má qualidade da maioria dos programas”, os líderes buscam reprimir a insujeição utilizando como ferramenta e meio para a legitimação e manutenção do domínio e poder que exercem no púlpito, as pregações que denunciam a “sujidade” liberada por grande parte das informações transmitidas na televisão, principalmente referente aos temas de sexualidade. Vigarello diz que *a mais leve sujidade intercepta a transpiração e produz calos e inchaços tão dolorosos como incômodos* (1985, p. 113). Assim acontece aos fiéis que desobedecem, ameaçam os líderes assembleianos, são contaminados pelos “conceitos e ações maléficas” divulgados na telinha produzindo tumores e desconforto não necessariamente no corpo, mas na alma e no coração. A televisão também é vista enquanto um canal que produz debilidade espiritual ao subir “a ladeira” da vida cristã,

enfraquece a fé e suga o vigor do novo crente e até dos veteranos. A letra da música abaixo, da cantora Andrea Fontes, é categórica nesse sentido:

A televisão ligada na novela e show também
 Faz irmão chegar na igreja só na hora do amém
 Esse crente mais parece com um velho e fraco trem
 Quando chega na ladeira quer subir e força não tem.

O propósito desse tipo de discurso musicalizado é a produção de um homem e de uma mulher “civilizados”, capazes de viver em coerência e adequação na comunidade assembleiana onde a obediência à norma de afastar-se das subversões disseminadas por algumas novelas e shows garante a vitalidade espiritual, emocional e identitária. Estar cansado, desanimado, parecendo um velho trem trafegando nos trilhos enladeirados é sinal de um corpo indisciplinado e rebelde que não corresponde ao padrão modelador da Assembléia de Deus.

Logo, o uso da televisão, mesmo como entretenimento, é visto pelo binóculo assembleiano como algo que conduz à proliferação de pensamentos impuros. Essa condição enferma e rouba as forças impossibilitando “subir a ladeira” da “vida cristã feliz”. Ser feliz, ser saudável, desfrutar bons momentos na ótica da Assembléia de Deus não combina com o divertimento habitual da maioria das pessoas. Os princípios dogmáticos do fundamentalismo assembleiano possuem suas bases na defesa do pudor, da simplicidade e sobriedade, elementos-chave do ponto de vista deles, para um santo comportamento. Sara (2008) afirma em seu questionário que *a televisão era a besta fera, quem assistia, estava se contaminando com as coisas do inferno, e quem possuía em sua casa, era eliminado do céu, e condenado ao inferno*. Barnabé, Rebeca e Débora, completam:

Era proibido assistir televisão, era um instrumento do anticristo. Quando o pastor sabia que um irmão comprou uma TV, ia para disciplina e ficava proibido de participar da ceia do Senhor. (BARNABÉ, 2008)

Aqui no ministério de Campina Grande nunca eu vi ser expressamente proibido o uso de televisão, embora fosse combatida as programações de novelas. Mas no ministério das Igrejas de Pernambuco não é permitido aos seus membros o uso de televisão, quem tivesse uma em casa era disciplinado. Então sabíamos de irmãos que tinham suas televisões dentro de guarda-roupas. (REBECA, 2008)

Televisão era considerada a janela do diabo, dela vinha, a moda, o vício das novelas, as mentiras, as traições, a fofoca, a sensualidade, a pornografia, a luxúria, violência e todo tipo de maldade, se expor a televisão era um contato direto com reino das trevas. Satanás era o inspirador de todos os programas. E acreditava-se que se Jesus viesse buscar a sua Igreja, e um crente estivesse vendo televisão, esse crente com certeza não iria com Jesus, ele estava em pecado. Muitas mensagens que reforçavam essa teoria eram ministradas o que gerava certo medo no coração dos crentes, sendo assim, aqueles que não assistiam televisão, sentia-se em paz e afastados das coisas do mundo. (DÉBORA, 2008)

Ao relacionar a televisão com ações maléficas como traição, fofoca, sensualidade, pornografia, luxúria e violência, os líderes influenciam seus fiéis numa conduta homogênea com vistas à higienização da alma e saúde do corpo. O modelamento dos comportamentos visa à formação do caráter e das almas que se submetem a gosto ou contra gosto a uma disciplina do corpo, e por uma direção das consciências. O disciplinamento do olhar é introduzido através do discurso higienista largamente utilizado por pastores e dirigentes de congregações priorizando as aparências e a padronização das ações dos sujeitos. A limpeza mental é oferecida via exclusão do uso do aparelho de TV que contém, na maioria dos seus programas, segundo os pastores da AD, imagens e falas que causam doenças espirituais e emocionais. As normas de “civildade” espiritual, neste caso, o isolamento do olhar em direção à televisão, constitui o inventário de um comportamento assembleiano nobre, santo, irrepreensível.

A tônica na proibição do uso do aparelho de TV parece sofrer mudança na compreensão de um membro e outro. Rebeca ao responder o questionário afirma que, “*no ministério de Campina Grande nunca eu vi ser expressamente proibido o uso de televisão*”. Veja a palavra “expressamente”, é como se embora no regulamento houvesse a proibição por escrito, os membros esperassem ouvir claramente que não podiam assistir TV e ela ainda declara: “*no ministério das Igrejas de Pernambuco não é permitido aos seus membros o uso de televisão, quem tivesse uma em casa era disciplinado*”. Embora o Estatuto seja para âmbito nacional, o que parece é que, de região para região ou mesmo de cidade para interior, os discursos são alterados ou moderados ao serem explicitados. Gideão compartilha em seu depoimento que foi advertido em público na AD de Picuí durante a Santa Ceia por ter confessado assistir uma novela. Aqui se estabelece uma contradição, pois, igrejas do mesmo ministério atuam de forma diferente acerca de uma mesma norma. Para Louro, “*tudo isso*

implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, (...) onde redes de poder constroem os contornos demarcadores a partir do lugar social que ocupam” (1999, p.15). Assim, na AD, a norma “o uso da televisão” é obedecida através de alguns processos: Não ter o aparelho em casa, ou, não assistir novelas, ou ainda, nem sequer olhar a do vizinho.

Enfim, estas e outras afirmações prosélicas têm tido, nos círculos da Assembléia de Deus, espaço para a propagação doutrinária que fortalece os dogmas que se mantêm como ponto principal na ortodoxia pentecostal. Os sujeitos, como atores assembleianos, oferecem seus corpos e suas mentes para neles decodificarem as mensagens emblemáticas.

No capítulo a seguir, analisaremos a partir dos discursos divulgados, principalmente nas revistas da Escola Bíblica Dominical, sua função educativa, como também o quanto constroem saberes e representações que solidificam e expandem os padrões da Igreja Assembléia de Deus no Brasil.

CAPÍTULO III

“Dá-me o teu corpo e eu te darei sentido, dou-te um nome e te faço uma palavra de meu discurso”¹: as identidades em Revista

É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo. (LARROSA, 1994, p.69)

“Uma identidade no tempo”. Com esta citação de Larrosa, queremos iniciar este terceiro capítulo, procurando analisar outra fonte muito comum nas igrejas pertencentes às Assembléias de Deus no Brasil, qual seja, as revistas da Escola Bíblica Dominical (EBD), uma literatura que, desde os primórdios da fundação da AD, tem contribuído para dar significados à história dessa denominação. É “uma identidade no tempo” porque tais revistas em muitos discursos dos missionários pioneiros, bem como as normas estatutárias e regimentais nas quais são abordados vários tipos de assuntos que admoestam os crentes a viverem os padrões bíblicos e não apenas os padrões evangélicos, que, segundo eles, têm fugido da regra da fé genuína nas demais denominações. No Manual do Conselho de Doutrina da AD de Campina Grande, consta a seguinte declaração:

Todos sabemos que a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, é uma igreja guarda dos bons costumes e práticas defendidos por ela ao longo da sua história. No início, não há dúvidas, houve muitos exageros, porém, à medida que foi amadurecendo, buscou o ponto de equilíbrio e cedo definiu o que os seus membros deviam ou não observar dentro da nossa cultura miscigenada pelas influências externas de outros povos. Fomos, sem dúvida alguma, criticados, não só pela nossa fé pentecostal, mas também pelo nosso porte, especialmente nossas irmãs que se mantinham irrepreensíveis na **abstinência de jóias, maquiagens e vestidos indecentes que comprometem sua santidade** (Grifo deles).

Hoje, no limiar do terceiro milênio, observamos uma forte tendência para mudar nossos princípios, costumes e normas, que só vem confirmar a sã doutrina. Sabemos da forte influência de outros ramos litúrgicos, cujos costumes não são os nossos, bem como do mundo sem Deus que tem interesses em afastar a fé dos crentes em Jesus e introduzir seu sistema nefando no comportamento dos crentes. **Muitas das nossas igrejas, chamadas Assembléia de Deus, já estão contaminadas, não só na doutrina, na liturgia, mas nos usos e costumes também** (grifo meu). A Igreja Evangélica Assembléia de Deus tem identidade própria e não deve deixar-se macular pelos padrões mundanos do nosso tempo. (...) Quando estamos falando dos nossos usos e costumes, não é que priorizamos a forma exterior, mas é porque entendemos que, quando o interior, ou seja, uma **alma**

¹ CERTEAU, 1994, p.242

é santificada, deve refletir esta santidade no seu comportamento perante o mundo. Portanto, nós da Igreja Evangélica Assembléia de Deus do Campo de Campina Grande-PB não podemos perder de vista aquilo que temos recebido no tocante aos usos e costumes (grifo deles), uma vez que Deus tem nos abençoado com este modelo, tornando a denominação Assembléia de Deus o maior segmento evangélico do Brasil. (COMEAD-CGPB, 2007, p. 12)

Os cuidados apresentados no texto do manual demonstram que a AD reconhece os perigos da influência de outras denominações mais liberais, como também o desvio de igrejas da AD quanto ao rigor das práticas de santidade. O jornal Mensageiro da Paz, os Manuais para assuntos específicos e, principalmente, as revistas da EBD se constituem num forte recurso doutrinário.

Por que consideramos importante esse tipo de literatura enquanto fonte histórica? Quais são as suas singularidades no meio assembleiano? Qual a relação entre os fiéis com as revistas? Uma das respostas para tais questionamentos é que as revistas da EBD possuem uma função educativa, são fontes de construção de saberes e representações advindas de uma leitura do meio social. A revista é um documento elaborado por pastores e escritores de renome nacional (Silas Malafaia, Antonio Gilberto, José Wellington, Marcos Tuller, Geziel Gomes, Albertina Malafaia, Jefferson Magno Costa, dentre outros) convidados pela CPAD² (Casa Publicadora das Assembléias de Deus) a partir de critérios didático-pedagógicos, estudada semanalmente, o que constitui um rico material para analisarmos como são produzidas e divulgadas as identidades que giram em torno da AD.

O embrião da revista *Lições Bíblicas para Jovens e Adultos* começou a circular em 1920. Foram produzidas e comentadas inicialmente por missionários estrangeiros, como Gunnar Vingren, Samuel Nystrom, Otto Nelso, Nels Julius Nelson, Gustav Nordlund. Com o crescimento da Casa Publicadora das Assembléias de Deus, a revista recebeu várias alterações e aperfeiçoamento, sendo didática e pedagogicamente produzida e destinada a diversas faixas etárias, desde os “Cordeirinhos” (crianças entre 3 e 5 anos) até as revistas voltadas exclusivamente para jovens e adultos. Hoje, circulam na denominação vários fascículos destinados ao ensino infantil, juvenil e adulto, além da revista do Mestre e Ensinador Cristão, escritas pelo pastor Antonio Gilberto. É, portanto, no contexto destas revistas que são

² CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus) é uma editora. Foi organizada em 1937 no Rio de Janeiro e tem como objetivo a produção e divulgação de Bíblias, livros, Jornal e eventos da denominação da AD. A CPAD faz-se presente hoje não apenas no Brasil, como também na América Latina, Estados Unidos, Europa e África. <http://www.cpad.com.br/cpad/paginas>

atravessados os discursos dos pioneiros com o fim determinado de reproduzir na mente e nas ações dos sujeitos assembleianos dos dias de hoje o padrão de comportamento que os classificam e localizam no meio evangélico. Os pastores Antonio Gilberto, consultor doutrinário da CPAD, e Claudionor de Andrade, gerente de publicações da Casa, ressaltam a importância da revista na educação cristã da Assembléia de Deus e comentam:

Mais de 2 milhões de alunos se utilizam das revistas destinadas às Escolas Dominicais. Esta realidade evidencia a importância das revistas Lições Bíblicas, no que diz respeito à unidade doutrinária das Assembléias de Deus e à teologia ensinada no país. Homens e mulheres, reconhecidos como as maiores autoridades em doutrina e pedagogia nas Assembléias de Deus, têm sido convocados para nelas colaborar como comentaristas. (MENSAGEIRO DA PAZ, 2006, p.7)

Para compreendermos a importância das revistas dominicais, é necessário voltar um pouco no tempo e situar o leitor sobre a Escola Dominical. A Escola Dominical como espaço onde circulam as lições bíblicas, segundo Tuller (2007, p. 66), teve seu início no século XVIII quando Robert Raikes, um jornalista evangélico (episcopal), com 44 anos, realiza em Gloucester, Inglaterra, as primeiras aulas aos domingos pela manhã para crianças pobres sobre leitura, escrita, aritmética, instrução moral e cívica e conhecimentos religiosos. O ideal de Raikes era impedir que crianças de rua chegassem a ser marginais como os homens que ele acompanhava nas prisões, outro trabalho voluntário em sua trajetória de vida.

No currículo instituído pelo professor Raikes constava, além do ensino bíblico, várias matérias seculares tais como linguagem, matemática e educação moral e cívica. Não demorou muito, a despeito das oposições, e a Escola Dominical tornou-se a maior agência de ensino da igreja cristã. (TULER, 2007, p. 66)

No século XIX, a EBD chegou ao Brasil. A inauguração da EBD se dá com a chegada dos missionários escoceses Robert e Sara Kalley, membros da Igreja Congregacional. Em 19 de agosto de 1855, na cidade imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro, eles dirigiram a primeira Escola Dominical em terras brasileiras. Sua audiência não era grande; apenas cinco crianças assistiram àquela aula na chácara onde residiam. Hoje, no local onde funcionou a primeira Escola Dominical do Brasil, acha-se instalado um colégio. (ALENCAR 2009, p. 32)

Portanto, quando os missionários suecos chegam ao Brasil, a EDB já funcionava como um espaço de leitura, escrita e formação moral e religiosa. Eram cenários nos quais a palavra de Deus era ministrada de forma didática, atraindo, dessa forma, tanto pessoas alfabetizadas quanto não-alfabetizadas. Na Assembléia de Deus é instituída a primeira aula da Escola Dominical em 1911 em Belém do Pará, dois meses após sua inauguração aqui no Brasil.

A educação sistemática da maioria das igrejas evangélicas gira em torno da EBD e é ela um dos espaços mais propagados pelos pastores da AD, mostrando-o como um momento de aprendizagem e de crescimento na Palavra de Deus. A EBD é uma prática institucionalizada pela AD em todo o Brasil que proporciona uma estrutura importante para a pedagogia do corpo e da mente. Porém, não podemos ver essa estrutura como isolada de um contexto institucional mais amplo. Ao contrário, ela subjetiva e define determinados conhecimentos, fazendo parte das práticas de distribuição e de reprodução dos usos, costumes e hábitos diversos da AD.

Por sua vez, as revistas são entendidas como portadoras de conhecimentos legítimos para serem ensinados, geralmente escritos e supervisionados por pastores de renome nacional ligados à instituição, tais como: Antonio Gilberto, Geremias Couto, Claudionor de Andrade, Marcos Tuler, e outros. Para tanto, os conteúdos devem ser ensinados às gerações mais novas para que estas compreendam os usos e costumes da igreja. O atual consultor doutrinário da CPAD e comentarista das lições Bíblicas, Antonio Gilberto, é lembrado por Tuler em seu livro *Manual do Professor* com a seguinte declaração: “*A Escola Dominical não é uma parte da igreja; é a própria igreja ministrando ensino bíblico metódico*”. (2007, p. 19). Tuller acrescenta,

A Escola Dominical não é apenas um apêndice da estrutura geral da igreja ou simples departamento secundário. Ela se confunde com a própria essência da igreja. Pelo fato de a igreja estar intrinsecamente associada à educação cristã, a atividade da Escola Dominical como departamento principal de ensino não é opcional, é vital, à medida que incrementa e dinamiza todas as atividades e iniciativas educacionais e evangelísticas dos demais setores. (TULLER, 2007, p. 19)

Ao que parece, os líderes da AD sabem aonde querem chegar com a ajuda do ensino cristão através da EBD e suas lições bíblicas. Toda a equipe pastoral, comentaristas,

produtores e pedagogos investem alto no currículo das revistas sabendo que o alcance é estrondoso e os resultados vantajosos para a denominação.

Como deixamos claro no primeiro capítulo, estamos pensando a leitura como formação, e isto implica, conforme Larrosa (2002, p.133), analisá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: “*não só com o que o leitor sabe, mas, também, com aquilo que ele é. Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (...), como algo que nos constitui*”.

Com essa perspectiva metodológica acerca da leitura, analisamos as Revistas da EBD. Dentre os temas mais recorrentes encontramos aqueles voltados para o “*Padrão do Comportamento Sexual*” subdividido em três tópicos que estão diretamente relacionados com à construção de uma autodisciplina, com mecanismos de elaboração de uma estética e de um cuidado de si: 1) “*A Mente Disciplinada*”; 2) “*O Corpo Disciplinado*”; 3) “*Compromisso Conjugal*” (Lições Bíblicas, 2º Trimestre, 2001, p.21).

Analisando o primeiro tópico, “*A Mente Disciplinada*”, percebemos que esse processo de condicionamento mental demonstra a estratégia dos líderes da AD quanto ao controle das ações dos seus membros. O propósito desse investimento em temas voltados ao controle dos pensamentos é construir uma identidade assembleiana que distinga seus adeptos dos demais sujeitos da sociedade praticantes de ações transgressoras. Essas ações transgressoras caracterizam-se por atitudes que vão de encontro ao padrão ético e moral defendido pela instituição.

De acordo com a lição apresentada na revista, para se ter uma mente disciplinada, é preciso ter cuidado com o que olha. A disciplina do olhar é aprisioná-lo das imagens que se contradigam às “normas de santidade”. Ao subordinar o olhar, os pensamentos são acrisolados e passam pelo crivo da doutrina pentecostal da AD. O cuidado com o que vê e ouve são orientações práticas na aula da EBD que funciona como um dispositivo regulador das idéias e ações dos sujeitos assembleianos.

Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti; pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque te é melhor que um dos teus membros se perca do que seja todo o teu corpo lançado no inferno. (MATEUS, 5:29,30)

A orientação do texto bíblico em arrancar e atirar para longe o olho, mão ou outro membro não se refere a uma atitude literal e sim figurativa. Cortar a mão quer dizer afastá-la do mal, do sujo, do pecaminoso. A expressão “melhor entrar no céu sem um dos membros do que todo teu corpo lançado no inferno” demonstra o investimento para um tempo futuro, um lugar esperado pelo fiel assembleiano que pagará o preço mantendo-se afastado dos costumes sociais e culturais, caso estes não correspondam ao padrão da igreja. Desde a mais tenra idade, os pequenos corpos são induzidos a uma identidade assembleiana como destino. A idéia é disciplinar as ações usando métodos e recursos pedagógicos específicos como a música, os fantoches, as historinhas e as atividades direcionadas à memorização e fixação dos conceitos doutrinários que regulam os corpos.

Cuidado olhinho no que vê, cuidado boquinha no que fala
 O salvador do céu está olhando pra você
 Cuidado olhinho no que vê
 Cuidado mãozinha no que pega, cuidado pezinho onde anda
 O salvador do céu está olhando pra você
 Cuidado mãozinha no que pega. (s/a)

Cantando e gesticulando, as criancinhas vão absorvendo a idéia de que seu corpinho não pode fazer tudo o que quiser. É preciso ter “cuidado”. Os sentidos são treinados para perceber e decodificar a identidade da AD que investe muito nos corpos na tentativa de adequá-los aos critérios (estéticos, morais e higiênicos) dos dogmas doutrinários da igreja. No lançamento do novo currículo de Escola Dominical, o diretor-executivo da CPAD comenta que,

Além da mudança no ciclo curricular na área infanto-juvenil, a modernização gráfica propõe maior interatividade durante as lições. Para isso, foram criados mascotes, novas seções, ilustrações e adequação dos exercícios. (...) É nosso objetivo fazer com que todas as crianças, do berçário ao juvenil, possam usufruir melhor das sagradas Escrituras. Elas serão orientadas pelos professores, que, munidos desse currículo moderno, darão a devida orientação para que todos possam se situar como servos de Deus no mundo em que vivemos. (SOUZA, 2006, p. 7)

A modernização das revistas somadas a outros recursos (músicas, teatro, pintura) tem como destino a modelagem dos corpos infantis. Nos corpos em miniatura são construídos os contornos demarcadores que definirão e identificarão os membros da AD. A educação cristã

dessas crianças na igreja unida ao acompanhamento familiar resultará numa nova geração comprometida com o padrão da Assembléia de Deus, garantindo a perpetuação da doutrina desta igreja.

No tópico da revista que estamos analisando denominado “*Corpo Disciplinado*”, percebemos a ênfase nos valores morais. A oposição a comportamentos “mundanos” constrói um corpo organizado a partir das regras ditas principalmente no que se refere aos usos e costumes, tema bastante comentado no Capítulo II desta dissertação. Na prática, a regulação do corpo assembleiano promove uma reação tanto em quem cumpre como em quem observa o corpo obediente. A imagem do corpo emblemático surte um efeito duplo onde: O corpo obediente sente-se santo, limpo e adequado ao *locus* assembleiano, como também os que olham são induzidos a reproduzirem o mesmo comportamento. Somando coro a esta lição, a letra da música abaixo também reforça a disciplina do olhar, mostrando que o sujeito deve “cegar” para as coisas do mundo e olhar somente a Cristo:

Olhar somente a ti Senhor, olhar somente a ti Senhor, olhar somente a ti, Senhor... E não olhar atrás.
Seguir teu caminhar Senhor, seguir sem vacilar Senhor
Prostrado em teu altar Senhor, e não olhar atrás. (s/a)

A pedagogia do olhar facilita a escolarização do corpo e seu adestramento tendo como propósito contribuir na produção de sujeitos “santos” capazes de viver sob as rígidas normas determinadas pela AD.

Nas lições da Revista, estratégias para o ensino de uma mente e corpo disciplinados são cuidadosamente planejadas. Reflexões aparecem em destaque no final dos temas abordados nas revistas e produzem uma análise criteriosa sobre a questão. Veja o que traz a revista “*As Disciplinas da Vida Cristã*” (2º Trimestre, 2008):

Na verdade, não são palavras sublimes que fazem o homem santo e justo; é a vida virtuosa que o torna agradável a Deus.

Se absteres de conversações supérfluas e passeios ociosos, como também de ouvir novidades e boatos, acharás tempo suficiente e adequado para te entregares a santas meditações. (KEMPIS *in* revista “*As Disciplinas da Vida Cristã*” 2º Trimestre 2008, p.54).

Essas reflexões agem como uma disciplinarização ideológica que entra na mente do aluno da EBD e repercute em suas ações. São versos bem elaborados que ajudam na difusão da doutrina aplicada à lição. Em depoimento, colhemos a seguinte informação: “O que a revista traz tem um peso igual ao da Bíblia”. Isso demonstra a facilidade que a Igreja encontra na solidificação de sua doutrina através da Revista da Escola Bíblica Dominical.

Analisando ainda o tema da lição o “*Padrão do comportamento sexual*”, percebemos que o propósito do discurso é estabelecer uma norma padronizada para que os casais, homens e mulheres, sigam uma “lógica” que “proporcione” a limpeza da mente, a limpeza do corpo e a higiene conjugal. A referida lição foi elaborada de forma a moldar os corpos aos papéis de gênero, ensinando-lhes posições no lar e fora dele, gestos, formas de se dirigir às outras pessoas e ao cônjuge, movimentos que os fixam enquanto indivíduos pertencentes a um grupo religioso específico. Ao ter o corpo como objeto de estudo, a lição da EBD aborda a sua utilidade, produtividade, instrumentalidade, levando-o a “*tornar-se sinais, a encontrar num discurso o meio de transformar-se em uma unidade de sentido, em uma identidade*” (CERTEAU, 1994, p.242). Nesta lição encontramos várias vezes o conceito de disciplina. O foco principal do texto é a disciplina como controle da produção das ações dos leitores assembleianos. O objetivo é levar os alunos da EBD a colocarem seus corpos, mentes e sentidos assujeitados aos padrões morais e éticos repletos de limitações, proibições e obrigações.

A disciplina dos sentidos. O Senhor aprofundou ainda mais a questão, ao condenar não só o olhar cobiçoso, mas também qualquer ação maléfica envolvendo os demais sentidos. A linguagem é, outra vez, radical – arrancar o olho, cortar a mão – para demonstrar que não pode haver qualquer tipo de concessão nessa área. (LIÇÕES BÍBLICAS, 2º Trim, 2001, p.23 – Grifo nosso)

Aqui, a disciplina dos sentidos é tecida na rede de todos os outros objetos de controle, (Mente, Corpo, Propósitos). Na tentativa de subjugar o olhar, o toque, é exercida uma pedagogia da santidade na qual se legitima a identidade que se deseja construir, no caso, a identidade da AD, e marginaliza outras. O papel da linguagem para esse contexto é o de garantir que os argumentos atinjam o cerne da mensagem – “Práticas de Santidade”. No conteúdo da lição enxergamos a presença do discurso dos precursores da AD no Brasil Berg e Vingren. A influência do ensino dos pioneiros está demarcada em cada seção e a razão

principal de todo zelo corporal é não se contaminar com a maneira de se portar do ímpio, metáfora bíblica que aponta para os que não seguirem a fé cristã. Manter o templo (corpo), consagrado, atrairá as bênçãos celestiais promovendo equilíbrio, a começar pela mente. A lição (05) da revista da EBD (2001, p. 22) afirma que é necessário dominar a mente, visto ser nela onde o pecado dá início as suas tramas preliminares. Possivelmente, para os líderes das Assembléias de Deus, o rigor com as vestes e outros adornos sexuais evitará o que a Bíblia chama de concupiscência dos olhos. Diz a lição:

Como o olhar cobiçoso é a centelha que desencadeia o processo, o Mestre (Jesus) firmemente condena-o, pois quando alguém chega ao ato do adultério (que é a relação extraconjugal), ou a qualquer outro pecado sexual, normalmente há uma longa história por trás, que teve início com um olhar lascivo. (LIÇÕES BÍBLICAS, 2º Trim, 2001, p.22)

Percebe-se que, além do cuidado com a aparência dos adeptos da AD para não ser instrumento de atração sexual, a igreja aconselha aos discípulos disciplinarem suas mentes para que, ao olharem para um corpo seminu não interajam com a visão “carnal” e sim, submetam o olhar como também os pensamentos ao “senhorio de Cristo”. Esta atitude, na ótica destes líderes, baseia-se *“no cerne do ensino de Jesus quando aludiu ao olhar cobiçoso, como já caracterizando o pecado”*. Olhar o outro, seu corpo, e nomeá-lo são o processo determinador da subjetivação humana. Lançar um “olhar cobiçoso” sobre o corpo do outro é uma atitude “perigosa”, pois este ato pode levar a um outro: o adultério. Sobre essa gramática do olhar, diz Bastos:

Essa imagem especular subjetivadora não é um mero amontoado de percepções que o olhar próprio capta. Ela se legitima pela relação autoritária e pela nomeação que o outro faz daquela imagem refletida (...) Sem o olhar do outro sobre mim, olhar sempre portador de uma carga pulsional, não há subjetividade possível. (BASTOS,2006, p.83)

Outro aspecto apresentado na lição é a disciplina do corpo, acrescida da advertência: *“trazer os membros sob controle e tratá-los como se estivessem mortos”*. Há aqui um paradoxo entre a morte e a vida. É preciso morrer para os prazeres do mundo segundo o ensino de Jesus, para então desfrutar da vida plena num cotidiano em santidade.

O treinamento do olhar é determinante não apenas para a transformação do seu próprio corpo, tornando-o cadavérico, morto para o pecado. Há uma metodologia nesse treinamento que visa tomar o cadáver como modelo para uma forma de se lidar com seu próprio corpo. O crente, diante do cadáver, deve aprender a “pensar anatomicamente”, tratando os membros “como se estivessem mortos”. O esvaziamento da vida do corpo morto é condição necessária para a santificação, para uma vida em santidade. Vê-se, aqui, uma metáfora biológica, que divide o corpo em peças, fragmentando-o. Há, no olhar cobiçoso, uma ameaça corporificada. Ele pode tomar todo o corpo (e a alma também). O corpo, em sua constituição polimorfa, pode ser perigoso ao outro, trazendo as marcas do pecado, da dor, da sujeira que corrompe a alma. Assim, a metáfora de cura também é acionada, pois para que o fiel assembleiano não tenha a sua alma suja do pecado, ele deve “limpar” o olhar, sanitizar a sua visão. Para “tocar o céu”, como diz a letra da música da cantora Eyshila, é preciso mortificar o corpo, esvaziar-se de si mesmo e encher-se do Espírito Santo:

Até tocar o Céu
 Vou te buscar
 Vou te adorar
 Até tocar o Céu

É tempo de vigiar e orar
 É Tempo de buscar a face de Deus
 É tempo de receber a sua direção
 E o seu poder
 É tempo de se levantar e agir
 É tempo de ampliar a visão
 É tempo de se arrepender
 E clamar pelo Seu perdão

É tempo de viver a realidade
 De uma vida de temor e santidade
 Com os olhos espirituais abertos
 Pois a vinda de Jesus está muito perto

É tempo de parar de murmurar
 E abrir a boca para abençoar
 Porque somos os profetas desse tempo
 Somos a geração do avivamento

Geração que denuncia o pecado
 Mas ama o pecador
 Geração que abre mão de tudo
 Por causa do Senhor
 Geração que não tolera Jezabel
 Geração que ora como Daniel

Geração que busca a Deus
 Até tocar o Céu
 (EYSHILA, 2006, MK PUBLICITÁ)

A disciplina da higiene espiritual e moral condiciona o olhar, controla as palavras e subjuga as ações. O controle está ligado a dois pólos, o de si e o do outro. Olhar o corpo do outro exige, portanto, destreza, uma “gramática do cuidado de si”. O homem, ao olhar a mulher, deve mortificar o seu corpo, cadaverizá-lo, purificar o seu olhar. Daí a necessidade e a importância que a mulher tem de usar roupas decentes, nada escandalosas. As mulheres parecem ser quadros vivos das regras e dos costumes, atrizes do teatro organizado por um conjunto de ordenações e preceitos. Uma música do cantor Sérgio Lopes corrobora o texto da Lição Bíblica ao utilizar a metáfora da figura feminina de Dalila (vista biblicamente como a mulher da perdição, aquela que rouba a força do homem através da sedução e da mentira para chamar a atenção dos “sansões” evangélicos.

Tens sobre teu corpo a força e o poder de Israel
 Tua vida tem um plano que foi escrito no céu
 Nada deterá teu braço, nenhum mal te afligirá
 Tu libertarás um povo e o seu Deus te salvará
 Tu libertarás um povo e o seu Deus te salvará

Se apossará de ti o Espírito de Deus
 Mais forte serás que um leão; vencerás os filisteus
 Viverás sob um enigma, um segredo Deus te dá
 Ninguém deve conhecê-lo, a ninguém deves contar.

Entre guerras e vitórias, tendo o cetro em sua mão
 Vinte anos se passaram pelos braços de Sansão
 Que poeta preveria que um tão forte guardião
 Escondia no seu peito um tão frágil coração?
 Ah, guerreiro, não te iludas com o que pede o coração
 Não reveles a Dalila teu segredo por paixão!
 Pode de uma mesma fonte jorrar água boa e má?
 Porque longe de Israel teu amor foste buscar?!...

És agora prisioneiro ante os filhos de Dagon
 Já perdeste os teus olhos, tua força e teu dom
 Tudo porque quando um homem segue o próprio coração
 Sela o seu próprio destino: vai morrer como Sansão.
 (LOPES, 1997. Line Records)

Na música acima, há muitas metáforas presentes. Sansão representa o homem crente que, ao obedecer o plano divino será vencedor nas batalhas do cotidiano. Vencerá o pecado, a tentação, os desejos carnavais que levam à prostituição. Dalila é a figura da mulher que não segue os padrões de Deus, é perigosa e levará o seu amante ao aprisionamento, à cegueira. Baseado na história bíblica, Sérgio Lopes lança mão da figura de Dalila para representar o perigo que ronda o corpo masculino. O homem que confia na mulher perversa terá os seus olhos furados. A metáfora da visão prefigura um acontecimento espiritual na vida daquele que desobedece e faz aliança conjugal com uma mulher pagã. Como Sansão *olhou* para Dalila e foi enganado pelo desvio do seu olhar, terminou sua história cego. Ficar cego é ficar doente, à margem, pobre, sem esperança. O autor da música alerta para este perigo no âmbito espiritual. Denuncia a trama da paixão, um sentimento forte que cega e pode transformar um “guerreiro num prisioneiro”. *“Quando um homem segue o seu próprio coração sela o seu próprio destino: vai morrer como Sansão”*.

Esse tipo de disciplina rígida pretende indicar uma doutrina *“puritana, solidamente bíblica, de espiritualidade profunda, zelosa e severa, dominando todos os setores da vida, tanto social como individual”*. (MENDONÇA, 1995, p. 52). Os sentidos dos crentes assembleianos são conduzidos a rejeitarem os padrões da vida moderna, mundana, uma ética de negação que aponta para um outro mundo vindouro, a-histórico do além, e logo, muito melhor do que este em que vivemos. A expectativa de uma pátria celeste cheia de glória impõe uma rejeição aos prazeres do presente que são apresentados como passageiros, supérfluos e enganosos. Para gozar do novo lar, é preciso afastar-se das sujeiras que o mundo presente oferece e andar como um peregrino penoso, resignado do penar. O hino da Harpa Cristã *“Terra Feliz”* exemplifica bem o anseio pela vida no porvir.

Eu avisto uma terra feliz,
Onde irei para sempre morar:
Há mansões nesse lindo país,
Que Jesus foi pra mim preparar.

Vou morar! - vou morar
Nessa terra celeste porvir!
Vou morar! - vou morar!
Nessa terra celeste porvir!

Cantarei nesse lindo país
Belos hinos ao meu Salvador.
Pois ali viverei bem feliz,
Sem angústias, tristezas, nem dor.

Vou cantar! - vou cantar
 Nessa terra celeste porvir!
 Vou cantar! vou cantar
 Nessa terra celeste porvir!

Deixarei este mundo, afinal,
 Para ir a Jesus adorar.
 Nessa linda cidade real,
 Em venturas sem fim vou estar.

Vou estar! - vou estar
 Nessa terra celeste porvir!
 Vou estar! - vou estar
 Nessa terra celeste porvir!
 (HARPA CRISTÃ, HINO 614)

A idéia do efêmero e do provisório perpassa a mensagem central do cântico e alimenta a esperança do fiel peregrino assembleiano. “Pois ali viverei bem feliz, sem angústia, tristeza, nem dor”, um sonho de consumo dos que abandonam as práticas impuras do mundo vil. Morar nas mansões celestes ajuda a aceitar as dificuldades do presente subtraindo das ações do cotidiano tudo o que contamina, adoce e contradiz as sagradas escrituras e normas da AD. Os enunciados vou morar, vou cantar e vou estar traduzem o sentimento de não pertencimento (brasileiro) que se tenta instaurar nos fiéis, fazendo-os sentirem-se estrangeiros na terra. O objetivo é fazer com que cada crente assembleiano entenda que o seu viver é um penoso caminhar para a pátria celestial e que vale a pena afastar-se de todos os prazeres enganosos e práticas impuras que podem desviá-lo de sua meta - Morar na linda pátria celestial. As revistas da EBD são bem direcionadas para alcançar este objetivo trazendo enfoques que garantam o conhecimento e obediência ao padrão de comportamento defendidos pela igreja Assembléia de Deus. No quadro abaixo temos os temas centrais das revistas que esta pesquisa teve acesso.

TABELA 1 – Revistas trimestrais Jovens e Adultos dos anos de 1987 a 2008

ANO	TEMA CENTRAL
1987	A DOCTRINA DE DEUS
1988	VERDADES PENTECOSTAIS
1990	OS HEROIS DA FÉ
1991	CONHECENDO A PALAVRA DE DEUS

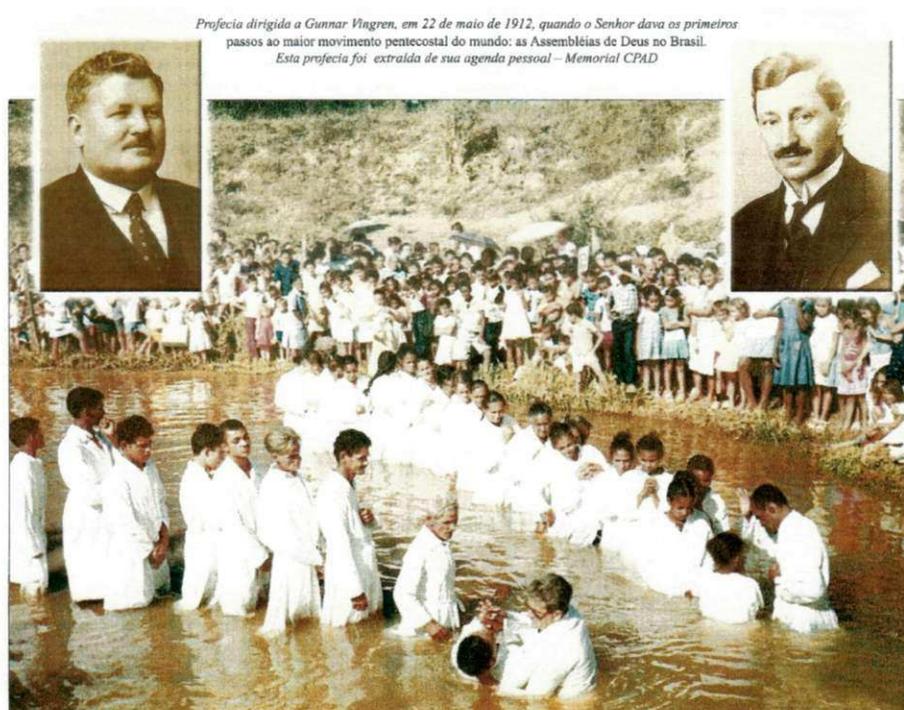
1993	AVIVAMENTO UMA NECESSIDADE DOS DIAS ATUAIS
1994	PARÁBOLAS DE JESUS
1995	O EVANGELHO DO FILHO DE DEUS
1996	SAL E LUZ AS MARCAS DO CRISTÃO ATUAL/ATOS O PADRÃO PARA A IGREJA DA ULTIMA HORA
1997	OS PROBLEMAS DA IGREJA E SUAS SOLUÇÕES/ALIRA DE ISRAEL NA DEVOÇÃO DO HOMEM MODERNO
1998	O EVANGELHO DE JUSTIÇA DE DEUS/O EVANGELHO DE CRISTO ANUNCIADO COM PODER
1999	O GLORIOSO PROPÓSITO DA SALVAÇÃO/ A RELIGIÃO PURA/A PRÁTICA DA VIDA CRISTÃ/A IGREJA NAS REGIÕES CELESTIAIS/VIVENDO A LIBERDADE CRISTÃ/CONTRA
2000	O FORMALISMO E AS INIQUIDADES NA CASA DE DEUS
2001	OS ENSINOS DE JESUS PARA O HOMEM ATUAL
2002	A TRANSPARENCIA DA VIDA CRISTÃ/A ESPERANÇA DO CRISTÃO EM TEMPOS DE ANGÚSTIA/EDIFICANDO SOBRE O FUNDAMENTO DE CRISTO E DOS APÓSTOLOS/AGUARDANDO A VINDA DO SENHOR
2003	ABRAÃO- EXITOS E FRACASSOS DO AMIGO DE DEUS/ CONFRONTANDO AS QUESTÕES MORAIS
2004	SERVINDO A DEUS COM EXCELENCIA/O SOFRIMENTO DOS JUSTOS E O SEU PROPÓSITO/APRENDENDO DIARIAMENTE COM CRISTO
2005	EU E A MINHA CASA SERVIREMOS AO SENHOR/PERSEVERANÇA DA IGREJA NA PALAVRA NESTES DIAS DIFICEIS E TRABALHOSOS
2006	A PLENITUDE DE CRISTO NA VIDA DO CRENTE/A RESPOSTA CRISTÃ PARA TEMPOS DE CRISE E CALAMIDADE MORAL/ADVERTÊNCIAS PARA OS DIAS DE HOJE/VIDA SANTA ATÉ A VOLTA DE CRISTO OS PILARES DA VIDA CRISTÃ/AS VERDADES CENTRAIS DA FÉ CRISTÃ/AS DOCTRINAS BÍBLICAS PENTECOSTAIS
2007	A BUSCA DO CARATER CRISTÃO/A IGREJA E A SUA MISSÃO/TEMPOS TRABALHOSOS/AS PROMESSAS DE DEUS PARA A SUA VIDA
2008	AS DOENÇAS DO NOSSO SÉCULO/AS DISCIPLINAS DA VIDA CRISTÃ/O DEUS DO LIVRO E O LIVRO DE DEUS.

As temáticas propostas nas lições das revistas da EBD acima citadas mostram a centralidade da pregação a partir de um modelo puritano de costumes baseado nos padrões morais teológicos. Além do cuidado com as vestes, o controle dos sentidos, e o manter-se afastado das sujeiras que o mundo oferece, outros elementos são indicados para constituir uma identidade própria de ser AD como também sob juras de obter uma vida plena e saudável nas três dimensões (espírito-alma-corpo).

O batismo nas águas é outra metáfora de limpeza e purificação espiritual, assim como o banho diário está para a higiene corporal, o batismo, feito uma única vez, representa um mergulho na santidade, simbolizando que se a pessoa “está em Cristo, nova criatura é, as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo (2 Coríntios 5.17). Estudaremos mais sobre isto a seguir.

3.1- “Mortos para o mundo estão”: o Batismo como a água que higieniza a alma

Figura 12 – Batismo em açude – Belém do Pará



Outro traço identitário na Assembléia de Deus é o batismo por imersão³, um ato visto e dito como fundamental para a purificação, a sanitização da alma do convertido. Através da

³ A tradição da Igreja Cristã reconhece 3 formas que representam o Batismo bíblico: **Aspersão**: a água é aspergida sobre o batizando; **A efusão**: a água é derramada sobre o batizando, utilizando-se as duas mãos como concha; **A imersão**: o batizando é imerso nas águas.

imersão, instalam-se as abluções espirituais, pois agora, limpo, pode ser participante da Santa Ceia, assumir cargos na Igreja, participar de outras atividades. O corpo imerso é um corpo impregnado de sujeiras, mas que volta são, limpo, “alvo mais que a neve”. O corpo que desce às águas não é o mesmo que sobe. É outro, agora santo, limpo, purificado. O batismo é, portanto, um sinal que tanto serve para indicar que a pessoa que o professa participa da regeneração, como também pretende participar ativamente da comunidade dos que crêem na salvação de Cristo. No batismo cristão, a água toca o corpo, mas o espectro do que sua limpeza proporciona é mais abrangente: lava o espírito, a alma, retirando a mancha do pecado original, apagando traços antigos da história do homem e preparando-o para uma nova vida. O ato de descer às águas (batismo por imersão) pressupõe simbolicamente a limpeza das velhas memórias, a purificação desta poeira de memória e de repetição.

Para Silva (2003, p.42), o processo de inclusão proporciona ao indivíduo uma identidade de pertencer a este grupo facilitando a construção da identidade. Na igreja esse sentimento de pertencimento é construído quando o fiel é convidado a envolver-se com o sagrado através de padrões que a instituição, no caso, a Assembléia de Deus, considera importante para que este indivíduo se sinta aceito e participante.

O batismo nas águas é um dos sacramentos fundamentais na igreja e tem como objetivo a sinalização física de que houve uma experiência espiritual. A esta experiência eles chamam “novo nascimento”, conhecido como um processo de regeneração que garante um retorno à comunhão com Deus e mudança nas atitudes e comportamentos.

Antes do batismo, todos os candidatos dão um testemunho da experiência com Jesus, e se comprometem a observar a doutrina e os costumes da denominação. Nesta ocasião eles são avaliados pelos demais membros da igreja, o pastor e os presbíteros, se estão aptos pela Palavra e pelos costumes da denominação, abandonando os vícios, a idolatria, feitiçaria, orgias, etc. (HULDA, 2009)

Este ritual indica que o novo crente está purificado da lepra do pecado e pode comungar com Deus. Há um personagem bíblico, chamado Naamã, e sua história é relatada no livro bíblico de segundo Reis. Além de ser comandante do rei da Síria, este homem era admirado por seu rei devido seu excelente desempenho à frente de batalhas. Ele era um grande herói, mas sofria de uma doença muito grave e temida em sua época: a lepra. Numa determinada ocasião, as tropas da Síria invadiram as terras de Israel e trouxeram de lá muitos

prisioneiros. No meio deles havia uma menina que foi levada para a casa de Naamã, para ser empregada de sua mulher.

Um dia a menina disse à sua patroa: *“Senhora, eu gostaria que meu patrão procurasse o profeta em Samaria, tenho certeza que ele ficaria curado da lepra!”* (II Reis 5.3). Sabendo dessa possibilidade, partiu Naamã levando consigo presentes e uma carta de apresentação ao rei de Israel. Chegando lá, Naamã até pensou que seria recebido pelo profeta Eliseu que o orientaria no que deveria fazer para ser limpo da lepra. Porém, ficou revoltado quando ouviu apenas um recado do profeta dizendo: *“Vai, e lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne será curada e ficarás purificado”* (II Reis 5.10). Que absurdo! Disse Naamã, eu, lavar-me no rio Jordão? Em Damasco há rios muito melhores do que todos os rios de Israel. Se é de água de rios que eu preciso, volto para a minha terra e me trato lá; e já ia embora quando seus criados o convenceram a obedecer ao profeta. Foi até o rio Jordão e mergulhou nas águas sete vezes; quando saiu da água depois do sétimo mergulho, viu que a pele do seu corpo estava completamente limpa, sem nenhum sinal de lepra; ele estava curado!

Semelhantemente é o que parece acontecer com aqueles que decidem obedecer ao líder espiritual e batizar-se. Ao entrar nas águas e mergulhar, a lepra, que neste caso seria o pecado, sai, e o novo crente passa a desfrutar da cura milagrosa no seu espírito. Observe que o poder não está na água e sim na obediência em lavar-se. No caso de Naamã, ele argumentou que os rios Abana e Farfar (II Reis 5.12) possuíam águas mais limpas que as do rio Jordão, mas, neste caso, a Síria representava o mundo pagão, onde a idolatria e feitiçaria ocupavam lugar de destaque; logo, suas águas estariam contaminadas. Assim ocorre no ambiente assembleiano, a renúncia a locais até mais “prazerosos” são necessários a fim de que através do mergulho nas águas do batismo a velha natureza de pecado fique para trás. Naamã é a figura do homem e da mulher que, vindos do mundo (da Síria pagã), resolvem obedecer ao regimento interno da AD e tornar-se um membro mediante o batismo. É de considerar que este sacramento não é exclusivo da AD, mas todas as igrejas protestantes seguem o sacramento batismal, diferenciando-se, apenas, em relação à forma de batizar, que pode ser, principalmente, imersão ou aspersão.

Ester (2008), uma das nossas entrevistadas cita em seu depoimento uma canção da harpa Cristã que ouviu no dia do seu batismo, e nela percebemos a força desse simbolismo. Observe:

Tua graça. Ó Deus amado,
Vem agora conceder,
Aos que vão ser batizados,
Dá-lhes o Espírito e poder.

Com o Teu Espírito Santo,
Estas almas vem selar;
Dá-lhes vida e novo canto,
P'ra Tua glória conquistar.

A fim de pra Ti viverem,
Mortos para o mundo estão;
Para o Espírito receberem,
Dá-lhes puro coração.

Com Espírito por Deus dado,
Vem, ó vem já batizar,
Os que hoje seus pecados,
Vêm nas águas, sepultar.
Já contigo ressurgidos,
O Teu nome louvarão;
Em Jerusalém, vestidos;
Sim, de branco, reinarão!
(HARPA CRISTÃ, Nº 352)

Os fiéis são convidados a sepultar seus pecados, sujeiras do coração e feridas da alma nas águas do batismo. A promessa é que ao erguer-se estarão brancos e com um puro coração. No ato do batismo, o Espírito Santo, diz a música, sela essa pessoa, ou seja, ela é marcada, sinalizada e, portanto, reconhecida no céu. Os que se batizam passam a viver o sonho de uma eternidade com Deus, uma dádiva concedida aos que recebem “*vida e novo canto pra Tua glória conquistar*”. Para Reis (2006), essa trama simbólica é a luta pelo (auto) reconhecimento, pois, segundo ele, uma identidade, para ser construída “*precisa de algo fora dela, da alteridade, outra identidade, que não é*” (REIS, 2006, p. 120). O cidadão do céu é o outro do sujeito que acaba de se batizar e a morte para os padrões do mundo é a oposição às vantagens que essas práticas impuras tentam suscitar. O sujeito assembleiano é chamado a ocupar o seu lugar, o seu novo lugar e a agir a partir de um campo social com recursos materiais e simbólicos próprios. (REIS, 2006, p. 13)

A exclusão da velha identidade é a condição para a construção de uma nova e neste caso, a identidade assembleiana. Como Naamã deixou nas águas do Jordão a sua lepra, sua vergonha, sua morte, sim, pois, certamente, era assim que ele se sentia, ainda que fosse benquisto pelo rei, ganhasse muitas guerras, o novo crente também, ao descer às águas,

simbolicamente sepulta o pecado (lepra espiritual) tornando-se, segundo os fiéis da AD, “*alvo mais que a neve*”. Inclusive, a roupa que os batizados usam é sempre de cor branca fornecendo algumas pistas para a suposta purificação adquirida pela salvação calvítica. A roupa branca pode ser analisada como uma metáfora do corpo santo, limpo e higienizado mediante o batismo. A bata, muito parecida com a bata utilizada por médicos e enfermeiros, sinaliza para a cura que vem através de uma nova “operação” espiritual: o batismo.

Figura 13: **BATISMO** - *Assembléia de Deus* - Ministério de Cubatão/SP



A brancura da roupa evoca a remoção das impurezas das ações praticadas antes de freqüentar a igreja. Ao se batizar, o novo crente recebe simbolicamente novas vestes espirituais. O branco resplandecente no exterior do corpo transcenderá para o interior do espírito e alma alterando maus hábitos e produzindo um estado de pureza, bem-estar. Essa sensação é produto do que eles chamam de “nascido de novo”, um acontecimento sobrenatural que permite ao homem ouvir, falar e se relacionar com Deus que é espírito, logo, seus adoradores só poderão adorá-lo em espírito (João 4:24).

Os líderes e membros da AD entendem que mesmo que, uma pessoa tenha bens, sucesso profissional, aceitação social, contudo, se não experimentarem o Novo Nascimento, evidenciado no batismo nas águas, sentirão o mesmo que sentia o comandante Naamã. Como

diz a música acima citada, os que são batizados nas águas obedecendo aos costumes da igreja serão selados, marcados devido à presença do Espírito Santo em suas vidas. Para os fiéis da AD, no ato do batismo ocorre um milagre, o homem ou mulher sepulta nos tanques batismais os seus pecados quando é imerso (a) e ressuscita com Cristo ao levantar das águas. A letra da música outrora citada garante que os que assim procedem vestidos de branco reinarão na nova Jerusalém, que é uma representação do céu; porém, isto só será possível se os convertidos morrerem para o mundo, recebendo um coração puro.

Vigarello (1985, p. 151) chama esse processo de “*moralização da higiene*”. Os novos membros, após o banho batismal incluem em suas práticas costumes onde a higiene espiritual assume um lugar permitindo que estes fiéis adquiram moralidade e ordem em seu cotidiano. A pedagogia da higiene espiritual através do batismo é, portanto, um instrumento de moral baseado na ética da pureza.

Débora, que por muitos anos participou ativamente da AD em Campina Grande, estando hoje em outro ministério, diz: para ser batizado era necessário abandonar os envoltórios ilegais. Abandonar os usos e costumes (mundanos). Estar freqüentando a congregação regularmente. Ser dizimista e submeter-se às normas da igreja. Veja que o depoimento mostra que a pessoa que se batiza deve permanecer limpo, afastado dos hábitos que contaminam a fé. Vigarello (1985) chama a atenção para a importância de se manter asseado. Ele diz que a água é limitada e para usufruir dos benefícios da higiene se faz necessário associar ao lavar-se outros hábitos tais como “*pentear-se, trocar as roupas, cortar as unhas e todas as manhãs limpar as mãos e o rosto para retirar a sujeira com um pano branco*”. (1985, p. 23). Os fiéis assembleianos são induzidos não apenas a entrar nas águas, mas continuar se limpando diariamente das poeiras, bactérias e contaminações da vida fora da igreja.

Ainda relacionando este ritual da Assembléia de Deus com a história de Naamã, identificamos que o ato de obedecer e mergulhar nas águas suscitará uma nova identidade, pelo menos no que se refere aos hábitos religiosos. Vejamos como ocorreu com Naamã.

Ainda pelo relato bíblico verificamos que a mudança que ocorreu com Naamã ao mergulhar no rio Jordão não se deu apenas no âmbito físico, mas também na instância religiosa, pois este, antes de submeter-se à imersão, servia e adorava a um deus pagão

chamado Rimom. Logo após a experiência no Jordão, Naamã faz a seguinte declaração e pedido ao profeta Eliseu:

Por favor, deixe-me levar de volta duas de minhas mulas carregadas com terras daqui, pois de agora em diante nunca mais oferecerei sacrifício a outro deus, a não ser o Deus de Israel, o Senhor. Há, porém, uma coisa que preciso explicar: quando o rei, meu senhor, apoiado em meu braço, entrar no templo do deus Rimom para o seu culto de adoração, e eu também tiver de me curvar, quero que Deus, o Senhor, me perdoe. (II REIS, 5:17,18)

Ao que parece, a experiência nas águas do Jordão fez o comandante Naamã renunciar seu estilo de vida anterior. É curiosa sua explicação para justificar sua entrada no templo pagão; para ele isso seria uma obrigação trabalhista e, por isso, o Deus de Israel que agora ele seguiria, não deveria levar em conta. No batismo que inclui os novos crentes na comunidade assembleiana, o intuito é também levá-los a ignorar os valores religiosos anteriores seguindo fielmente aos padrões espirituais da denominação. A lepra espiritual é também a idolatria não somente a outros deuses, mas a coisas, lugares e pessoas que ocupem o primeiro lugar no coração.

É preciso, mergulhar, se lavar, se batizar para então poder se aproximar de novo de Deus e do povo que serve a Ele. A música a seguir mostra a determinação de quem resolve se submeter ao ritual batismal.

Tua justiça eu quero cumprir,
Alegremente me vou batizar
Por imersão, para Cristo seguir
E meus pecados, assim sepultar.
Lava-me, lava-me, ó Deus de amor,
No sangue puro de Cristo Jesus;
Torna minha alma mais alva que a luz,
No sangue puro de Cristo Jesus.
Quando das águas eu ressuscitar,
Já criação nova sou em Jesus;
Posso a Ele servir e honrar,
Por crer na obra sublime da cruz.
Com toda força, meu bom Salvador,
Teu santo nome eu invocarei,
Para que eu vá de valor em valor,
Ao céu de luz, onde descansarei
(HARPA CRISTÃ, 352)

A descida às águas sepultará os maus costumes. A água na verdade representa o sangue de Cristo que *“torna minha alma mais alva que a luz”*. A poesia confirma a “trilogia proclamada reiteradas vezes pelos pioneiros da AD no Brasil, Daniel Berg e Gunnar Vingren, *“Jesus salva, cura e batiza no Espírito Santo”*, diz o diretor executivo da CPAD ao jornal Mensageiro da Paz (junho de 2001). A salvação, a cura e o batismo nas águas e no Espírito (glossolalia) fazem do fiel uma criação nova, como afirma a canção. Essa suposta nova vida abre as portas não apenas da cura física e emocional, mas *“do céu de luz onde haverá descanso”*.

O batismo é, portanto, uma apresentação pública que caracteriza uma decisão de entrega à nova vida, que como diz a canção, num processo de limpeza profunda que no caso, acreditam os assembleianos será feita por Deus, tornará o praticante são da lepra do pecado. Para Vigarello (1985, p. 20), o banho dedicado à infância não tinha como finalidade primordial a limpeza, mas a *“modelagem dos membros na devida forma”*. O banho tomado no batismo parece possuir também essa utilidade. Os batizados são modelados aos padrões e normas exigidos pela igreja e seguem sua vida após o banho (batismo) numa intinerante conquista da higiene espiritual. Para tanto, o manual de treinamento para candidatos ao batismo (2007, p. 13) apresenta os seguintes direitos e deveres após o banho batismal.

- a) Fazer parte dos membros da Igreja.
- b) Possuir uma credencial de membro da Igreja.
- c) Fazer parte do corpo de Cristo.
- d) Poder participar da Ceia do Senhor.
- e) Honrar a sua Igreja.
- f) Respeitar e obedecer às normas da Igreja.
- g) Contribuir com dízimos e ofertas para o crescimento da obra de Deus.
- h) Não dar escandalos à igreja (fazer com que alguém critique a Igreja, devido ao seu mau comportamento).
- i) Falar, agir e pensar como um filho de Deus.
- j) Frequentar os cultos regularmente.

(MANUAL DE TREINAMENTO PARA CANDIDATOS AO BATISMO, 2007, p. 13)

Como mostra Vigarello (1985, p.21), em seu estudo sobre a higiene no banho infantil, onde a água tem função limitada e não afasta a prática de uma higiene continuada e ativa, no batismo, o novo crente, nascido de novo, portanto, um bebê, deve continuar seguindo normas de limpeza e purificação também aprisionando o corpo das influências e infiltrações

mundanas que (per)passam pelo corpo, infeccionando o espírito e a alma. Vigarello (1985) também apresentou o banho como divertimento social onde homens e mulheres participavam de banhos públicos onde os convivas comiam e se divertiam. No dia do batismo, uma festa também é vivenciada; familiares, amigos e demais membros da igreja cantam, abraçam-se, tiram fotografia e celebram a inclusão de novas pessoas ao *corpus* assembleiano. O batismo da AD em Natal impressionou a mídia local ao batizar 800 novos crentes no dia 28 de dezembro de 2004. A informação foi estampada na primeira página do jornal Mensageiro da Paz e demonstra a grande festa que este evento proporciona na igreja.

Figura 14 - Numeroso batismo na AD em Natal – RN



A emoção de ser incluído no rol de membros deixa no ar um sentimento de aconchego, segurança e conforto de ter um grupo a qual pertencer. Há uma certa satisfação por parte dos batizantes da fotografia. Rostos erguidos, sorrisos nos lábios, uma grande família reunida num só dia.

Silva (2003, p. 44) comenta que é na reunião com Deus o que o próprio nome da denominação evoca – ASSEMBLÉIA DE DEUS – que será gerado no novo fiel uma nova vida, saindo do estado de morte (espiritual) e recebendo uma vida de comunhão com este

transcedente (Deus). Daí a importância, segundo Silva, de o ato do batismo ser sempre na presença da congregação e, por isso, na maioria das igrejas Assembléias de Deus, o tanque batismal tem lugar de destaque no altar. Descer as escadas que levam ao tanque, vestido de branco, diante de uma igreja lotada, geralmente na Escola Dominical, indica um momento de glamor, que possivelmente atrai a atenção da maioria das pessoas que desejam não apenas entrar no céu, mas também entrar no rol de membros da igreja.

Figura 15 -Tanque batismal da Assembleia de Deus – BH



As exigências para tal acontecimento parece variar de igreja para igreja mesmo dentro da AD, mas, no geral, observa-se a idade, a situação conjugal, a indicação de alguém que já é membro da denominação, fazer uma declaração pública de fé, comprometer-se em cumprir as doutrinas, frequentar os cultos assiduamente e ter muito cuidado para não pecar, isto é o que diz Dorcas em seu depoimento. No Estatuto da AD de Campina Grande Artigo 5º encontramos a seguinte declaração:

São considerados membros da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, em Campina Grande (PB) e Igrejas Filiadas, os crentes em Nosso Senhor Jesus Cristo, cujas admissões far-se-ão da seguinte forma: I – pessoas que, tendo bom testemunho público, mediante

profissão de fé, forem batizadas nas águas por imersão, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e inscritas no rol de membros; (...) Art. 7º I – cumprir o presente Estatuto, bem como as decisões ministeriais, pastorais e das Assembléias Gerais; (...) IV- viver em conformidade com a Doutrina Bíblica, não contrariando, em hipótese alguma, a ordem e os costumes adotados pela Igreja; (...) IX – frequentar as reuniões da Igreja com regularidade.

Não sabemos se todos, ao se batizarem, estão cientes de tantas responsabilidades e deveres. No entanto, quem se importa com regras quando o assunto se refere ao “céu de luz”. Ganhar um passaporte para a eternidade com Deus deixa os professos da fé cristã mediante o batismo num êxtase sem igual. Relatos de entrevistados para este trabalho garantem que melhor ainda e mais emocionante é o batismo num açude. Ao som de hinos entoados pelas vozes trêmulas daqueles que acompanham o ritual os novos fiéis se identificam com o batismo de Jesus que foi no rio Jordão também acompanhado por uma multidão de curiosos e devotos. Gideão lembra do seu batismo e comenta:

Eu mesmo me batizei num açude. Foi muito bonito. Quando os crentes estavam se batizando, os irmãos cantavam: “Quando o Jordão passarmos unidos, e entrarmos no céu veremos lá, como areia da praia os remidos, oh que gloriosa vista será!” Foi tremendo. Eu nunca vou esquecer daquele dia. Foi no dia 26 de novembro de 1986. (GIDÃO, 2008)

Figura 16: Batismo no açude de Boqueirão/PB



Diante da imagem de muitas águas é possível ocorrer o exercício de contemplação por parte do novo crente. Fazer das águas um espelho que reflete uma imagem atual, mas muito além dos traços físicos, é ver o passado, os vacilos, a memória é ativada e o sujeito desce às águas comovido e arrependido. Ao subir molhado, o novo homem e nova mulher contemplam no espelho das águas outra imagem. O olhar agora mais perspicaz se defronta com essas mesmas águas, agora, repletas de beleza e esperança. Esse banho público traduz o rompimento de um traço identitário que unia esse sujeito a um passado de pecado (sujo, doente) desencadeando um processo de alteração transformador, originando outro traço de identificação. Percebemos que este ritual é repleto de simbolismo e é no simbolismo, segundo Silva (2003, p. 45), que se “*transmite uma determinada mensagem entre os sujeitos proporcionando participação na comunidade*”. Esse agrupamento favorece ou apela para o “sentimento de pertença ao grupo ou coletividades.” Hall (2003), em seu conceito de identidade nacional, discute a premissa de uma nação como comunidade simbólica com poder de gerar um sentimento de identidade e lealdade. (p. 49).

O batismo ajuda a estabelecer um traço identitário de ser AD, uma cultura assembleiana que deseja ser homogênea num seio evangélico repleto de diferenças e singularidades. Essa proposta de dicotomia com o mundo e seus costumes preza a noção de um “eu” singular oriundo dos princípios bíblicos de santidade instaurados na doutrina da Igreja Assembléia de Deus no Brasil.

Enfim, o batismo nas águas é realizado somente uma vez porque segundo Silva (2007, p. 2), “*pode haver apenas um começo da vida espiritual*”. Falaremos a seguir de outra cerimônia de cunho importantíssimo no seio assembleiano: A Santa Ceia. E assim como o batismo está para o começo, a ceia está para a continuação do crescimento espiritual. Se o batismo é vivenciado uma vez, a Ceia do Senhor é administrada frequentemente, ensinando que a vida interior do crente deve ser alimentada.

3.2. “Preparas uma mesa perante mim”

Porque eu recebi do SENHOR o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão;

E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim.

Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim.

Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha.

Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor.

Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice.

Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do SENHOR.

Por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem.

(I CORÍNTIOS 11:23-30)

Figura 17: Assembléia de Deus – BH (Galeria de Fotos – 1ª Ceia de 2009)



Dia de festa e ajuntamento solene. À frente do púlpito, uma mesa preparada, ornamentada com um pano branco, com pequenos cálices e bandejas com pedacinhos de pão. Os membros já batizados, quase todos bem vestidos, alguns tranquilos, outros ansiosos, cantam hinos específicos da Harpa Cristã ou de cantores gospel. É assim o dia da ceia, uma

vez por mês nas igrejas-mãe das ADs em todo o Brasil. Sentados em suas cadeiras enfileiradas, aguardam o pedaço de pão e o pequeno cálice com vinho (suco de uva),

Memorial do sofrimento e morte de Cristo. Ao comer e beber os símbolos do sofrimento e morte de Cristo, o crente expressa estar ciente de que através da salvação, foi justificado diante de Deus, e compartilha da natureza divina da vida eterna através de Jesus Cristo. (...) Esta ordenança também aponta para a segunda vinda de Cristo por que é uma lembrança para proclamar a morte do Senhor até que Ele venha! (DOCTRINAS BÁSICAS DA ASSEMBLÉIA DE DEUS, s/d, p.7)

Sentir o cheiro e provar o sabor destes elementos torna visível e tangível a realidade abstrata. Cada participante parece sentir-se literalmente assentado à mesa do Senhor e é envolvido por uma sensação de pertencimento que acalma a alma. Ao ouvir a frase célebre do pastor lembrando que “participem apenas aqueles que estiverem em plena comunhão e os que foram batizados”, uma atmosfera de aceitação recai sobre os que prontamente comem e bebem “dignamente”.

Figura 18:Assembléia de Deus – BH (Galeria de Fotos – 1ª Ceia de 2009



Os “não dignos” são aqueles que se rebelaram contra a sã doutrina ou que cometeram determinados pecados. É neste dia de festa que toda a igreja fica sabendo o nome e a causa do afastamento da comunhão, pois alguns ficam de pé e pedem perdão a Deus e à Igreja e outros, já confessados anteriormente, continuam em silêncio, mas não participam do ritual. Não precisa ser um “grande” pecado, basta ferir o código de normas que, embora afirmem eles, não impede a salvação, impossibilita participar da santa ceia.

Para Bauman (2005), uma pessoa é capaz de suportar situações como estas devido à identificação com o grupo e, no caso, a credibilidade dada à promessa de uma vida pós-morte garantida. Aceitar a repreensão e não mais cair na “tentação” viabiliza o retorno à comunhão com a Igreja e com Deus. Bauman afirma que os que a tais coisas se submetem são aqueles que não têm direito de manifestar suas preferências e se vêem oprimidos por “identidades aplicadas e impostas por outros”. (p. 44). Essa identidade que o fiel busca ter, na verdade, parece trazer sobre ele, em algum momento, incômodo, mas ainda assim não consegue livrar-se do desejo de obtê-la. Segundo Bauman, são identidades que se “estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam”. (op. cit)

Certamente, esse tipo de busca identitária não ocorre apenas no âmbito religioso. A maioria de nós sofre desse desconforto em algum lugar da sociedade tendo de conviver com a incerteza do tempo de duração da nossa liberdade de escolher o que desejamos e rejeitar o que nos desagrada, ou se seremos capazes de manter a posição que atualmente desfrutamos pelo tempo que julgarmos satisfatório e desejável. O prazer de selecionar uma identidade estimulante é corrompido pelo medo, pois, sabemos que se nossos esforços fracassarem por escassez de recursos ou falta de determinação, *“uma outra identidade, intrusa e indesejada, pode ser cravada sobre aquela que nós mesmos escolhemos e construímos”* (p. 45). Na Assembléia de Deus isto ocorre da seguinte forma: uma permuta polariza entre santo e profano, puro e impuro, limpo e sujo, doente e são, e é na Santa Ceia que cada um deve julgar-se a si mesmo como diz o texto de I Coríntios 11, que inclusive é lido todas as vezes antes da cerimônia, e comam e bebam do corpo e do sangue de Cristo.

Para todos os entrevistados, a ceia é um momento memorável, especial. Unânicos, afirmam que a reunião acontecia uma vez por mês com data inadiável e este era o momento escolhido para disciplinar os que cometeram pecado como também reintegrar aqueles que

pediram perdão e, após um tempo de disciplina (afastamento das atividades da igreja, principalmente a ceia), eram reconciliados.

É um momento singular. Este culto acontece às portas fechadas, os crentes vão com alegria e expectativa de Jesus falar, o poder descer. Pessoas se reconciliam, pedem perdão antes de ceiar. (...) Há até irmãs que se vestem de branco numa reverência de um encontro com o Senhor na Santa Ceia, pois é isso que ela representa. (MARTA, 2008)

A Santa Ceia é um momento muito especial, onde se comemora a morte e ressurreição de Jesus. (...) O povo se vestia de branco e cantava o hino “alvo mais que a neve” (nº 39 da Harpa Cristã). As pessoas que durante o mês cometiam pecado (desobediência da doutrina) tinha um momento para pedir perdão (...) passando a partir daquele dia voltar a tomar, ou participar da Santa Ceia. (SARA, 2008)

A cor branca como símbolo de pureza, limpeza e reverência continua presente na liturgia do culto da Ceia. Unido ao branco está o vermelho do vinho, representado pelo suco de uva e o pão que, como diz a música a seguir, lembra a morte de Jesus “do qual nunca devemos esquecer”.

Senhor, reunidos aqui
A fim da Tua morte lembrar;
Partindo este pão nos lembramos de Ti,
Até que nos venhas buscar.

O cálice que vamos beber,
É símbolo do sangue Teu,
Do qual nunca devemos nos esquecer;
Por ele nós temos o céu.

Faz-nos sempre dignos, Senhor,
Da Tua divinal comunhão;
Do Teu corpo e sangue purificador
Que nos dá veraz salvação.
(HARPA CRISTÃ, Nº 99)

O agente simbólico entre o pão e o vinho promove o que Certeau chamou de “*dinâmica socializante*”, comendo juntos, esperando uns pelos outros, uma atividade que talvez demonstre a dinâmica social do jogo que é instaurar imediatamente o sujeito na sua dimensão coletiva. (CERTEAU, 2008, p.146). Ao ativar a memória dos fiéis acerca da morte vicária de Cristo, os líderes da AD pretendem induzi-los a permanecer afastados dos costumes nefastos da sociedade moderna. Se o cálice que irão beber e o pão que irão comer são

símbolos do sangue e corpo de Jesus Cristo, é preciso temer ao participar deste memorial, pois *“quem come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor”*. (I Coríntios 11.29). Referência símile acha-se no verso 27: *“Portanto, qualquer que comer este pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor”*. “Indignamente” significa de forma indigna, não respeitosa, não reverente, não adequada. Peca contra o Senhor quem participa da Ceia de forma indiferente, sem reconhecer que os elementos da Ceia representam o corpo e o sangue de Cristo; sem a intenção de lembrar o Calvário, diz o comentário da Bíblia World Net.

Para os líderes da AD, o respeito ao sacrifício de Cristo deve ser não apenas no momento da cerimônia memorial, mas durante todos os dias até que chegue o mês seguinte, e aptos a cearem, gozem do prazer de estarem puros e santos. No final da primeira estrofe da canção abaixo, *“Por Teu paraclito nos preside aqui”*, evoca-se a ajuda do Espírito Santo (paracleto – consolador), demonstrando que a Santa Ceia é uma cerimônia de cunho fortemente espiritual e, portanto, *“tem um infinito valor, um valor que jamais vai cessar”*.

Bendito Jesus, nós chamamos por Ti,
Cercamos Tua mesa, Senhor;
Por Teu Paraclito nos preside aqui;
Vem encher-nos de santo fervor.

A grande ternura do Teu coração
Chamou-nos aqui, oh! Senhor!
Pra nós celebrarmos em santa união,
Tua morte, oh! bom Redentor!

Abençoaste o pão e o partiste a dizer:
"Tomai o meu corpo e comei,
E todas as vezes, pois é o dever,
Em memória de Mim o fazei".

O cálice da Nova Aliança de amor,
No Teu sangue, ó meigo Jesus,
Nos encha de graça, de novo vigor,
Nos anime na senda da luz!

Queremos, Jesus, neste ato de amor,
O Teu memorial celebrar;
Pra nós ele tem um infinito valor,
Um valor que jamais vai cessar.
(HARPA CRISTÃ, N° 06)

Esse “*infinito valor*” que a ceia representa para os fiéis é um forte aliado na construção da identidade da AD. Para Hall (1997), esse tipo de valor tem poder de gerar um sentimento de lealdade, fazendo com que o sujeito, ao cumprir as exigências que possibilitem participar da cerimônia, se sinta pertencente à cultura do céu. Ainda para Hall (1997), como a identidade muda à medida que o sujeito é interpelado ou representado, logo, a identificação não é automática, mas pode ser adquirida ou perdida. Os líderes da AD insistem em que os membros permanecem leais, pois a rebelião contra a autoridade da igreja e suas doutrinas acarretará: “*advertência, afastamento temporário das funções e exclusão*”. (ESTATUTO, 2004, p. 04). Esse tipo de repressão, diz Costa (2006, p. 50), constrói dispositivos que são idéias formadas pelos conjuntos de “*práticas discursivas e não discursivas que agem, à margem da lei, contra ou a favor delas, mas de qualquer modo empregando uma tecnologia de sujeição própria*”. Pregações, canções, revistas e outros recursos são usados para lembrar os participantes da igreja do compromisso com a santidade e purificação. Afirma ainda Costa (2006, 52) que “*a ordem da lei impõe-se por meio de um poder essencialmente punitivo, coercitivo, que age excluindo, impondo barreiras*”.

Para a igreja Assembléia de Deus como também para outras denominações evangélicas, os rituais do batismo e ceia fortalecem a fé, a comunhão dos congregados e o compromisso com a instituição. Nesses momentos, principalmente na santa ceia, uma atmosfera de temor envolve os participantes levando-os a aceitarem as punições para os que transgrediram as normas do estatuto. A idéia de submissão cria um sentimento de resignação, pois o arrependimento e a confissão pública trarão o direito de retornar as atividades da igreja para os que neste dia foram disciplinados, como também uma profunda sensação de pertencimento por parte daqueles que solenemente comem do pão e bebem do vinho.

Neste capítulo, vimos que a leitura dos escritos e das imagens recepcionadas pelos membros da AD possuem caráter modelador e formador de identidade(s), uma vez que a leitura é mais que uma habilidade de reconhecer códigos, é uma possibilidade de estabelecer significados. Neste caso, absorver o que dizem ou mostram os líderes assembleianos através dos instrumentos de divulgação da denominação tais como: jornal, revistas, e rituais, garante o “sucesso” do movimento pentecostal no Brasil. As mensagens de cura difundidas nas canções e sermões constroem uma atmosfera de fé que (con)firma a conduta de santidade dos fiéis assembleianos. Estar sarado é manter-se no padrão; esse discurso é consolidado nos usos

e costumes que funcionam como um texto inscrito no corpo das crianças, jovens e adultos desta denominação, constituindo assim, uma marca definidora da identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este estudo pretendendo analisar até que ponto as metáforas de cura presentes no discurso e nas práticas não discursivas dos líderes da Assembléia de Deus contribuíam na construção da(s) identidade(s) de seus fiéis. Ressaltamos algumas reflexões acerca do tema estudado, sem, no entanto, pretender esgotá-lo, uma vez que o mesmo é vasto e ainda pouco explorado.

No decorrer da pesquisa, apoiados nos depoimentos, letras de músicas, questionário, material didático da EBD e documentos da AD, percebemos que a recepção e apropriação de palavras e expressões do ambiente médico facilitam e consolidam a doutrina dos usos e costumes que tem como recompensa a cura divina, santificação e purificação dos males do pecado. Essas “ações pecaminosas” que contaminam o corpo e as emoções são praticadas por aqueles que se negam a obedecer as normas da igreja. Esses “opositores do corpo-santo” são intitulados pelos seguidores da doutrina AD de ímpios, gentios e incrédulos.

O estudo demonstrou que ainda hoje existe forte influência dos pioneiros Daniel Berg e Gunnar Vingren, principalmente no que diz respeito à trilogia cristã - Jesus salva, cura e batiza no Espírito Santo – discurso esse que segundo o jornal Mensageiro da Paz (junho de 2001), trouxe milhões de convertidos à Igreja Assembléia de Deus tornando-a “o maior movimento pentecostal do mundo”. A construção de um espaço pentecostal no Brasil iniciada por Berg e Vingren originou a (re) criação de práticas que buscavam modelar o corpo do sujeito assembleiano a fim de redirecionar as maneiras de ser e de fazer a favor da nova doutrina. Os conflitos apresentados no capítulo I demonstram que a interpretação bíblica no seio protestante nunca foi nem será singular e homogêneo. A parte boa das várias interpretações da Bíblia é a possibilidade da diversidade e pluralidade que culmina em identidades.

As reflexões e discussões elencadas nesta pesquisa reforçam a idéia de que o padrão de ética, de costumes doutrinários e escolarização dos corpos assembleianos encontram aceitação por parte dos membros da instituição devido à esperança de desfrutarem de uma vida de saúde na terra e garantia de morada no céu.

O papel que exercem as canções no contexto doutrinário e no aspecto emocional que envolve a fé é relevante; vimos isso ao analisar letras de músicas que incentivavam o abandono de toda e qualquer prática que violasse o padrão de santidade da igreja. Ao cantarolar as músicas, os fiéis são sensibilizados e permitem incorporar, literalmente, as marcas de santidade que garantem milagres divinos. A composição dos grupos musicais com seus mais variados nomes que se espalham nas igrejas-mãe e suas congregações ocupam a função de incentivar a participação individual dos membros da igreja, pois graças a ela, (música), quase todos podem tomar parte ativa no culto.

A metáfora do corpo sarado foi reconhecida neste trabalho como uma âncora da identidade pentecostal assembleiana, um jeito de ser que há quase cem anos persiste em existir e se manter. Na opinião de alguns entrevistados, as normas de conduta da AD são *marketing* que forma a identidade da denominação e defende a continuidade das exigências, pois ceder, abrir mão dos usos e costumes, “seria se contaminar com a parte podre da modernidade”. (GIDEÃO, 2008)

A limpeza do corpo, de acordo com o que pesquisamos, vai além dos cuidados e orientações dadas por Vigarello (2005) sobre a higiene pessoal. É fugir da orgia, se esconder da prostituição, evitar os apelos da sexualidade, negar-se a si mesmo, tomar a sua cruz e seguir o padrão da AD no Brasil. É se lavar nas águas do batismo, comer o pão e beber o vinho (suco de uva) na Ceia do Senhor. É deixar o fogo do Espírito desenhado nos braços, queimar a lepra do pecado e tornar o corpo assembleiano “alvo mais que a neve”.

O cuidado de si do sujeito assembleiano toma dimensões fora do seu corpo. As repressões ao uso da televisão, ingestão de comidas “consagradas aos ídolos também são consideradas instrumentos de cura. Se para Vigarello (op. cit 147), lavar o rosto e, portanto, os olhos todas as manhãs é um ato de civilização e higienização, para a AD, não acompanhar novelas e programas obscenos constitui a higiene do olhar. A obediência a essa prática, voluntariamente ou não, de acordo com o que pesquisamos, fixa regras de conduta que mantêm valores estéticos que respondam a certos critérios de estilos.

O princípio de proibir ver isso, comer aquilo, usar aquilo outro, está mais ligado a uma marca identitária da denominação AD do que mesmo obediência aos ensinamentos cristãos. Observamos isto no relato de depoimentos e documentos onde consta certo respeito por outras denominações evangélicas que não comungam com o padrão moral e ético das ADs, entretanto, são categóricos ao afirmarem que,

A Igreja Assembléia de Deus tem identidade própria e não deve deixar-se macular pelos padrões mundanos de nosso tempo nem por modismos de outras denominações. (...) Portanto, para nós da Igreja Evangélica Assembléia de Deus do Campo de Campina Grande – PB não podemos perder de vista aquilo que temos recebido no tocante aos usos e costumes, uma vez que Deus tem nos abençoado com este modelo, tornando a denominação Assembléia de Deus o maior seguimento evangélico do Brasil (MANUAL DO CONSELHO DE DOCTRINA, 2007, p. 12).

A reverência ao cuidado de si priorizada pela AD evoca o desenvolvimento da cultura de si, da cultura pentecostal assembleiana. A idéia de ser puro, sarado, feliz e garantias de uma eternidade de paz produz um modo de sujeição na forma de obediência as normas de conduta santa e um modo de realização ética que tende à renúncia a si.

A ética da pureza tão exaustivamente comentada por Vigarello (2005) encontra no lócus da Assembléia de Deus controle das ações dos membros. Se para Vigarello (p. 160), “a limpeza é a base da higiene, pois consiste em afastar de nós toda a sujidade e, por conseguinte, todos os micróbios”, para os líderes da AD esses micróbios são pecados, ações transgressoras do código de ética da igreja. Evitar a proliferação de micróbios (pecados) é se afastar dos prazeres do mundo que vão da forma de se vestir, ingestão de alguns tipos de comida (consagradas aos ídolos), a objetos que excitam a sensualidade a exemplo da televisão. “O micróbio é a referência negativa e a assepsia a referência idealizada” (p. 162). A assepsia espiritual indicada pela AD é o batismo nas águas símbolo de uma multiplicidade de lavagens. Ao descer as águas do batismo, o fiel renuncia o estilo de vida antes da conversão e “oficializa” sua entrada no céu como também no rol de membros da AD.

Por fim, pertencer ao seio assembleiano é também frequentar a Escola Bíblica Dominical levando consigo, além da bíblia, a revista do trimestre. Os diversos temas selecionados a cada três meses reforçam a doutrina, integram os membros e novos convertidos trazendo orientações acerca do que deve e não deve, pode e o não pode.

Finalizamos com o anseio de que as reflexões e análises aqui ensaiadas incitem novas pesquisas. Que a trajetória deste texto possibilite o surgimento de outras questões que respondam ou questionem ainda mais o papel das metáforas de cura que circulam nos temp(l)os da Assembléia de Deus no Brasil que, ao que parece, é mais do que uma instituição religiosa, é também um espaço de referência construcionista de identidades.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Cristina Beloni. Qual o Caminho da Escola Bíblica? **Revista Eclésia**, São Paulo, ano 12, Ed. 130, Janeiro de 2009, p. 30-32.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: CPAD, 1995, p. 579-581.

ALMEIDA, Joede Braga de. **O Sagrado e o profano: construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembléias de Deus no Brasil**. São Paulo: Mackenzie, 2007, 119 p.

ARISTÓTELES. In: ECO, Humberto. **Semiótica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Ática, 2003.

BACHELAR, Gastón. **A psicanálise do fogo**. . São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BASTOS, Liana. **Corpo e subjetividade na medicina**. Rio: Edufrj, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, 105 p.

BERG, Daniel. **Enviado por Deus. Memórias de Daniel Berg**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, 208 p.

BERNARDO, Franklin Pereira. Perfil nos seus usos e costumes. In: **Manual do Conselho de Doutrina**. COMEAD: Campina Grande, 2007.

CAMPOS, Leonildo Silveira. GUTIERREZ, Benjamin (Orgs.). **Na força do espírito - os pentecostais na América Latina, um desafio às igrejas históricas**. São Paulo: Pendão Real, 1996, 171 p.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópoles, Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p. 20-25.

CASSIANE. **A Recompensa**. Rio de Janeiro: MK Publicitá, 2001. v.1. 1 disco compacto (60 + min.): digital, estéreo. DL: C-456540-01.

CASSIANE. **A cura**. Rio de Janeiro: MK Publicitá [2003], v.1. 1 disco compacto (60 + min.): digital, estéreo. DL: M-23206-94.

_____. **Com Muito Louvor**. Rio de Janeiro: MK Publicitá [2000], v.1. 1 disco compacto (60 + min.): digital, estéreo. DL: M-23206-94.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2006, p. 22-28.

CHARTIER, Roger. **História cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990, p. 103.

_____. Crítica textual e história cultural: o texto e a voz, séculos XVI-XVII. In: **Leitura: teoria e prática**. Campinas: ALB: Porto Alegre: Mercado Aberto, n. 30, dez. 1997, p. 67-68.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 231-242.

_____. **A invenção do cotidiano 2 Morar, cozinhar**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 93-311.

CERTEAU, Michel de. **Caminhadas pela cidade** in _____. **Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 169-191.

_____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 82.

CONDE, Emílio. **História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1982, p. 13-27.

CONRADO, Flávio. A reinvenção da fé protestante. **Revista Nossa História**, n. 38, dez, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. **A medicina como projeto social: controle dos corpos e sexos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, p. 50-52.

_____. Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho Novo em Odres Velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil.** São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 04 fev. 2008.

DARTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História, Novas Perspectivas.** São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 218.

DOUGLAS, D. **O novo dicionário da Bíblia.** Rio de Janeiro: Vida Nova, 2003.

DUARTE, João Francisco Jr. **O Sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Tese de doutorado, FE, UNICAMP, 2000, p. 14.

ENI, Orlandi. Discurso de leitura. São Paulo: Ática, 1993, p. 12.

ESTATUTO DA ASSEMBLÉIA DE DEUS. COMEAD – CGPB. Campina Grande: Assembléia de Deus, 2004, 21 p.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história.** Lisboa: Teorema, 1999, p. 13-26.

GIOIELLI, Rafael. **A Identidade Líquida: a experiência identitária na contemporaneidade dinâmica.** São Paulo: USP, 2005.

GONDIM, Ricardo. **É proibido: o que a Bíblia permite e a Igreja proíbe.** São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

GUATTARI, Félix. **Caosmose.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 158.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, p. 13-49, 109.

_____. Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997, p. 60.

HARPA CRISTÃ. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, São Paulo: CPAD, 641 p.

HISTÓRIA DA ASSEMBLÉIA DE DEUS EM BELÉM – PA. Belém: CPAD, 1999, 145 p.

HOBSBAWM, E. & Ranger, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-21.

HORA, Dayse Martins. **Medicalização, Escola Nova e Modernização da Nação: 1930-1945**. Disponível em: < http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_034.html>. Acesso em: 14 jul. 2008.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 211.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de história da Educação**. Campinas, SP: Sociedade Brasileira de História da Educação: Autores Associados, n.1, jan/jun. 2001 p. 9-43.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos investigativos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 133.

_____. “Tecnologias do eu e educação”. In: SILVA, Tomaz T. da (Org.) **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 69.

_____. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. . (Trad.) Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 48.

LIÇÕES BÍBLICAS: Sermão do Monte – A transparência da vida cristã. **Revista Jovens e Adultos**, Rio de Janeiro: CPAD, 2º Trimestre, Ano 2001, p.18-23.

LIÇÕES BÍBLICAS. Exortação à Santidade. In: Vida santa até a volta de Cristo. **Revista Jovens e Adultos**, Rio de Janeiro: CPAD, 3º trimestre de 2005, p.44-50.

LIÇÕES BÍBLICAS. As disciplinas da vida cristã. **Revista Jovens e Adultos**, Rio de Janeiro: CPAD, 2º trimestre de 2008, p. 4.

LIÇÕES BÍBLICAS. As doenças do nosso século. **Revista Jovens e Adultos, Revista Jovens e Adultos**, Rio de Janeiro: CPAD, 3º trimestre de 2008, p. 5-9.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 9-34.

_____. Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 14-87.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 29-34.

MALAFAIA, Silas. **Cura interior à luz da Bíblia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2007, p. 35.

MANUAL DO CONSELHO DE DOCTRINA. **Manual do conselho de doutrina**. Assembléia de Deus. Campina Grande: Assembléia de Deus, 2007, p. 5-13.

MEDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir**. A inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: IMS, 1995, p. 52-62.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Testemunhos**. Ano 74, nº 1.432, Setembro de 2004, p. 18.

____. **Testemunhos**. . Ano 74, nº 1.429, Junho de 2004, p. 14.

____. **Destaque**. Ano LXIX, nº 1346, Maio de 1999, p. 3.

MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilian. **História da vida privada no Brasil**. v. 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Itatiara Teles de. **“Cantai com Júbilo ao Senhor”**: o papel da música no crescimento do neopentecostalismo em Goiânia. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Dissertação de Mestrado, 2006, 163 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 91.

PINHEIRO, Márcia Leitão. **Na pista da fé**: música, festa e outros encontros culturais entre os evangélicos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese de Doutorado em Sociologia, 2006.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil 2, de Calmon a Bomfim**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 13-120.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a graça**: esperanças e frustrações no Brasil nopenetecostal, São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 21-34.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. **“De bem com a vida”**: o sagrado num mundo em transformação - Um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea. São Paulo: FFLCH - Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado em Antropologia, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 73.

_____. **Territórios contestados**. Petrópolis: Vozes, 1995. 144 p.

SILVA, Isaias. **Treinamento para Candidatos ao batismo nas águas**. Pará: MPEB, 2007, p. 2-18.

SILVA, José Cláudio da. **A Doutrina dos Usos e Costumes na Assembléia de Deus**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, Dissertação de Mestrado, 2003, p. 30-45.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

SOUZA, Ronaldo Rodrigues. A Invencível Obra de Deus. **Mensageiro da Paz**. Edição Histórica dos 90 anos da AD no Brasil. São Paulo: CPAD, Ano 71, nº 1.388, Jun de 2001, p. 2.

SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski & MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. Os pentecostais: entre a fé e a política. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 43, 2002, p. 85-103.

SPLANGLER, Ann. 52 Mulheres da Bíblia que marcaram a história do povo de Deus. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2003, p. 210.

TEIXEIRA, Manoel J. e OKADA, Massako. **A dor na antiguidade**: punição dos deuses à qualidade sensorial. São Paulo: Aventis Pharma, 2001.

TULER, Marcos. **Dicionário de Educação Cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 66-67.

_____. **Manual do Professor de Escola Dominical**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 43.

_____. Novo Currículo de Escola Dominical. **Mensageiro da Paz**. São Paulo: CPAD, Ano 76, nº 1.455, Ago de 2006, p.7.

_____. Onde estão os sinais? **Mensageiro da Paz**. São Paulo: CPAD, Ano LXIX, nº 1346, Maio de 1999, p. 2.

VIGARELLO, Georges. **O Limpo e o Sujo**: a Higiene do Corpo desde a Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 1985, p. 15-167.

VIGREN, Ivar. Gunnar Vigren. **O Diário do Pioneiro**. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.

SITES CONSULTADOS

AGENDA ASSEMBLEIANA – **Nossa Identidade**. Disponível em: <http://www.igrejaassembleiadedeus.org/nossa_identidade>. Acesso em: 22 Jul. 2008.

Bíblia Online Net. Estudo IX - Segunda visão: **O fogo do Juízo**. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.net/estudos/coleção>>. Acesso em: 28 abr. 2009.

COSTA, José Wellington Bezerra da. **Nossa Identidade**. Disponível em <http://www.adcidadeamar.com/index.php?option=com_content&view=article&id=72&Itemid=31>. Acesso em: 22 Jul 2008.

CENTENÁRIO - CGADB. Disponível em: <<http://www.igrejaassembleiadedeus100.org.br>>. Acesso em 07 jul. 2008.

CGADB – **Usos e Costumes Defendidos Pelas Assembléias de Deus no Brasil**: Da liturgia. Disponível em: <<http://www.cgadb.org.br/home>>. Acesso em: 11 maio. 2009.

CÍCERO, Nogueira. Não vai se apagar. Disponível em: <http://vagalume.uol.com.br/cicero-nogueira/nao-vai-se-apagar.html>. Acesso em: 30 de Nov. 2008.

CPAD - Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Sobre a CPAD – **Uma história de fé e trabalho**. Disponível em: <http://www.cpad.com.br/cpad/paginas/quem_cpad>. Acesso em: 30 abr. 2009.

ECLESIOLOGIA. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Eclesiologia>>. Acesso em: 11 ago. 2008.

ESCOLA DOMINICAL. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_Dominical>. Acesso em: 12 mar .2009.

EYSHILA. **Até tocar o céu**. MK Publicitá. 2006. Disponível em: <<http://atetocarceu.album.eyshila.letrasdemusicas.com.br>>. Acesso em: 04 jun. 2009.

GALERIA DE FOTOS - **1ª Ceia de 2009**. Igreja Assembléia de Deus. Templo Central de Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.templocentral.com.br>>. Acesso em: 08 jun. 2009.

GETSEMANE. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Gets>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

HARPA CRISTÃ HISTÓRICO. Disponível em: <<http://benaia.googlepages.com/historicodahc>>. Acesso em: 08 maio 2009.

LOPES, Sérgio. **Sansão e Dalila.** Vagalume. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br>>. Acesso em: 06 maio. 2009.

MENSAGEIRO DA PAZ. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <wikipedia.org/wiki/Mensagem_da_Paz>. Acesso em: 25 maio. 2009.

REGIMENTO INTERNO DA ASSEMBLÉIA DE DEUS. Disponível em: <<http://www.assembleiadedeusbh.com.br/2008/Regimento%20Interno%202007.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2008.

SOUSA, Antonio Marco. **Cura Divina.** Disponível em: <<http://www.webservos.com.br/gospel/estudos>>. Acesso em: 12 jul. 2008.

STÉFANO, Gilberto. **Os Pentecostais, os Neo-Pentecostais, os Carismáticos.** Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org/Seitas/Pentecostalismo/PentecostaisNeoPCarismaticos-GilbertoStefano.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2008.

ANEXOS

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO

Você é convidado(a) a ser um(a) colaborador(a) da pesquisa sobre a Igreja Assembléia de Deus no Brasil. Sua contribuição será de grande valor e sua identidade ficará em sigilo. Agradecemos sua disposição em ajudar-nos.

Os usos e costumes são tratados pela Assembléia de Deus como uma tradição bíblica que além de definir sua identidade, perpetua e dissemina uma de suas principais doutrinas.

1. Comente a sua experiência sobre os casos a seguir, e, se porventura lembrar de uma música ou acontecimento que exemplifique os pontos solicitados, por favor, relate-o:
 - O uso de cabelos crescidos, pelos membros do sexo feminino
 - O uso de traje masculino, por parte dos membros do sexo feminino.
 - O uso de pinturas nos olhos, unhas e outros órgãos da face.
 - Corte de cabelos por parte das mulheres.
 - Alteração das sobrancelhas e remoção dos pêlos das pernas.
 - Uso de aparelho de televisão.

2. A disposição geográfica dos homens e mulheres nos cultos continua separados? Por quê?

3. O batismo por imersão é o símbolo usado pela igreja para apresentar o novo crente e membro da congregação.
 - O que é necessário para poder participar deste evento?
 - Os açudes e tanques eram e ainda são bastante usados, por quê?
 - Após se comprometer com o batismo, o que o membro assembleiano precisava corresponder?

4. A santa ceia é também um momento singular nesta denominação. O que ocorre na cerimônia e qual o significado que esse cerimonial representa para os participantes da igreja?

5. Este espaço está aberto, caso você deseje colocar mais alguma informação sobre Usos e Costumes na Assembléia de Deus no Brasil.

ANEXO 02 – QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Idade: _____

Ocupação na Igreja: _____

Denominação em que é filiado(a): _____

Há quanto tempo é vinculado(a) nessa denominação evangélica? _____

1. Em sua opinião, por que as enfermidades acometem as pessoas?
2. Algumas músicas distinguem enfermidades do corpo e da alma. Você sabe estabelecer essa diferença?
3. Como é possível saber que recebemos uma cura nas emoções?
4. Você já foi curado de uma ferida na alma? Se sim, como isso aconteceu?
5. O que é necessário para se receber a cura, seja física ou espiritual?
6. Cantar músicas que falam de cura ajuda no fortalecimento da fé para a possível aquisição da saúde?
7. Que músicas você gosta de ouvir ou cantar quando quer receber uma cura?
8. Quando você vai orar por algum enfermo, que expressões costuma utilizar para pedir a cura?

ANEXO 03 – ESTATUTO DA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS

CAPÍTULO I

Denominação, Seus Fins, Sede, Duração e Foro.

Art. 1º A IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS DE (EM), fundada em 1.9, conforme estatuto registrado sob o número 99.999, de 00 de setembro de 1.9..., no Cartório do 1º Ofício, reformado em 99 de dezembro de 1.9, e em 99 de dezembro de 2.000, registro número 9.999, de 99 de janeiro de 1.9, no livro A-99 e número 99.999, livro A-42, respectivamente, do Cartório do 4º Serviço Notarial e Registral de Títulos e Documentos, desta comarca, pessoa jurídica de direito privado, de natureza religiosa, sem fins econômicos, tendo por finalidade principal, a propagação do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, fundamentado na Bíblia Sagrada, bem como a constituição e manutenção de igrejas e congregações, sob o regime de filiais, com as mesmas finalidades a que se propõe a igreja central, de duração por tempo indeterminado, com sede central, na Rua X, nº Y, Bairro H – Cidade de..., Estado de..., Comarca onde tem seu foro judicial.

Art. 2º A Igreja Evangélica Assembléia de Deus de (em)..., sediada em (cidade)-(Estado), titular do CNPJ N°..., compreende a Igreja Central, seus Setores e Congregações localizadas nesta Capital, cidades e distritos do interior do Estado de... e outras cidades e/ou municípios e seus respectivos Distritos em que por ventura, no futuro, venham ser implantados novas igrejas e construídos templos, do mesmo ministério, fé e ordem, conforme inscrição no Livro de Registro de Filiais, fundadas pela Igreja central ou por ela recepcionadas, entidades subordinadas à Igreja central e regidas pelo presente Estatuto.

§ 1º - Esta instituição, suas Filiais e Congregações reger-se-ão pelo presente Estatuto em conformidade com as determinações legais e legislação pertinente à matéria em causa.

§ 2º - Como finalidade secundária, propõe-se a fundar e manter estabelecimentos culturais e assistenciais de cunho filantrópico, sem fins econômicos.

Art. 3º - Igreja Evangélica Assembléia de Deus de (em)..., suas Filiais e Congregações, por afinidade aos princípios espirituais que professam, compartilham as regras de fé e práticas doutrinárias das demais Assembléias de Deus no Brasil, reconhecendo a... (SIGLA e Nome por Extenso da Convenção e/ou Regional) e a CGADB – Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, sendo, entretanto, autônoma e competente para, por si mesma, resolver qualquer questão de ordem interna ou externa, administrativa, judicial ou espiritual, que surgir em sua Sede, Filiais e Congregações.

§ 1º Dita Igreja, embora autônoma e soberana em suas decisões, onde for compatível e de seu legítimo interesse, acatará as orientações e instruções emanadas dessas entidades convencionais, em especial, tratando-se de assuntos que resguardem a manutenção dos princípios doutrinários praticados pelas Assembléias de Deus no Brasil, em conformidade com a Bíblia Sagrada. Esta instituição, suas Filiais e Congregações reger-se-ão pelo presente Estatuto em conformidade com as determinações legais e legislação pertinente à matéria em causa.

§ 2º A Igreja se relaciona com as demais da mesma denominação, fé e ordem, obrigando-se ao respeito mútuo da respectiva jurisdição territorial, podendo, porém, voluntariamente, prestar e receber cooperação financeira e espiritual, mui especialmente na realização de obras de caráter missionário, social, como asilo, orfanato e educacional.

CAPÍTULO II

Principais Atividades

Art. 4º A Igreja enquanto ente associativo exerce as seguintes atividades:

- I – pregar o evangelho, discipular e batizar novos convertidos;
- II – através dos seus membros, priorizar a manutenção da igreja, seus cultos, cerimônias religiosas, cursos educacionais, culturais e assistenciais de cunho filantrópico;
- III – promover escolas bíblicas, seminários, congressos, simpósios, cruzadas evangelísticas, encontros para casais, jovens, adolescentes, crianças, evangelismo pessoal e outras atividades espirituais;
- IV – fundar instituições assistenciais e culturais, sem fins econômicos.

CAPÍTULO III

Dos Requisitos para a Admissão do Associado-Membro

Art. 5º A admissão ao quadro de membros da Igreja far-se-á, obedecidos os requisitos deste Estatuto, mediante conhecimento prévio das atividades e objetivos da igreja e seus pertinentes segmentos, acompanhada da declaração de aceitação das normas estatutárias em vigor firmado pelo associado, inclusive, confissão expressa que crê, respeita e concorda:

- I – na Bíblia Sagrada, como única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão;
- II – em só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo;
- III – na liturgia da igreja, em suas diversas formas e práticas, suas doutrinas, costumes e captação de recursos;
- IV – as condições expressas nos artigos 8º, 9º, seus incisos e alíneas, deste Estatuto.

CAPÍTULO IV

Dos Membros, Seus Direitos e Deveres

Art. 6º A Igreja terá número ilimitado de membros, os quais são admitidos na qualidade de crentes em Nosso Senhor Jesus Cristo, sem discriminação de sexo, nacionalidade, cor, condição social ou política, desde que aceitem voluntariamente as doutrinas e a disciplina da igreja, com bom testemunho público, batismo em águas por imersão, tendo a Bíblia Sagrada como única regra infalível de fé normativa para a vida e formação cristã.

Art. 7º São direitos dos membros:

- I – receber orientação e assistência espiritual;
- II – participar dos cultos e demais atividades desenvolvidas pela igreja;
- III – tomar parte das assembleias ordinárias e extraordinárias;
- IV – votar e ser votado, nomeado ou credenciado.

Art. 8º São deveres dos membros:

- I – cumprir o Estatuto, bem como as decisões ministeriais, pastorais e das assembleias;
- II – contribuir, voluntariamente, com seus dízimos e ofertas, inclusive com bens materiais em moeda corrente ou espécie, para as despesas gerais da igreja, atendimentos sociais, socorro aos comprovadamente necessitados, missionários, propagação do evangelho, empregados a serviço da igreja e aquisição de patrimônio e sua conservação;

- III – comparecer as assembleias, quando convocados;
- IV – zelar pelo patrimônio moral e material da igreja;
- V – prestigiar a igreja, contribuindo voluntariamente com serviços para a execução de suas atividades espirituais e seculares;
- VI – rejeitar movimentos ecumênicos discrepantes dos princípios bíblicos adotados pela igreja;
- VII – freqüentar a igreja e cuidar com habitualidade;
- VIII – abster-se da prática de ato sexual, antes do casamento ou extraconjugal.

Art. 9º Perderá sua condição de membro (associado), inclusive seu cargo e função, se pertencente à Diretoria ou ao Ministério, aquele que:

- I – solicitar seu desligamento ou transferência para outra igreja;
- II – abandonar a igreja;
- III – não pautar sua vida conforme os preceitos bíblicos, negando os requisitos preliminares de que trata o art. 5º, incisos I, II e III;
- IV – não cumprir seus deveres expressos neste estatuto e as determinações da administração geral;
- V – promover dissidência manifesta ou se rebelar contra a autoridade da igreja, Ministério e das Assembleias;
- VI – vier a falecer;
- VII – o membro que não viver de acordo com as doutrinas da Bíblia Sagrada, praticando:
 - a) o adultério (Ex 20. 14);
 - b) a fornicção (Ex 20. 14);
 - c) a prostituição (Ex 20. 14);
 - d) o homossexualismo (Lv 18. 22; 20. 13; Rm 1.26-28);
 - e) relação sexual com animais (Lv 18. 23-24);
 - f) o homicídio e sua tentativa (Ex 20. 13; 21. 18-19);
 - g) o furto ou o roubo (Ex 20. 15);
 - h) crime previsto pela lei, demonstrado pela condenação em processo próprio e trânsito em julgado (Rm 13. 1-7);
 - i) rebelião (I Sm 15. 23);
 - j) a feitiçaria e suas ramificações (Ap 22.15; Gl 5.19).

CAPÍTULO V

Do Procedimento Disciplinar

Art. 10. Ao membro acusado, é assegurado o contraditório e a ampla defesa, com os meios e recursos a ele inerentes.

Art. 11. Instaurar-se-á o procedimento disciplinar mediante denúncia que conterà a falta praticada pelo denunciado, a indicação das provas e a assinatura do denunciante dirigida ao pastor da igreja que, ato contínuo, determinará pela abertura do procedimento disciplinar.

Art. 12. Instaurado o procedimento disciplinar, o acusado será notificado do ato, para querendo, exercer o seu direito de ampla defesa.

Art. 13. Não serão objeto de prova os fatos notórios, incontrovertidos ou confessados.

Parágrafo Único – O membro só será considerado culpado após o trânsito em julgado da decisão administrativa devidamente apurada em todas as instâncias cabíveis.

Art. 14. Os membros da Diretoria da Igreja (art. 29), cumulativamente, exercem em 1ª (primeira) instância, a função de Órgão Disciplinar.

§ 1º As condições expressas nos artigos 8º, 9º, incisos e alíneas deste Estatuto, são faltas que ensejam a abertura do procedimento disciplinar contra todos os membros da Igreja.

§ 2º Sendo o caso, representante da Diretoria da Igreja, comunicará ao plenário da mesma, nos cultos administrativos ou de ensino, o desligamento do membro considerado culpado e passivo de disciplina, nos termos previstos neste Estatuto.

§ 3º Da decisão que desligar membro da Igreja, caberá recurso à Assembléia Geral Extraordinária, desde que requerido pelo membro desligado ou seu representante legal, no prazo não superior a trinta (30) dias contados da comunicação da respectiva punição.

Art. 15. Ensejam motivos para abertura do procedimento disciplinar contra os integrantes do Ministério da Igreja (pastores, evangelistas, presbíteros, diáconos e demais responsáveis por Departamentos, Conselhos, Superintendências e outros órgãos de apoio) as faltas previstas nos artigos 8º e 9º, incisos e alíneas, além destas, mais as seguintes:

- I – a desídia no desempenho das atribuições eclesiásticas;
- II – o descumprimento das decisões administrativas;
- III – a improbidade administrativa;
- IV – a prevaricação.

§ 1º Uma vez instaurado o procedimento disciplinar, o membro do Ministério da Igreja denunciado será afastado de suas funções, até a decisão final.

§ 2º Tratando-se de acusação contra o Pastor Presidente ou membro da Diretoria da Igreja, encerrada a instauração e procedendo a acusação, o Presidente da Diretoria ou seu substituto legal, convocará sessão extraordinária da Assembléia Geral para a comunicação da denúncia, indiciamento do acusado e criação da respectiva Comissão Disciplinar, que será composta por sete pastores, pessoas que não façam parte da Diretoria, e pelo menos um (01), deve ser formado em Direito.

§ 3º Os membros da Igreja, inclusive os que compõem o quadro ministerial, independentemente do cargo ou função que ocupe em favor desta, estão sujeitos às seguintes penalidades:

- I – advertência;
- II – suspensão;
- III – desligamento.

§ 4º Por decisão da Assembléia Geral, será permitida a readmissão do associado, mediante pedido de reconciliação e nova proposta de aceitação das condições previstos no art. 5º e incisos.

§ 5º As penalidades previstas nos incisos I, II e III, do § 3º, acima, serão dosadas e aplicadas de acordo com a gravidade da falta, conforme previsto no Regimento Interno desta Igreja.

CAPÍTULO VI

Dos Recursos, Aplicações e Patrimônio.

Art. 16. Os recursos serão obtidos através de ofertas, dízimos e doações de quaisquer pessoas, física ou jurídica, que se proponha a contribuir, e outros meios lícitos.

Art. 17. Todo movimento financeiro da igreja será registrado conforme exigências técnicas e legais que assegurem sua exatidão e controle.

Art. 18. A patrimônio da igreja compreende bens imóveis, veículos e semoventes, que possua ou venha possuir, na qualidade de proprietária, os quais serão em seu nome registrados, e sobre os quais, exercerá incondicional poder e domínio.

§ 1º Os recursos obtidos pela Igreja e seus segmentos oficiais, conforme disposto neste Capítulo (VI), integram o patrimônio da igreja, sobre os quais, seus doadores não poderão alegar ter direitos, sob nenhum pretexto ou alegação.

§ 2º Aquele que, por qualquer motivo, desfrutar do uso de bens da igreja, cedido em locação, comodato ou similar, ainda que tática e informalmente, fica obrigado a devolvê-los quando solicitado e no prazo estabelecido pela Diretoria, nas mesmas proporções e condições de quando lhes foram cedidos.

§ 3º A Igreja, suas Filiais e Congregações, não responderão por dívidas contraídas por seus administradores, obreiros ou membros, salvo quando realizadas com prévia autorização, por escrito, do seu representante legal, nos limites deste Estatuto e legislação própria.

§ 4º Nenhum membro da igreja responderá, pessoal, solidária ou subsidiariamente, pelas obrigações assumidas por obreiros ou administradores, porém, responderá esta com seus bens, por intermédio do seu representante legal.

Art. 19. Em caso de total dissolvência da Igreja Evangélica Assembléia de Deus de (em)...., todos os seus bens reverterão em favor da Convenção Regional e/ou Estadual que a Igreja estiver ligada.

Parágrafo Único – Na hipótese de uma cisão, o patrimônio da Igreja ficará com o grupo que, independentemente do seu número, permanecer vinculado a Igreja sede e Convenção Regional e/ou Estadual que a Igreja estiver ligada.

CAPÍTULO VII

Das Assembléias

Art. 20. A Assembléia Geral é constituída por todos os membros da Igreja que não estejam sofrendo restrições de seus direitos na forma prevista neste estatuto; é o órgão máximo e

soberano de decisões, com poderes para resolver quaisquer negócios da Igreja, inclusive, decidir, aprovar, reprová, ratificar ou retificar os atos de interesse da Igreja realizados por qualquer órgão da mesma, suas Filiais e Congregações, presidida pelo Pastor Presidente, e as deliberações serão tomadas pela maioria simples de voto, salvo disposições em contrário previstas neste Estatuto.

Parágrafo Único – A convocação far-se-á mediante aviso de púlpito e/ou edital de convocação no local de avisos, com antecedência mínima de 15 (quinze) dias.

Art. 21. Conforme a natureza dos assuntos a serem tratadas, as Assembléias convocadas poderá ser Ordinária ou Extraordinária.

Art. 22. A Assembléia Geral Ordinária será realizada uma vez por ano, no mês de janeiro, para, mediante o sistema de aclamação ou por escrutínio secreto, promover a eleição da Diretoria, exceto do Pastor Presidente, e dos demais membros da Comissão de Exames de Contas.

Parágrafo Único – Os pastores dos Setores e das Igrejas filiadas, os Superintendentes da Escola Bíblica Dominical, os responsáveis pela Secretaria de Missões, pelos departamentos da Igreja, Assessorias Jurídicas e de Comunicação e Equipes diversas, serão indicados pela Mesa Diretora, “ad referendum” da Assembléia Geral.

Art. 23. A Assembléia Geral Extraordinária se reunirá, a qualquer tempo, para tratar de assuntos urgentes de legítimo e exclusivo interesse da Igreja, nos casos que justifiquem a referida convocação especial, tais como:

I – alterar o Estatuto;

II – elaboração ou alteração de Regimentos ou Atos Normativos;

III – oneração, alienação, cessão ou locação de bens patrimoniais;

IV – autorização para contratação de empréstimos, financiamentos ou obrigações que comprometam isoladas ou cumulativamente, mais de 30% (trinta por cento) da receita média mensal da Igreja nos últimos 12 (doze) meses;

V – casos de repercussão e interesse da geral da Igreja omissos neste estatuto;

VI – destituir os administradores;

VIII – deliberar sobre recurso interposto da decisão que disciplinar membro ou obreiro da Igreja;

IX – conhecer dos relatórios anuais de funcionamento dos órgãos da administração da Igreja.

Parágrafo Único – Para as deliberações a que se referem os incisos I e VI, é exigido o voto concorde de dois terços dos presentes à assembléia especialmente convocada para esse fim, não podendo ela deliberar, em primeira convocação, sem a maioria absoluta dos membros, ou com menos de um terço nas convocações seguintes.

Art. 24. É facultado ao membro ser representado por procurador, na Assembléia da Igreja que deliberar sobre matéria constante dos incisos I e VI do artigo 23, devendo o instrumento de procuração conter, obrigatoriamente:

I - os poderes outorgados;

II - a identificação da Assembléia;

III - o período de validade da procuração;

IV - as respectivas identificações civis e da Igreja do outorgante e outorgado.

Parágrafo único. Para os fins deste artigo o outorgante e outorgado deverão estar no pleno cumprimento deste Estatuto.

Art. 25. A convocação de uma assembléia geral será feita na forma deste estatuto ou por solicitação de 1/5 (um quinto) dos membros da Igreja, através de memorial encaminhado à Diretoria da Igreja, na pessoa do Pastor Presidente, como devido protocolo, contendo os nomes, as assinaturas, os números de cartões de membros, bem como o motivo da realização da mesma, sendo obrigatória a sua realização sob pena de responsabilidade do Pastor Presidente da Igreja em causa.

Art. 26. As matérias constantes nos incisos II, III, IV e V do artigo 23, deste Estatuto, serão aprovadas por voto concorde da maioria simples dos membros presentes em uma assembléia geral, ressalvado o disposto no parágrafo único do artigo 23 deste estatuto.

CAPÍTULO VIII

Da Administração

Art. 27. A Diretoria, órgão de direção e representação da Igreja Evangélica Assembléia de Deus de (em)..., é composta de:

I – Presidente;

- II – 1º Vice-Presidente;
- III – 2º Vice-Presidente;
- IV – 1º Secretário;
- V – 2º Secretário;
- VI – 1º Tesoureiro;
- VII – 2º Tesoureiro;

§ 1º O pastor da Igreja sede é o seu Diretor-Presidente e seu mandato será por tempo indeterminado, observado as disposições estatutárias;

I – Regularmente, no mínimo uma vez a cada trimestre, os relatórios financeiros e a contabilidade da Igreja, conferindo se os documentos, lançamentos e totalizações estão corretos e dar o parecer nas Assembléias, recomendando implantação de normas que contribuam para melhor controle do movimento financeiro da Igreja, quando for o caso;

II – o cumprimento das obrigações financeiras assumidas pela Igreja ou entidades por ela lideradas, envio de ofertas missionárias, e outros compromissos;

III – o cumprimento das obrigações trabalhistas, previdenciárias, tributárias e outras perante os órgãos públicos em geral § 2º Excetuando-se o Pastor Presidente, todos os membros da Diretoria serão eleitos em Assembléia Geral Ordinária, conforme art. 22, e empossados imediatamente, e terão mandato de 1 (um) ano, permitida a recondução e permanecerão em seus cargos até a posse de seus substitutos;

§ 3º A Comissão de Exame de Contas, composta de 3 (três) membros efetivos com igual número de suplentes, eleitos em Assembléia, com mandato coincidente ao da Diretoria, nomeado dentre eles, pela Diretoria, o Presidente e o Relator, sendo vedado para eles à ocupação de cargos passíveis de auditoria, e imprescindível, ao menos para o Relator, a qualificação técnica para o desempenho de suas funções, a qual compete examinar:

Art. 28. A Diretoria exercerá suas funções gratuitamente, estando os seus membros cientes de que não poderão exigir ou pretender remuneração de qualquer espécie, bem como a participação de lucros, dividendos, bonificações ou vantagens do patrimônio ou rendas da Igreja, sob qualquer forma ou pretexto.

Art. 29. Compete à Diretoria, como órgão colegiado:

- I – Exercer as funções de órgão disciplinar da Igreja, em 1ª (primeira) instância;
- II – elaborar e executar o programa anual de atividades;
- III – contratar e demitir funcionários, fixando-lhes a remuneração;
- IV – homologar, de conformidade com o estabelecido em seus respectivos estatutos, os membros da Diretoria e outros órgãos das Entidades da Igreja;
- V – indicar os nomes dos pastores dirigentes de suas Igrejas, Setores e Filiais, os membros responsáveis pelos Departamentos, Superintendência, Comissões de Assessoria e equipes;
- VI – nomear, pela indicação do Presidente, os membros de Comissões ou Coordenadorias Especiais para assuntos jurídicos, imprensa e outras, que servirão de assessoria para a Diretoria.
- VII – desenvolver atividades e estratégias que possibilitem a concretização dos alvos prioritários da Igreja;
- VIII – primar pelo cumprimento das Normas da Igreja;
- IX – elaborar os Atos Normativos que se fizerem necessários;
- X – administrar o patrimônio geral da Igreja em consonância com este estatuto;
- XI – comunicar eventuais desligamentos de membros da Igreja.

Art. 30. Ao Presidente compete:

- I – representar a Igreja, ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente, inclusive, se necessário, constituir procurador para a defesa da Igreja;
- II – convocar e presidir as Assembléias Ordinárias e Extraordinárias;
- III – apresentar alvos prioritários à Igreja;
- IV – participar ex-officio de todas as suas organizações, podendo fazer-se presente a qualquer reunião, independentemente de qualquer convocação;
- V – zelar pelo bom funcionamento da Igreja;
- VI – cumprir e fazer cumprir o Estatuto;
- VII – supervisionar as Igrejas filiadas, Departamentos, Superintendência, Comissões e Equipes da Igreja;
- VIII – autorizar despesas ordinárias e pagamentos;
- IX – assinar com o Secretário Atas das Assembléias, Ministério, Presbitério e da Diretoria;
- X – abrir, movimentar e encerrar contas bancárias, em nome da Igreja, juntamente com Tesoureiro;
- XI – assinar as Escrituras Públicas e outros documentos referentes às transações ou averbações imobiliárias da Igreja, na forma da lei;

XII – praticar, ad referendum da Diretoria, atos de competência desta, cuja urgência recomende solução imediata;

XIII – indicar o Co-pastor, que exercerá a função de auxiliar o Pastor-presidente ou quem suas vezes fizer, na realização e administração dos cultos e cerimônias religiosas em geral.

Art. 31. Compete aos Vice-Presidentes, pela ordem:

I - substituir, interinamente, o Presidente em suas ausências ou impedimentos ocasionais, sucedendo-o em caso de vacância;

II – auxiliar o Presidente no que for necessário.

Art. 32. Compete aos Secretários, por sua ordem de titularidade ou em conjunto:

I – secretariar as Assembléias, lavrar as atas e as ler para aprovação, providenciando, quando necessário, o seu registro em Cartório;

II – manter sob sua guarda e responsabilidade, os Registros de Atas, Casamentos, Batismos em Águas, Rol de Membros, e outros de uso da Secretaria, deles prestando conta aos Secretários eleitos para a gestão seguinte;

III – assessorar o Presidente no desenvolvimento das Assembléias;

IV – manter atualizado o rol de membros da Igreja;

V – expedir e receber correspondências relacionadas à movimentação de membros;

VI – elaborar, expedir ou receber outros documentos ou correspondências decididas pela Assembléia, ou pela Diretoria, bem como receber as que se destinarem à Igreja;

VII – manter em boa ordem os arquivos e documentos da Igreja;

VIII – nas reuniões da Diretoria, assessorar o Presidente, elaborando as respectivas Atas, e anotando as propostas que devem ser encaminhadas à Assembléia;

IX – elaborar e ler Relatórios da Secretaria, quando solicitado pelo Presidente;

X – outras atividades afins.

Art. 33. Compete aos Tesoureiros, em sua ordem de substituição ou em conjunto, executar, supervisionar e controlar as atividades relacionadas a:

I – recebimento e guarda dos valores monetários;

II – pagamentos autorizados, mediante comprovantes revestidos das formalidades legais;

III – abrir, movimentar e encerrar contas bancárias, em nome da Igreja, juntamente com Presidente;

IV – elaboração e apresentação de relatórios, mensais e anuais;

V – contabilidade;

VI – obrigações trabalhistas, previdenciárias, tributárias e outras perante os órgãos públicos, inclusive as relativas a construções;

VII – elaboração de estudos financeiros e orçamentos, quando determinados, observados os critérios definidos;

VIII – outras atividades afins.

Art. 34. Os membros da Diretoria da Igreja não serão responsáveis pelas obrigações que contraírem em nome da Igreja, em virtude de ato regular de gestão, respondendo, porém, civil, penal e administrativamente, quando for o caso, por violação da lei, deste estatuto e de outros atos normativos da Igreja.

Art. 35. A vacância ocorrerá nos seguintes casos: jubilação e/ou aposentadoria por invalidez, transferência, morte, renúncia, abandono, desligamento da Igreja por transgressão administrativa ou espiritual devidamente apurada.

Parágrafo Único – Ocorrendo vacância da Presidência, o 1º Vice-Presidente convocará a Assembléia Geral Extraordinária, no prazo de 30 (trinta) dias para eleger o novo Presidente.

CAPÍTULO IX

Da Separação de Obreiros

Art. 36. A separação de Diáconos e Presbíteros é ato da competência da Igreja, conforme preceitos bíblicos.

Parágrafo Único – Fica a cargo da Convenção Estadual e/ou Regional a aprovação e ordenação dos Ministros, Evangelistas e Pastores, indicados pela Igreja de que trata este Estatuto.

CAPÍTULO X

Da Jurisdição e das Igrejas e Congregações Filiadas

Art. 37. O campo de atuação ministerial da Igreja abrange em sua jurisdição administrativa e territorial a sede, os bairros, distritos e municípios onde mantém igrejas e congregações filiadas, que são subordinadas à Igreja Central.

Art. 38. Todos os bens imóveis, veículos ou semoventes da Igreja sede, das Igrejas e Congregações filiadas, bem como quaisquer valores em dinheiro, pertencem legalmente, de fato e de direito, à IGREJA SEDE, sendo a fiel mantenedora das mesmas, estando, portanto, tudo registrado em seu nome, conforme a legislação vigente do país.

§ 1º – A Igreja exercerá incondicionalmente e a qualquer tempo os poderes de domínio e propriedade sobre os referidos bens patrimoniais.

§ 2º – No caso de cisão, nenhuma Igreja ou Congregação filiada, terá direito sobre os bens patrimoniais da Igreja ou Congregação sob sua guarda e responsabilidade direta, ainda que os dissidentes sejam a maioria da Igreja ou Congregação filiada em referência, pois esses bens pertencem à Igreja sede (matriz).

Art. 39. É vedado às Igrejas ou Congregações filiadas, pelos seus dirigentes, praticar qualquer operação financeira estranha as suas atribuições, tais como: penhora, fiança, aval, empréstimo bancário ou pessoal, alienação ou aquisição de bens patrimoniais, bem como registrar em Cartório Ata ou estatuto, sem deliberação prévia e por escrito do representante legal da Igreja Sede, sendo nulo de pleno direito qualquer ato praticado que contrarie o presente Estatuto.

Art. 40. As Igrejas e Congregações filiadas prestarão contas de suas atividades e movimento financeiro periodicamente, conforme determinado pela Diretoria, em relatórios preenchidos com toda a clareza, e com a respectiva documentação probante anexada.

Art. 41. É de competência da Diretoria o gerenciamento dos movimentos financeiros das Igrejas e Congregações filiadas. Despesas ou melhorias somente poderão ser realizadas após prévia autorização do colegiado de diretores.

Art. 42. A emancipação de qualquer igreja filiada somente poderá ocorrer com a observância de todas as condições deste artigo:

- I – proposta do Pastor-Presidente com deliberação favorável do Ministério e da Igreja, através de Assembléia Geral Extraordinária específica;
- II – aprovação do Estatuto da nova Igreja nesta mesma Assembléia Geral Extraordinária;
- III – obrigações patrimoniais, financeiras e sociais em dia, inclusive perante a Igreja Sede.

CAPITULO XI

Das Disposições Gerais

Art. 43. A Igreja, como pessoa jurídica, legalmente habilitada perante os poderes públicos, responderá com os seus bens pelas obrigações por ela contraídas.

Art. 44. Qualquer membro que ocupar cargos na Diretoria, Comissão de Exame de Contas ou direção de Igrejas e Congregações filiadas, e deseja candidatar-se, a cargo eletivo da política secular ou qualquer outro empreendimento incompatível com as suas atribuições administrativas ou ministeriais, deverá afastar-se de suas atividades enquanto perdurar seu intento.

Parágrafo Único – Findando o período de campanha eleitoral, o membro afastado poderá ser reintegrado, a critério da Diretoria ou do Ministério da Igreja, desde que não tenham ocorrido fatos que desabonem sua conduta.

Art. 45. Observado as ressalvas expressas nos artigos 23 e 24, seus parágrafos e incisos, este Estatuto somente poderá ser reformado, parcial ou totalmente, em casos especiais, por deliberação favorável de 2/3 (dois terços) dos membros em Assembléia Geral Extraordinária, convocada para esse fim, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias, mediante proposta previamente aprovada pela Diretoria.

Art. 46. A Igreja somente poderá ser extinta por sentença judicial ou por Aprovação unânime de todos os seus membros em comunhão, reunidos em Assembléia Extraordinária convocada para esta finalidade, com a participação de representante credenciado pela Convenção Estadual e/ou Regional a que a Igreja esteja ligada.

Parágrafo Único – Em caso de dissolução, depois de pagos todos os compromissos, os bens da Igreja reverterão em benefício da Convenção Estadual e/ou Regional, ou ainda conforme dispuser resolução da Assembléia Extraordinária convocada para esta finalidade.

Art. 47. São órgãos de Apoio Administrativo que funcionam vinculados à Diretoria da Igreja:

I – a Comissão de Exame de Contas;

II – a Comissão de Conselho e Doutrina;

III – o Departamento de Patrimônio;

IV – o Departamento Pessoal;

V – o Departamento de Obras.

Art. 48. E Aos órgãos de Apoio Administrativo competem assessorar a Diretoria nas áreas específicas, emitindo parecer sempre que solicitado.

Parágrafo Único – As especificações funcionais, atribuições e demais atividades dos Órgãos de Apoio Administrativo de que trata o art. 51 e incisos, de I a V, serão detalhados e regulamentados no corpo do Regimento Interno, Regulamentos e Atos Normativos.

Art. 49. Os Regimentos Internos, Regulamentos e Atos Normativos da Igreja e suas Entidades assistenciais não poderão contrariar os termos deste Estatuto.

Parágrafo Único – Novas entidades jurídicas, ao serem criadas, poderão elaborar seus Estatutos e Regimentos, observados os princípios estabelecidos neste Estatuto.

Art. 50. Os casos omissos no presente Estatuto serão resolvidos pela Assembléia Geral.

Art. 51. Este Estatuto revoga o anterior, registrado sob o nº 99.999, Protocolo nº 999.999, no livro nº A-99, do 9º Serviço Notarial e Registral de Títulos e Documentos, em 99/99/9999, da Comarca da Cidade de...(Cidade) – (Estado), e passa a vigorar após a aprovação e registro em Cartório competente, cuja certidão deverá ser encaminhada à Secretaria da Convenção Estadual e/ou Regional, ficando revogados disposições ao contrário.

Cidade, Estado, Data e Assinatura abaixo.